

# **Fábrica da Criatividade de Óbidos: estudo exploratório e perceções sociais**

**Luizinho Conceição Leal**

**Lisboa 2013**

---

**Mestrado em ARTE e EDUCAÇÃO**

**Fábrica da Criatividade de Óbidos:  
estudo exploratório e perceções sociais**

**Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Arte  
e Educação**

**Mestrando: Luizinho Conceição Leal**

**Orientador: Professor Doutor Amílcar Martins**

**Lisboa 2013**

## Resumo

A Fábrica da Criatividade é um programa educativo da responsabilidade do município de Óbidos, que visa ensaiar e explorar diferentes possibilidades para uma futura autonomia. Contextualiza-se num plano político intencional tendo como pilares a criatividade, a inovação e o empreendedorismo. Não sendo vulgar os municípios proporem e implementarem modelos educacionais num estado centralizador, o presente estudo visa compreender e descrever o âmago do modelo deste projeto abordando a perspectiva do autor-município, a implementação num quadro social particular e, fundamentalmente, a perceção dos habitantes/representantes sociais.

Sendo a criatividade o epicentro deste programa, estudam-se as relações com outros conceitos nomeadamente a imaginação, a fantasia, as inteligências, a memória e o pensar. Clarifica ainda o seu enquadramento no ensino formal, as correntes ideológicas de descentralização, os argumentos da pretensa liberdade de investir no seu modelo, a contextualização da criatividade e a opção política local. São ainda contempladas as variadas atividades e o posicionamento da Fábrica num plano de afirmação e enraizamento perante as dificuldades e obstáculos locais.

Desenvolve-se a pesquisa qualitativa, iniciada a partir de uma metodologia de análise documental, centrando-se na “política” da criatividade e, ulteriormente, no plano educacional. Fundamenta-se em documentos concebidos e usados internamente como instrumentos de gestão. Numa segunda fase, realizam-se contactos pessoais com diferentes entidades destacando-se instituições, associações de pais e encarregados de educação, pais não associados, alunos, animadores, atelieristas, séniores e professores do ensino formal. Por fim, o contributo pessoal proveniente da condição de observador / participante / autóctone e professor, com conhecimento dos contextos municipal, autárquico, artístico-associativista e profissional de ensino.

Concluiu-se que a Fábrica não é conhecida pela grande maioria dos representantes sociais, os quais não a entendem e questionam o modo da sua divulgação. Com efeito, constata-se que o respetivo projeto não tem sido comunicado nem esclarecido perante as

entidades locais, sendo urgente que tal seja corrigido em benefício do próprio investimento e êxito que justamente deve (e merece) ser atingido.

**Palavras-chave:** Fábrica, criatividade, educação, autarquia, percepções.

## Abstract

The creative factory (*Fábrica da Criatividade*) is an educational program developed by the local assembly hall which pertains to explore different possibilities for a truly future autonomy. It is inserted in an intentional political plan which relies on different concepts such as creativity, innovation and futurism. Although it is not common this projects being developed by the local assemblies, this study aims to understand and describe this educational program. It also describes the local perspectives, its context in the social portrait and the right perception of the inhabitants about it.

Once creativity is the centre of the program, this work studies the connection with other concepts such as imagination, fantasy, intelligence, memory and way of thinking. It also clarifies its context in formal teaching activities, in social decentralization, in model investing and in the creativity, as a local political option. It still relies on different activities and their position in the project, in order to state within the local difficulties.

This study is mainly qualitative and begins with a documental analysis, based on the political creativity and, secondly, in the educational plan. It is firstly supported by documents used in the internal management. In a second phase, personal contacts with different entities are made, such as institutions, parent's unions, students, seniors and formal teaching professors. Finally, it is taken into account the personal opinion about the whole project as a self-view professional in the social context.

It is concluded that creative factory is not known by the great majority of social representatives, who do not understand it and wonder about its disclosure. In fact, the project has not been clarified in local entities. This turns it into an emergent problem to solve, in a way to correct the main investment and success that this project deserves.

**Keywords:** Factory, Creativity, Education, Assembly, Perceptions

## ***Dedicatória***

Ao concelho de Óbidos, tão heterogéneo, com potencialidades que urgem ser despertadas no seu interior.

Aos meus bons colegas da Escola D. João II de Caldas da Rainha, que tanto me ensinaram a ser Professor.

Aos meus ex-alunos que enriqueceram as minhas experiências pedagógicas.

## ***Agradecimentos***

Aos meus Professores da Universidade Aberta, Professores Doutores António Monteiro, Cláudia Neves, Filipa Seabra, Glória Bastos, Maria do Céu Marques e particularmente ao meu orientador Professor Doutor Amílcar Martins pela serenidade, proximidade, acompanhamento, incentivo, crença, respeito, exigência, estímulo, imparcialidade e...amizade que senti honrando-me e rejubilando-me como aluno (já distante da juventude), fortalecendo-me.

Ao MAE III, pelo apoio, companheirismo, proximidade e estímulo, valores que propiciaram um bom ambiente académico. Deixa-me saudade.

A todos os que colaboraram com as suas valiosas opiniões para a redação deste trabalho e me confiaram as suas mágoas, inquietudes, preocupações, disponibilidade e entusiasmo com a educação e as artes.

Ao Presidente da Câmara de Óbidos, adjuntos, gabinete local de educação e colaboradores, professores, animadores, pais, autarcas, dirigentes associativos, empresários e obidenses de outros tempos.

Ao meu suporte familiar: Adelina, Rodolfo Oliveira Leal, familiares próximos e...à minha falecida mãe Olívia da Conceição Ferreira.

**ÍNDICE GERAL**

Resumo.....	I
Abstract.....	III
Dedicatória.....	IV
Agradecimentos.....	IV
Introdução.....	1
A problemática.....	3
Questão de partida.....	4
Objetivos.....	4
Capítulo I – QUADRO CONTEXTUAL E TEÓRICO-CONCETUAL.....	5
Introdução ao capítulo.....	5
1. A criatividade.....	6
1.1. Para melhor compreensão deste conceito (propostas de definição do indefinível).....	6
1.1.1. A memória e a relação com a criatividade.....	7
1.1.2. Criatividade... imaginação?.....	8
1.1.3. Criatividade... fantasia? Invenção?.....	9
1.1.4. A criatividade... inteligência?.....	9
1.1.5. As várias inteligências e a criatividade.....	10
1.1.6. O Pensar... na criatividade.....	11
1.1.7. O indivíduo criador e o processo criativo.....	12

1.1.8. A asfixia da criatividade no sistema centralizado de ensino ou o da conformidade.....	13
1.2. A Educação Ministerial .....	15
1.2.1. Porque se centraliza? .....	16
1.2.2. Critérios de centralização .....	16
1.2.3. Corrente da descentralização .....	18
1.2.4. Os fundamentos do pensamento da descentralização.....	19
1.2.5. Alguns modos de descentralização.....	21
1.3. A autonomia .....	21
1.3.1. O conceito.....	21
1.3.2. Os riscos da Autonomia (ou os vários tipos).....	23
1.3.3. A prevenção ... dos riscos da autonomia .....	24
1.3.4. A subsidiariedade .....	25
1.3.5. Um recente “exemplo” de autonomia: despacho normativo 13-A/2012, de 5 de Junho .....	26
1.3.6. E a portaria 265/12 de 30 de agosto... a verdadeira abertura?.....	28
1.4. A autarquia de Óbidos .....	29
1.4.1. A “genética” da ruralidade e os novos desafios .....	29
1.4.2. A criatividade em contexto de opção e estratégia .....	30
1.4.3. A visão política na Educação Municipal .....	31
1.4.4. O enquadramento legal sobre as incumbências da Autarquia na Educação.....	33

1.4.5. A carta educativa de Óbidos .....	34
1.4.6. A organização escolar.....	37
1.4.7. O discurso autárquico relativo ao projeto municipal de educação .....	38
Conclusão do capítulo .....	39
Capítulo II - METODOLOGIA .....	41
Tipo de pesquisa .....	41
A amostragem.....	41
A ética.....	42
A recolha de dados .....	43
A análise de dados .....	44
Capítulo III - O CONTEXTO SOCIODEMOGRÁFICO .....	45
Introdução.....	45
3.1. As raízes de um subdesenvolvimento (ou as adversidades) .....	45
3.2. O contexto do séc. XX até 1980 .....	47
3.3. A intervenção autárquica 1981-2001 (ou a transformação) .....	49
3.4. A criatividade na dimensão da política global do município .....	53
3.5. O plano local de ação (localismo) .....	54
3.6. O Maio Criativo de 2012.....	57
3.7. O organograma municipal da criatividade .....	58
Resumo do capítulo .....	59
Capítulo IV – O PROJETO DA FÁBRICA DA CRIATIVIDADE.....	60

Introdução.....	60
4.1. Antes do ponto de partida para o projeto educacional (ou da Fábrica) .....	60
4.2. O Projeto Crescer Melhor (2003) .....	61
4.3. O projeto de Educação Criativa (2009) .....	63
4.4. O ateliê criativo (2010).....	64
4.5. Ponto de partida da Fábrica da Criatividade.....	64
4.6. A importância do processo criativo como referência da Fábrica da Criatividade .....	65
4.7. Fábrica da Criatividade.....	67
4.7.1. Objetivos da Fábrica.....	68
4.7.2. Arte e Leitura na Educação .....	70
4.7.3. A Viagem.....	72
4.7.4. Identidade .....	72
4.7.5. Ateliês Criativos .....	74
4.7.6. Oficinas Criativas Itinerantes .....	77
4.7.7. Oficinas Contos Itinerantes .....	78
4.7.8. Óbidos Anima.....	79
4.7.9. Diário Gráfico e Passaporte da Criatividade .....	81
4.7.10. Laboratório de Ideias .....	81
4.7.11. Festival da Criatividade .....	82
4.7.12. Ações Complementares .....	83

4.8. O organigrama .....	83
Resumo do Capítulo .....	84
Capítulo V – IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO E TRAJETÓRIA FUTURA .....	85
Introdução .....	85
5.1. Plano Estratégico para a Educação de Óbidos.....	85
5.1.1. Os objetivos (ou a missão) .....	86
5.1.2. A visão do plano .....	87
5.1.3. Princípios e estratégias de ação .....	87
5.1.4. Os intervenientes no plano .....	90
5.1.5. Coordenação / liderança .....	91
5.1.6. Monotorização / avaliação.....	91
5.2. O modelo referencial de <i>Reggio Emilia</i> e outros.....	92
5.3. Implementação do projeto da Fábrica da Criatividade, ano letivo 2011/2012.....	93
5.3.1. Complexo do Alvito .....	94
5.3.2. Complexo dos Arcos .....	96
5.3.3 Complexo do Furadouro.....	99
5.3.4. Abrangência e articulação pontual com outros ciclos .....	101
5.4. A Fábrica da Criatividade (2011) e o PEEO (2012).....	103
5.5. Parcerias com outras entidades externas .....	106
5.6. Os vasos comunicantes da Fábrica com a programação municipal.....	108
5.7. As expectativas do investimento na criatividade ao nível da educação local .....	110

O resumo do capítulo.....	111
Capítulo VI - AS PERCEÇÕES DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS .....	112
A introdução .....	113
6.1. As representações políticas locais .....	113
6.1.1. Elenco camarário (na voz do Presidente) .....	114
6.1.2. A visão das restantes forças políticas .....	115
6.1.3. A perceção das Juntas de Freguesia .....	117
6.2. As representações cívicas .....	119
6.2.1. Associações .....	119
6.2.2. Institucionais.....	121
6.3. As representações empresariais .....	122
6. 4. Da Escola.....	124
6.4.1. A perceção da Associação de Pais.....	124
6.4.2. O aluno e a sua atitude/protagonismo nas relações com a Fábrica da Criatividade (o sujeito de Ronald Légendre).....	126
6.4.3. Os agentes (atelieristas, animadores, professores) e a sua perceção .....	127
6.4.4. O objeto .....	131
Resumo do capítulo .....	131
Notas conclusivas .....	133

## ÍNDICE DE QUADROS

Quadro I - Bloqueios à criatividade / formas criativas de lutar contra bloqueios .....	14
--	----

Quadro II - Criatividade – atividades do plano local de ação ( <i>local action plain</i> ).....	55
Quadro III - Complexo do Alvito: oferta de escola / oferta da Fábrica.....	95
Quadro IV - Complexo dos Arcos: oferta de escola / oferta da Fábrica .....	98
Quadro V - Complexo do Furadouro: oferta de escola / oferta da Fábrica .....	100
Quadro VI - Descrição dos objetivos da Fábrica (2011) comparativa com o PEEO (2012) .....	104
Quadro VII - Órgãos e atividades da Escola / oferta da Fábrica .....	128

## ÍNDICE DE FOTOS

Foto 1 - “ <i>placard</i> ” do Ateliê do Furadouro.....	94
Foto 2 - – “ <i>Sofás</i> ”, ateliê do Alvito .....	95
Foto 3 - “ <i>O corpo</i> ”, ateliê dos Arcos .....	97
Foto 4 - “ <i>Chávena</i> ” para o evento <i>Óbidos Vila Natal (2012)</i> .....	100
Foto 5 - exposição “ <i>Pensar Colorido</i> ” .....	103
Foto 6 - “ <i>Pensar Colorido</i> ” (2012) .....	108
Foto7 - Vista parcial de Óbidos em feira medieval (cerca do Castelo).....	112

## Introdução

*Uma dissertação não serve para mostrar que se sabe muito, mas antes para contribuir para resolver um problema.*

(Amílcar Martins)

O objeto pretende compreender qual a perceção das representações sociais sobre o projeto municipal de ensino, denominado “Fábrica da Criatividade”. Fundamentalmente estudar a visão/observação/conhecimento deste projeto e a sensibilização para tal por quem, sendo munícipe (criança, adulto, sénior, representante sufragado ou não) integra os fiéis destinatários das opções tomadas pelo município.

O problema do estudo abrange várias realidades: a dinâmica histórica, turística e cultural de Óbidos intramuros, as particularidades rurais dos seus lugares e freguesias herdeiras de hábitos e costumes no pensar e agir de forma fechada, a realidade escolar com imagem pública adversa quanto ao rendimento, o enquadramento da criatividade numa *Fábrica*, a relação de outros conceitos que (a)normalmente se confundem com fantasia, imaginação, inteligência e pensamento, como se integra com o ensino formal e as suas relações de convivência, como pode o projeto municipal autonomizar-se e as razões de opção e argumentação pela Autarquia.

A importância para a comunidade científica residirá na oportunidade de descrever e publicitar o conhecimento de um projeto municipal de educação que pugna pela autonomia num ambiente estatal centralizador. Conhecer também a sua concetualização, as experiências antecedentes, a implementação, sucessos e adversidades e proporcionar reflexões decorrentes do *modus operandi* da perceção social, bem como os efeitos

contributivos desta no sentido de, porventura, validar ou corrigir o que for entendido por...e para bem.

A metodologia da investigação qualitativa incidiu, num primeiro momento, na análise de documentos em suporte informático cedidos pela Autarquia através dos seus quadros intermédios, permitindo uma perceção global do modelo educacional. Seguiu-se o seu enquadramento no contexto teórico, concetual e legislativo pela descrição. Num segundo momento partiu-se para o trabalho de campo junto dos representantes sufragados, as forças políticas, os pais, os alunos, os agentes e animadores, algum associativismo ligado às artes e educação e o meio empresarial. A dissertação desenvolver-se-á por um primeiro capítulo sobre o enquadramento teórico-concetual, onde se refletirá sobre o conceito da criatividade, as suas “variações”, a relação com o ensino formal centralizador, as variantes da autonomia e o pensamento do modelo municipal. O segundo capítulo abordará a metodologia. O terceiro, preocupar-se-á em dar a conhecer a realidade social do concelho para melhor se compreender o contexto de incidência da criatividade e da sua opção “política”. O quarto, descreverá a conceção teórica da Fábrica da Criatividade. O quinto, analisará a sua implementação e relações com o ensino formal local (agrupamento de escolas). No sexto, registar-se-á o trabalho de campo junto dos representantes sociais, seguindo-se as (quatro) conclusões com propostas.

## A problemática

A problemática... «conjunto dos problemas postos por um domínio do pensamento ou da ação» (Dicionário Porto Editora, 5ª edição, sem data). Portanto, consideramos primeiramente as dificuldades de articulação/integração, crescimento, afirmação de um pretendido paradigma de ensino de matriz municipal, tendo como marca a criatividade que se “confrontam” com uma tradição ministerial habitualmente centralizadora que jamais abdica do seu currículo formal. Em segundo lugar: como reagem as mentes locais a esta problemática? Será que a apercebem? Terão conhecimento que a autarquia defende e ensaia atualmente o seu próprio modelo? Saberão que o mesmo é inspirado em pedagogias internacionais? Percecionarão que o Ministério diverge profundamente desta corrente, atribuindo a primazia (não só mas muito) a aspetos linguísticos e lógico-matemáticos, matérias determinantes para avaliação do *ranking* nacional? Será que os distinguem? Decorre daqui ainda um terceiro problema quanto a estes tipos de ensino: um privilegia a criatividade e outro não a valoriza, colocando o questionamento sobre compatibilização em contexto de população escolar por vezes caracterizada com défices de vária ordem. Eis ainda um quarto problema: num concelho com dinamização cultural e artística com elevada projeção nacional e mesmo internacional, destacam-se muitas fragilidades e peculiaridades da sua população. É neste contexto que importa perceber e estudar as suas perceções, saber até que ponto tal modelo pode contribuir para a sua transformação. Em suma, o problema situa-se num nó que prende **um concelho, uma autarquia** (que argumenta o seu modelo com a bandeira da criatividade), a centralidade de **um ministério** e a coabitação dos dois ensinos **na mesma escola-edifício**. Que pensam os munícipes principalmente através dos seus representantes?

## Questão de partida

O que é a Fábrica da Criatividade de Óbidos e que percepções sociais?

### Objetivos

1. Descrever e compreender como se desenvolvem as relações de carácter educacional no âmbito do Ministério, Escola e Autarquia, tendo a criatividade como força centrípeta.
2. Conhecer o quadro social do concelho de Óbidos e a sua evolução para perceber melhor a adoção da criatividade como estímulo e meio de desenvolvimento.
3. Identificar e descrever as práticas relativas à implementação do Projeto da Fábrica da Criatividade.
4. Observar, nas diversas representações dos grupos sociais integrantes do Projeto e circundantes ao mesmo, os seus modos de operacionalidade, apreciação, envolvência, adesão, participação e conhecimento.
5. Avaliar o impacto educativo no futuro desenvolvimento social, económico, e cultural e artístico como corolário do projeto.

# Capítulo I

## Quadro contextual e teórico-conceitual

### **Introdução ao capítulo:**

Procuramos compreender, no ponto um, o conceito de criatividade conforme as perspectivas de várias figuras da psicologia e as suas relações com a memória, inteligências, imaginação, fantasia, o ato de pensar, as características e perfis de um criativo. A aceitação da criatividade como expressão de identificação, meio livre e funcional nos contextos de aprendizagem. Sendo título de um projeto municipal não só de educação mas também de opção estratégica de desenvolvimento, num país tradicionalmente centralizador, no ponto dois, refletiremos as particularidades e razões da centralidade, bem como as correntes de descentralização. No ponto três, de igual modo se abordará a autonomia, as suas significâncias, a hipotética ponte que supostamente uniria ou unirá a uma autarquia com anseios de uma bandeira de autonomia na educação. Procuraremos assim estudar a criatividade como *leit-motiv* e elo entre o Ministério da Educação e a Autarquia, cuja *ponte vechia* está decorada com descentralização, desconcentração, autonomia, subsidiariedade e querer de experimentar um modelo municipal de educação. Deste lado da margem, ponto quatro, entenderemos o discurso localista e os argumentos de defesa de uma pretendida escola municipal graças a uma enorme determinação.

## 1. A criatividade

«Se andarmos apenas por caminhos traçados, chegaremos apenas onde os outros chegaram» (Alexander Graham Bell, citado por Cury, 2006:79)

Eis uma frase exemplar da antítese de criatividade. Tal como para a arte, também para a criatividade não existe uma universal definição. A pintora Romarina Passos, em Óbidos a 27 de Maio de 2012 afirmava: «isso mesmo! Criatividade, que cria... atividade». Em Sousa (2003:188): «etimologicamente, criatividade, deriva das palavras criar e criação, que têm raiz nas palavras latinas *creare* e *creatione*». E recordávamo-nos que criatividade (como ato de criação) desde sempre existiu. A sabedoria popular reconhecia-a e classificava os seus agentes/autores como “mestres”, os sabedores do seu ofício e confundia tal como hoje, arte com habilidade, generalizando qualquer agente indiferenciadamente... como “artista”. Sousa (2003:50): “esta classificação teve origem na idade média com a etimologia *ars servis* (artesanato) mais tarde, artes liberais ...as únicas dignas de homens livres e as belas artes», com o seu expoente «no renascimento e romantismo». Em latim erudito “*ingenium*” significa criatividade. Decompondo, é-nos sugerido «no...génio», o génio que cria, quem cria...é génio.

### 1.1. Para melhor compreensão deste conceito (propostas de definição do indefinível)

A enciclopédia Polis Verbo (Evaristo Fernandes p. 1376) apresenta a definição de criatividade como:

«Capacidade funcional de conceber soluções novas e de encarar problemas por prismas diferentes. Não é sinónimo de adaptação porque é essencialmente evolutiva e dinâmica. Os agentes da criatividade não são só os psicológicos do indivíduo mas também as transformações rápidas do meio ambiente, as mudanças sociais, culturais, políticas, económicas, tecnológicas, científicas e humanas, no interior das quais a imaginação criadora desempenha uma função mais importante que reprodutora. Não é um processo exclusivamente intelectual mas também mental que envolve em larga escala a ação do próprio inconsciente. O processo criativo implica não só fatores inconscientes mas também a ação da vontade».

Robinson (2009:73) define criatividade como «processo pelo qual obtemos ideias originais e valiosas. (...) Para sermos criativos (...) temos de ativar a imaginação para produzirmos algo de novo. A criatividade é **imaginação** aplicada». Cury (2003:73), e estudá-lo-emos a seguir, alicerça-se na importância da **memória**. Robinson (tal como Evaristo Fernandes), na página 76 cita: «é o melhor exemplo da natureza dinâmica da inteligência e pode fazer apelo a todas as áreas da nossa mente e do nosso ser». É-nos transmitido então um terceiro “elemento”: **inteligência**. Um pouco mais adiante (p.80) escreve:

«o facto de podermos ser criativos com qualquer tipo de meio é uma prova notável da diversidade da inteligência e das novas formas de pensar. A criatividade (p.77) implica vários processos que se entrecruzam, nomeadamente:

1. O de gerar novas ideias, **imaginar** diferentes possibilidades, considerar opções alternativas.
2. Implica o desenvolvimento dessas ideias através da avaliação de qual delas funciona ou parece melhor.
3. Acontece uma interação destes dois processos necessários por exemplo na música, pintura, elaboração de teoria matemática, na escrita de um livro. A criatividade não requer apenas o uso do **cérebro**. (...) O trabalho criativo também atinge a mente intuitiva e inconsciente assim como o coração e os sentimentos.»

E Robinson (p.83) dá-nos a conhecer um quarto elemento: o cérebro.

### 1.1.1. A memória e a relação com a criatividade

«Os bons professores usam a memória com armazém da informação, os (...) fascinantes usam a memória como suporte da criatividade. (...) Não existe lembrança pura do passado, mas reconstrução do passado com micro ou macro diferenças» Cury (2003: 70).

Este princípio não é exclusivo dos professores. Admitamo-lo como universal e próprio de cada indivíduo. O mesmo Cury (2003: 71) continua: «a memória humana é um canteiro de informações e experiências para que cada um de nós produza um fantástico mundo de ideias». Defende o mesmo autor (2006:109) que «toda a informação é registada automaticamente na nossa memória (RAM, registo automático de memória)». Atribui-lhe duas categorias:

«a MUC, memória de uso contínuo ou consciente e a ME, memória existencial ou inconsciente. Cerca de 90% da registada na MUC nunca será recordada. É transferida para a ME e será reeditada (substituída) ou transferida para arquivos pouco utilizados nos padrões do inconsciente. (...) No passado o conhecimento duplicava em dois ou três séculos. Atualmente, o conhecimento duplica a cada 5 anos» (Cury, 2003:73).

O mesmo Cury, (2006:100) cita:

«Descobriram finalmente a hipótese da síndrome SPA – síndrome de pensamento acelerado, que explicava que a adição dos eventos da vida nas sociedades modernas atuava no teatro da mente humana e modificava a velocidade de construção dos pensamentos e das emoções».

### 1.1.2. Criatividade...imaginação?

«Imaginação não é o mesmo que criatividade. A criatividade conduz o processo imaginativo a outro nível. A imaginação pode ser completamente interna (não necessita da intervenção dos sentidos, ao contrário da inteligência). Porém, a criatividade é imaginação aplicada. (...) Temos de ativar a imaginação para produzirmos algo de novo, para encontrarmos novas soluções para determinados problemas, inclusive para refletirmos em novos problemas ou novas questões» (Robson, 2009:73). «A imaginação está na base de todas as proezas humanas» (p.65). «O processo de ver na nossa cabeça é a principal ação da imaginação (p. 66)».

Deste modo, Robson define-nos imaginação (noutra roupagem) como:

«Capacidade de trazer à mente coisas que não estão ao alcance dos sentidos. (...) Através da imaginação podemos visitar o passado, contemplar o presente e antecipar o futuro. Podemos criar. Não trazemos à mente coisas que experienciámos mas também coisas que não experienciámos. Podemos conjecturar, levantar hipóteses, especular e supor. Logo, podemos ser imaginativos. A imaginação é a base de tudo o que é única e exclusivamente humano» (Robson, 2006:66).

Por seu lado, Munari (2007:24) sustenta:

«A imaginação é o meio para visualizar, para tornar possível o que pensam a fantasia, a invenção e a criatividade. Não é necessariamente criativa. Em algumas pessoas, a imaginação é muito ténue, noutras é ativa, desenvolta e noutras ainda ultrapassa o próprio pensamento. Algumas pessoas carecem de imaginação, tanto é que existem profissionais (...) visualizers, desenhadores, modelistas (...) para tornarem visíveis a essas pessoas, aquilo que a fantasia, invenção e criatividade pensaram. (...) Os meios que substituem a imaginação são, portanto, o desenho, pintura, escultura, cinema, arte cinética etc.»

### 1.1.3. Criatividade...fantasia? Invenção?

“A criatividade é uma utilização finalizada da fantasia e da invenção, simultaneamente” (Munari, 2007:24).

«A fantasia é a faculdade humana que permite pensar em coisas novas, que não existiram antes. (...) Não se preocupa em aferir se o que pensa é verdadeiramente novo. Não é tarefa sua. Se se desejar tal aferição, nesse caso é necessário fazer intervir a razão e dar início a uma recolha de dados para verificar se o que a fantasia pensou já existe ou é verdadeiramente novo. Uma pessoa dotada de fantasia pode pensar em qualquer coisa que é novo para ela, mas que não o seja em absoluto. Existem então dois tipos de novidade: uma (...) para o indivíduo e uma novidade absoluta» (p.35).

Munari (2007:24) define descobrir como «encontrar qualquer coisa que anteriormente não se conhecia, mas que existia». Por sua vez, «inventar significa pensar numa coisa que anteriormente não existia». Por conseguinte em patamares dependentes das relações entre o que se conhece encontramos a fantasia, a criatividade e a invenção. Destas (p.23) «a fantasia é a mais livre, porque é livre de pensar a coisa que quiser, até a mais absurda, incrível ou impossível». Tanto a fantasia como a invenção, «utilizam a mesma técnica, isto é o relacionamento entre o que se conhece mas com finalidade de um uso prático» (Munari, 2007:23).

### 1.1.4. A criatividade... inteligência?

«Quase todos acreditamos que inteligência e criatividade são coisas completamente diferentes – que podemos ser muito inteligentes e pouco criativos ou muito criativos e pouco inteligentes. (...) Inteligência e criatividade são consanguíneas. (...). Não se pode ser criativo se não se agir com inteligência. (...) A mais elevada forma de inteligência é pensar criativamente» (Robinson, 2009:64).

«A criatividade como uso finalizado de fantasia e invenção forma-se e transforma-se continuamente. (...) O indivíduo criativo está em contínua evolução, existindo em simultâneo um alargamento do conhecimento em todos os campos do saber» (Munari, 2007:123).

«Todos nascemos com uma determinada quantidade de inteligência. (...) Revela-se em certos tipos de atividade, sobretudo na matemática e no modo como usamos as palavras. É possível medirmos a inteligência através de

exames escritos e transpor o resultado para uma escala numérica». Robinson (2009:47)

Todavia põe em causa esta “definição” a qual paradoxalmente é *praxis* aceite na maioria do mundo ocidental e nuclear numa grande parte dos sistemas educativos.

«...e sustenta uma grande parte da multibilionária indústria das avaliações que alimenta o ensino público em todo o mundo. Está no âmago do conceito de capacidade académica, impregna as provas de acesso a faculdades, sustenta hierarquia de disciplinas e alicerça a ideia de QI»

Obviamente que chegamos aqui com raízes na civilização grega «em Aristóteles e Platão e no iluminismo de XVII e XVIII» desenvolvendo...

«...a convicção que a demonstração era fundamental enquanto suporte das ideias científicas. Este pensamento da época, com a revolução industrial permitiu o domínio supremo com a sua introdução na escola, logo...na educação, na política e no comércio. O ensino público de XIX e XX, também se baseou nestas ideias dominantes» (Robson, 2007:47).

Robinson (p.51) pergunta: «o que é que esses números representam? O que dizem acerca da inteligência? Por outras palavras: medem certos tipos de inteligência e não a totalidade da inteligência».

### 1.1.5. As várias inteligências e a criatividade

«A natureza da inteligência sempre foi controversa» (Robinson 2009: 53). Este, *ibidem*, cita Harvard Howard Gardner...

«Com as suas conhecidas múltiplas inteligências que incluem a linguística, a musical, a matemática, a espacial, a cinestésica, a interpessoal e a intrapessoal (...) são tipos mais ou menos independentes entre si e nenhum é mais importante embora alguns sejam dominantes e outros adormecidos. (...) Todos temos diferentes potencialidades no que se refere a essas inteligências e a educação devia tratá-las equitativamente para que todas as crianças pudessem desenvolver as suas capacidades individuais».

Robinson (*ibidem*) invoca ainda Robert Sternberg reproduzindo que este há muito que critica as abordagens tradicionais de avaliação de inteligência e do QI. Expressa (mais) três tipos de inteligência:

«Analítica - capacidade para resolver problemas por meio de competências acadêmicas e para completar testes de QI convencionais;

Criativa - capacidade para lidar com situações novas e para descobrir soluções originais;

Prática - capacidade para lidar com os problemas e os desafios do dia-a-dia».

Robinson (p.54), ainda refere Daniel Goleman, que argumenta: «possuímos uma inteligência emocional e uma inteligência social, sendo ambas essenciais para vivermos bem conosco próprios e com o mundo que nos rodeia».

Por conseguinte acabamos de encontrar, em três gradas referências, doze inteligências, o mesmo é dizer, doze formas de expressão da inteligência.

#### 1.1.6. O Pensar...na criatividade

«A ideia de que inteligência e pensamento são a mesma coisa conduziu a duas infelizes conclusões no ensino:

1. Que não é preciso fazer nada pelos alunos com elevada inteligência, porque automaticamente sabem pensar bem...

2. Que nada se pode fazer pelos alunos, sem elevada inteligência, porque não podem ser bons pensadores.

A relação entre inteligência e pensamento é a mesma existente entre um carro e o condutor. Uma viatura potente pode ser mal conduzida. Um carro menos potente pode ser bem conduzido» (De Bono, 1995:14).

O mesmo, define **pensar** como «capacidade operativa com a qual a inteligência atua sobre a experiência». Ora, de vários pensamentos que De Bono inicialmente aborda, reativo e pro-reativo, crítico, construtivo, planeado ou planificado, centremo-nos no criativo, aquele que de momento mais nos move.

«Em qualquer sistema auto-organizado há uma necessidade matemática absoluta de criatividade. (...) Não prestámos a devida atenção ao pensamento criativo...para melhorar, planejar, resolver problemas, mudar para novas ideias. (...) Se pudermos libertar as pessoas e afastar inibições, podemos desprender a criatividade natural. Essa é a base do brainstorming. A criatividade não tem que continuar a ser um dom místico» (De Bono 1995: 24-25).

No resumo (p.29) «a par de um pensamento crítico, precisamos do pensamento que seja construtivo e criativo».

### 1.1.7. O indivíduo criador e o processo criativo

“Para sermos criativos, temos de fazer alguma coisa” (Robinson:73). Segundo Mac Kinnon (citado por Fernandes na enciclopédia Polis Verbo, p. 1377),

«O processo criativo implica não só fatores inconscientes mas também a ação da vontade. Numerosos indivíduos criadores confirmaram que se sentiam simples instrumentos e expressão e que eram levados ou manipulados por uma impulsão criadora sobre a qual eles exerciam pouco ou nenhum controle. A origem e natureza do potencial criativo ainda se desconhecem. As circunstâncias sociais não explicam cabalmente tal fenómeno. (...) A criatividade exteriorizou-se por etapas, fases e ciclos: houve a fase da criação filosófica, a dos mestres da música, da pintura, da escultura e dos deuses da tecnologia e o fator hereditário, embora se é verdade que grandes homens tiveram filhos célebres também é verdadeiro um grande número de génios terem nascido de famílias humildes».

«A realização de um trabalho criativo efetua-se, pelo menos por quatro etapas: preparação, incubação, iluminação e verificação» (p. 1378).

Sousa, (2003:190) aprofunda estas etapas e cita que Harris (1960) as ampliou para seis:

«Primeira, reconhecimento do problema; segunda, recolha de informação; terceira, atividade mental tratando essa informação; quarta, imaginação de soluções; quinta, verificação; sexta, colocação em prática». Assinala ainda o citado Kinnon, um conjunto de fatores e particularidades do género criativo: «fluência das palavras e das ideias; flexibilidade espontânea; fluência de associação e expressão; sensibilidade aos problemas; originalidade; análise e síntese; redefinição e penetração».

Robinson (2009:81), escreve:

«Os lóbulos frontais do cérebro estão ligados a capacidades de pensamento de ordem superior. O hemisfério esquerdo é a área mais ligada ao pensamento lógico e analítico. (...) Por norma, o pensamento criativo implica muito mais do que os *bits* da parte frontal e esquerda do cérebro. (...) Porém a criatividade (p.83) não requer apenas o uso do cérebro. Tocar instrumentos, criar imagens, construir objetos, (...) fazer todo o tipo de coisas também são processos físicos intensos que dependem dos sentimentos, intuições e de uma coordenação eficaz de mãos e olhos, de corpo e mente. (...) Nós próprios somos o meio do nosso trabalho criativo».

### 1.1.8. A asfixia da criatividade no sistema centralizado de ensino ou o da conformidade

«Na escola já não servem as ditaduras de quem ensina nem de quem aprende, senão apenas as democracias de quem respeita, escuta, incorpora, dá espaço. (...) Espera-se que estimule a consciência de viver e estar vivo, de fazer parte da comunidade, da importância dos conhecimentos, da caminhada para um futuro solitário e inclusivo. (...) Por tudo isso, que lugar há na escola para a criatividade, seja ela na forma como se estimula ou permite que os alunos sejam inovadores, ou na maneira como os professores a utilizam para atingir os fins educativos e pedagógicos?

Ela está presente, de maneira informal, nas respostas inusitadas e adaptativas que muitos alunos e professores usam para lidar com a aprendizagem e o ensino, ou na forma como abordam problemas e dificuldades. Resulta mais fácil copiar do que pensar, reproduzir do que pensar, memorizar do que aprender. É menos ameaçador papaguear respostas e entendimentos de vida do que colocar questões cujas respostas venham a ser imprevisíveis ou deixar que as questões e críticas surjam. A originalidade é uma ameaça; a capacidade de desafiar e pôr em causa é um risco ao status quo. Assim, uma comunidade de pessoas originais que ousam pensar por si e ir em busca de incertezas, assusta.

Inventar, fazer diferente, inovar, sair da leitura previsível e prevista do enquadramento tradicional, são por vezes entendidos pelos especialistas da escola como estratégias que levam apenas a tergiversar e a desviar o essencial. (...) Mas perguntemo-nos, senhores professores, estamos a educar pessoas ou a infectá-las?» (Marujo & Neto, 2004:118).

«Na escola, é muito prático pôr à frente dos alunos cadernos de exercícios, manuais e quadros. Depois pedir-lhes que “reajam” ao que têm à sua frente. Por essas razões práticas, quase todo o pensamento ensinado na escola é reativo». (De Bono 1995:18).

«Todos nascemos com capacidades naturais extraordinárias e que vamos perdendo a ligação a muitas delas à medida que passamos mais tempo no mundo. (...) A educação é uma das principais causas para que tal aconteça (Robinson, 2009:11).

«Em teoria, o professor deseja alunos criativos, mas nas suas aulas, na prática não acha graça nenhuma tê-los...São incómodos, desafiam, fazem ver as coisas de outra maneira. Talvez por isso a escola tenha, não

intencionalmente, erigido um conjunto de bloqueios que impedem as ideias criativas de se desenvolverem» (Marujo & Neto 2004:119).

Estes autores, apoiando-se em Hanks & Perry (1991) elencam um conjunto de bloqueios individualizados que impedem aquelas ideias criativas de se desenvolverem – Quadro I

**Quadro I - Bloqueios à criatividade / formas criativas de lutar contra bloqueios**

Bloqueios habituais à criatividade	Formas criativas de lutar contra bloqueios
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tradição (ter medo do novo, repetir o conhecido).</li> <li>• Controlo (ter os alunos sem poder e sem voz)</li> <li>• Negativismo (esperar e ver o pior).</li> <li>• Preconceito (o diferente é ameaçador)</li> <li>• Medo de falhar (experimentar o insucesso mais provável ao inovar).</li> <li>• Impaciência (criar, exigir tolerância e perseverança).</li> <li>• Uniformidade (é mais seguro o normativo, o constante e o regular).</li> <li>• Medo do ridículo (a diferença pode ser mal entendida e levar à vergonha).</li> <li>• Falta de meios/suporte financeiro (há a expectativa de que criar implica investimento).</li> <li>• Insegurança (será o novo e diferente bom?)</li> <li>• Pressão do grupo (a sociedade intimida á uniformização e rejeita a diferença criativa).</li> <li>• <b>Preguiça (inventar implica mais esforço do que fazer sempre igual).</b></li> <li>• Apatia (desinteresse em transformar: para quê inventar outras formas?).</li> <li>• Falta de comprometimento e envolvimento (não vale o esforço; ninguém reconhece).</li> <li>• Falta de apoio (não há ajuda para as coisas novas).</li> <li>• Tensão (criar exige mobilização de</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Treinos coletivos e pessoais para ver o lado bom das pessoas e dos acontecimentos, que envolvem divertimento e jogos.</li>   <li>• Procurar e tornar públicas experiências criativas realizadas com poucos meios ou com estratégias angariadoras, elas mesmas criativas.</li>   <li>• Para desenvolver e treinar a crença de que se nunca mudarmos, nunca evoluímos.</li> </ul>

energias).

Medo da mudança (a intimidação do desconhecido).

- Nostalgia tóxica (o conforto do habitual; a rotina securizante).
- Analisar situações em que a mudança criativa foi saída para novos e mais valorosos projetos.

Podemos “ver” neste quadro muito de concordante com o pensamento de Robinson (2009:24):

«Muitas (pessoas) concluem os estudos ou abandonam a escola sem conhecer os seus verdadeiros talentos e sem saber o rumo a seguir. Muitas sentem que as suas qualidades não são valorizadas pela escola. Muitas acham que não têm qualidades. (...) Os sistemas atuais (p.26) impõem limites severos à forma como os professores ensinam e como os alunos aprendem. (...) Encorajam (p.27) cada vez mais os professores a ensinarem de um modo uniforme. (...) Atribuem uma grande ênfase ao conhecimento da única resposta certa a determinada pergunta. (...) Estamos a valorizar cada vez mais a conformidade e a capacidade de descoberta das respostas certas».

«Damos um valor tremendo aos exames padronizados, cortamos nos apoios financeiros ao que consideramos serem programas «não essenciais» e depois perguntamo-nos por que razão os nossos filhos não têm imaginação nem inspiração. O nosso atual sistema educativo seca-lhes sistematicamente a criatividade. A educação (...) está a asfixiar os talentos e as capacidades individuais de demasiados alunos e a destruir a sua capacidade de aprender. Muitos sistemas escolares têm seguido essa linha porque os políticos acham-na essencial para o crescimento económico, para a competitividade e para que os alunos arranjem empregos. No século XXI, os empregos e competitividade dependerão da tecnologia e demografia» (Robson 2009: 28-29).

## 1.2. A Educação Ministerial

«Verificou-se a não existência de descentralização em Portugal no período em estudo (1993-2008), observando-se o reforço do número de competências detidas pelos serviços centrais e, conseqüentemente, a mitigação do princípio de subsidiariedade» (Augusto 2009:5).

### 1.2.1. Porque se centraliza?

Fernandes (2005:54 citação de Augusto, 2009:7), sobre centralização:

«Significa que a responsabilidade e o poder de decidir se concentram no Estado ou no topo da administração pública cabendo às restantes estruturas administrativas, onde se incluem naturalmente as escolas, apenas a função de executar as diretivas e ordens emanadas desse poder central. A centralização requer a existência de uma organização administrativa hierárquica de órgãos e serviços na qual os inferiores estão diretamente dependentes dos superiores, sendo perante eles que respondem e não perante os seus clientes ou utentes».

O mesmo Fernandes (2005:54, citado por Augusto) fundamenta critérios políticos, económicos, administrativos e pedagógicos para a justificação da centralização em educação. Vejam-se então...

### 1.2.2. Critérios de centralização

#### Políticos:

«Assegura melhor do que qualquer outro sistema a unidade do Estado; garante a homogeneidade da ação política e administrativa desenvolvida no país; permite uma melhor coordenação do exercício da função administrativa» (Amaral, 1994: 695, citado por Augusto 2009:13). Ainda Formosinho (2005), dá a conhecer as vantagens políticas e técnicas como garante da unidade de ação do estado evidenciando a coordenação e racionalização da atividade administrativa e bem assim, a impessoalidade, isto é, «a não influência nas decisões do conhecimento pessoal das pessoas a quem elas afetam. Assim, quer a impessoalidade quer a uniformidade são instrumentos para a consecução da racionalidade administrativa» (Formosinho, 2005: 68, ibidem).

Continua referindo abonatoriamente a forma de consolidação política como:

«Base ideológica comum num mesmo estado territorial apesar de povos com línguas, culturas e histórias políticas diferenciadas (não sendo o caso de Portugal), (...) o afastamento compulsivo da Igreja Católica da direção e controlo das escolas, nos países de cultura católica. A implementação da cultura moderna, de natureza universalista, considerada pelos iluministas como matriz comum de formação de todo o homem independentemente da sua incorporação numa história local ou das suas diferenças, étnicas, religiosas ou sociais. Esta revolução cultural, baseada na investigação experimental, nas tecnologias e nas chamadas ciências exatas e naturais, foi efetuada sob o controlo e direção de Estado, portador de um projeto

iluminado de progresso, o Estado Educador, em oposição às forças obscurantistas dos interesses privilegiados do clero e nobreza, que se opunham à difusão do saber para assegurar o seu superior estatuto político e social. A expansão dos ideais de igualdade conduziu, também, à criação de um sistema uniforme na educação».<sup>1</sup>

Formosinho (p. 70, por citação de Augusto), continua a justificar tais critérios com...

«Uma adaptação a novos contextos como sejam fomentar a unidade do Estado contra as tendências separatistas locais ou regionais, implementar uma política educativa coerente em todo o território nacional ante a necessidade de um forte impulso educativo devido ao deficiente desenvolvimento; obstar o controlo da educação por grupos de interesses corporativos, organizações sindicais, ou movimentos radicais; contrariar a manutenção das desigualdades entre as regiões e localidades de um mesmo país; assegurar um currículo idêntico de formação para todos os cidadãos, transmitir um património comum e valores considerados como fundamentos da identidade cultural e moral de um país e impedir previsíveis tendências etnocêntricas, racistas ou xenófobas a nível local».

Weiler, (1999:101, citado por Augusto 2009:15) expressa outros argumentos convergentes nomeadamente que:

«Promove a igualdade, reduzindo ou eliminando qualquer disparidade de recursos que possa existir entre diferentes partes do país e aumenta a eficácia, desenvolvendo economias de escala e permitindo uma maior mobilidade dos recursos onde eles forem mais necessários».

### **Económicos e administrativos:**

Formosinho (mesma p. 70, citado por Augusto, 2009:14) justifica estas razões:

«Impedir a multiplicação de intermediários ou a duplicação de esforços entre diferentes parceiros ou autoridades educativas, nacionais, regionais ou locais; baixar os custos do ensino fazendo economias de escala na gestão do sistema recorrendo, por exemplo, à standardização dos modelos de construções escolares, à criação de centros de recursos ao serviço das várias escolas; assegurar estruturas e regras uniformes para todas as escolas no que respeita à gestão administrativa, patrimonial, financeira e de gestão de pessoal; suprir a incapacidade local de assumir custos elevados com equipamento ou pessoal especializado; impedir ou controlar a corrupção e

---

<sup>1</sup> Questionamo-nos se não existirão ainda resquícios da revolução francesa via republicanismo.

os nepotismos desenvolvidos por cliques ou grupos locais de pressão; promover a uniformização de produtos e processos: programas idênticos, compêndios de âmbito nacional, uniformização da organização pedagógica e da avaliação através de regras processuais uniformes ou de exames de âmbito nacional e facilitar a mobilidade de emprego docente dentro de todo o território nacional».

### **Pedagógicos:**

«Compensar as carências de preparação de professores e administradores educativos através de um maior dirigismo administrativo e pedagógico assumido pela administração central e garantir uma formação adequada nas matérias básicas - por exemplo língua materna e matemática - através de programas mais taxativos e de exames nacionais rigorosos para todos os alunos» (Formosinho, 2005:71, igualmente citado por Augusto, 2009:14-15).

Robson (2009:25) curiosamente invoca semelhanças entre os sistemas norteamericano e inglês (extensivo, segundo o próprio) «aos de muitos outros países». Salienta três características principais:

- a) “Existe uma preocupação em determinado tipo de competências académicas nomeadamente em palavras e números. (...) Tendem a centrar-se em certos tipos de análise crítica e raciocínio.
- b) Hierarquia das disciplinas. No topo competências ligadas à matemática, ciências e línguas. No centro, os estudos humanísticos e na base as artes. Todavia, mesmo nesta encontra-se outra sub hierarquia: a música e artes visuais têm um estatuto superior ao do teatro e da dança. São cada vez mais as escolas a tirar as artes do seu currículo”.<sup>2</sup>

Não cabe no âmbito deste trabalho aprofundar muitas outras razões, estudadas por Augusto, que justificam a global opinião centralizadora não só por parte da comunidade educativa como de outros quadrantes da sociedade civil. Contudo, toda a regra tem exceção e o centralismo tem mostrado abertura nos últimos anos. Porquê?

### **1.2.3. Corrente da descentralização**

Amaral (1994: 695, citado por Augusto, 2009: 16) argumenta vantagens próprias quanto à descentralização:

---

<sup>2</sup> Precisamente neste momento que se redige este trabalho (Julho de 2012), Portugal está a seguir esta linha.. Foi escrito atrás que «é mais fácil copiar do que pensar, reproduzir do que pensar»

«Garante as liberdades individuais (...), proporciona a participação dos cidadãos na tomada de decisões públicas em matérias que concernem aos seus interesses (...), permite aproveitar para a realização do bem comum a sensibilidade das populações locais relativamente aos seus problemas, facilita a mobilização das iniciativas e das energias locais para as tarefas de Administração pública».

Porém também encontra desvantagens:

«Alguma descoordenação no exercício da função administrativa e abre a porta ao mau uso dos poderes discricionários da Administração por parte de pessoas nem sempre bem preparadas para os exercer» (Amaral, 1994, citação de Augusto 2009, 16-17)<sup>3</sup>

#### **1.2.4. Os fundamentos do pensamento da descentralização**

Do mesmo modo que no ponto anterior, iremos encontrar os fundamentos políticos, administrativos e económicos e pedagógicos. Segundo Fernandes (2005:72, citado por Augusto 2009:17) registam-se:

##### **Os Políticos:**

«Desenvolver a cooperação entre parceiros e atores educativos, aprofundar o exercício da democracia dando mais conteúdo à participação dos cidadãos; entregar às comunidades educativas locais a gestão dos seus interesses; possibilitar a incrementação de projetos educativos locais integrados tendo em conta o desenvolvimento pessoal e comunitário dos jovens em formação; obter a colaboração de cooperadores locais nos processos educativos desenvolvidos pelas escolas».

Todavia, sob a capa deste discurso, outras intenções político-estratégicas podem existir na penumbra:

«Reduzir a hostilidade em relação às medidas educativas do governo; ceder a pressões que pretendam reforçar o poder local; enfraquecer o poder de um

---

<sup>3</sup> Seja-nos permitido, corroborar esta última frase e alargar o pensamento que muito de similar infelizmente ocorre por muitas escolas deste país mesmo sem descentralização oficializada, por desventura de impreparados diretores. Por conseguinte, tal acontece no seio da “centralização” de forma real e impune.

grupo reforçando outros: por exemplo promover a participação dos pais para enfraquecer o poder dos professores; fracionar uma base larga de poder criando bases menores; substituir o descrédito da educação nacional, reforçando a crença na educação comunitária» (Fernandes, 2005, 74, citação de Augusto).

### **Os administrativos e económicos:**

«Acelerar o processo de decisão pela proximidade local dos decisores reduzindo a burocracia e o percurso pelos vários canais hierárquicos da administração; permitir decisões mais adequadas às situações concretas a que se aplicam; envolver os implicados nos processos de decisão aumentando a sua corresponsabilidade e o envolvimento pessoal na aplicação; permitir um uso mais eficiente dos recursos educativos e comunitários; reduzir os encargos financeiros do governo através da obtenção de financiamentos locais» (Fernandes, 2005:73, citado pela mesma fonte, p.17).

### **Os de natureza pedagógica.**

«Flexibilizar os currículos introduzindo componentes locais no currículo nacional ou, pelo menos, adaptações locais dos currículos nacionais; desenvolver perfis de formação que tenham em conta a personalidade e o contexto familiar e social de cada aluno; diversificar as modalidades e cursos de formação, e introduzir pedagogias participativas; possibilitar a elaboração de pactos e parcerias educativas com outros agentes e organizações locais; envolver todos os implicados nos processos educativos, nomeadamente, professores, alunos, famílias, empresas e autarquias, entre outros, de forma a potencializar as aprendizagens e reforçar a cooperação e responsabilização local». (Fernandes, 2005, 73, ibidem Augusto 2009:18).

Quando se descrevem estas argumentações tanto da centralização como da descentralização, pretende-se tão só difundir duas posições opostas embora não radicais. A centralização colide aparentemente com propósito do objeto mor defendido pelo autarca de Óbidos. A descentralização é uma perspetiva de abertura por parte do «centralizador» estado e como atrás foi descrito nos fundamentos políticos da mesma, encontram-se razões estratégicas convenientes para se enveredar tal princípio (falacioso?) descentralizador. Muito conveniente seria abordarem-se outros conceitos que em linguagem comum são tidos como afins mas não são sinónimos: concentração e desconcentração.

### 1.2.5. Alguns modos de descentralização

Augusto (2009: 20) escreve:

«Atualmente, em todos os Estados membros da União Europeia, observa-se uma orientação rumo à descentralização dos sistemas educativos, nomeadamente no que respeita ao discurso político e à legislação. No vocabulário nacional e internacional da política educativa, a “descentralização” constitui uma aspiração fundamental, tal como autonomia».

Green (2001, citado por Augusto, *ibidem*) refere algumas estratégias as quais nos últimos anos se têm feito sentir e entendidas como medidas de descentralização:

- a) «Dispersão dos poderes pelos atores sociais: apoiada pela maioria dos Governos da União Europeia, nomeadamente no que respeita a uma maior participação dos pais no funcionamento das escolas, conferindo-lhes poderes mais formais, bem como, a maior participação dos empresários e de outros “acionistas” interessados na política educativa.
- b) Cedência do poder ao nível regional: (...) delegação de poderes para os níveis regionais do governo central.
- c) Localização: poderá definir-se como a transferência de poderes para os municípios e uma tentativa para que os serviços educativos sejam mais inovadores, mais sensíveis às necessidades locais e mais democráticos, responsabilizando as comunidades locais».

Encontraremos, ainda neste capítulo, no que concerne ao subtema da carta educativa o enquadramento desta alínea. Porém a partir da mesma compreenderemos melhor o móbil da Presidente da Câmara de Óbidos quando ao título e pergunta de partida deste trabalho.

## 1.3. A autonomia

### 1.3.1. O conceito

Tanto a autonomia como a desconcentração fazem pressupor que «está subjacente uma rejeição dos sistemas educativos, fortemente centralizados e burocratizados e a busca de sistemas mais flexíveis, diferenciados e participativos, quer por razões políticas e pedagógicas, quer por razões pragmáticas e técnicas» (Fernandes, 2005, 53, citado por Augusto, 2009:6).

«No âmbito educativo, Barroso (2005) define autonomia de escola, do ponto de vista formal-legal, como sendo a capacidade de decisão própria de que os estabelecimentos de ensino, através dos seus órgãos representativos em função das suas competências, dispõem em determinados domínios (estratégicos, pedagógicos, administrativos e financeiros) e que se exerce através de atribuições, competências e recursos transferidos ou delegados de outros níveis de administração» (citação de Augusto, 2009:9).

A avaliar por esta última frase (transferidos ou delegados) notamos que a autonomia está dependente do “controle remoto” do centralismo ministerial. Por outras palavras, será uma autonomia “concedida” conforme a conveniência do vértice piramidal do governo central. O conceito de autonomia encontra-se, frequentemente, relacionado com o conceito de descentralização. Ora estes conceitos traduzem dinâmicas diferenciadas, como refere Fernandes (2005).

«A autonomia distingue-se de descentralização na medida em que envolve não apenas uma distribuição de atribuições e competências dentro de um sistema político ou administrativo mas mais diretamente a capacidade de ação por parte dos titulares dessa distribuição. Assim, a autonomia insere-se num movimento inverso ao da descentralização ou desconcentração. Ao passo que estas operam uma transferência ou devolução de poderes do centro para a periferia, aquela pressupõe a existência, fora do centro político e administrativo, de capacidades para movimentar ações políticas, desenvolver processos administrativos e aplicar competências científicas e técnica» (Fernandes, 2005, 59, citação de Augusto 2009: 9).

Percebe-se portanto uma diferença destes conceitos, embora no geral a autonomia seja percecionada como descentralização ou mesmo desconcentração. Continuando...

«A autonomia afirma-se como expressão da unidade social que é a escola e não pré-existe à ação dos indivíduos. Ela é um conceito construído social e politicamente, pela interação dos diferentes atores organizacionais, numa determinada escola» (Barroso, 2005, 109, citado por Augusto, 2009:24).

Encontramos neste parágrafo, o pensamento de aceitar que a Escola é uma «unidade social» e que não «pré-existe à ação dos indivíduos» ou seja na escola vai-se construindo. Podemos questionar se a unidade social só pode ser construída em autonomia. Se se pensar que um sistema centralizador pode politizar o aluno (e não só) a autonomia também deverá ter o cuidado de evitar algo afim, mesmo havendo interação «dos diferentes atores organizacionais». A mesma fonte enfoca um ponto dominante:

«O desenvolvimento de uma política de reforço da autonomia das escolas não passa pela sua regulamentação, ou seja, pela criação de um quadro legal que defina normas e regras, mas pela criação de condições, para que seja construída em cada escola, tendo em atenção as suas especificidades locais e no respeito pelos princípios e objectivos que enformam o sistema público nacional de ensino» (ibidem).

É evidente que para o exercício de uma autonomia não basta legislar. Legislar, quanto a nós numa visão além do dicionário, significa determinar regraticamente mas ao mesmo tempo contemplar e permitir um desenvolvimento num quadro de diversidade e talvez de certa heterogeneidade tanto de situações como em recursos. Na carta educativa de Óbidos (p.25) encontramos, um rebelde parágrafo sumário do conceito autárquico apelativo à autonomia, onde se lê: «vários estudos concluem que Portugal figura entre os países onde as escolas têm menos autonomia, uma vez que a maior parte das decisões continuam centralizadas no Ministério da Educação». Todavia há que ter em atenção...

### **1.3.2. Os riscos da Autonomia (ou os vários tipos)**

Formosinho (2005, citação de Augusto 2009:37) entende que «a autonomia não é um fim em si mesmo quer consideremos pessoas, grupos ou instituições, mas um meio significativo para o desenvolvimento pessoal e institucional». Admite riscos ou noutro entendimento, outras “autonomias” de consequência, nomeadamente:

«A autonomia da miséria», admitindo «a eventual falta de responsabilidade do Estado em questões financeiras e inerentes implicações ou consequências» daqui provenientes.

«Autonomia da desigualdade», referindo-se a potenciais «possibilidades de criar desigualdades entre escolas a partir de contextos sociais e recursos diferenciados com consequências ao nível do desempenho de cada escola». Podem advir ainda «reivindicações por parte de estabelecimentos que se sintam em posição desvantajosa». Lembremo-nos de algo análogo como a classificação das escolas no *ranking* nacional e comparem-se resultados de um estabelecimento privado ou mesmo público de uma cidade com uma escola sita em zona mais rural do país.

«Localismo ou autonomia provinciana», define como a «possibilidade da autonomia ser usada para fins provincianos ou bairristas prejudicando a unidade nacional». Eis um

argumento que suporta muito a centralização antes tratada. Atentemos contudo na palavra «localismo» que ao longo deste trabalho, particularmente nos capítulos III, IV e V, será implicitamente sentida dado o âmbito deste trabalho.

«A autonomia corporativa» contempla a possibilidade de «as decisões tomadas servirem os interesses das corporações». Uma vez mais nem é preciso haver autonomia para que tal aconteça. Na prática, no seio das próprias escolas infelizmente grassam correntes identificadas com o diretor (antes conselhos executivos), ou cumpridoras de subserviência, maliciosamente submissas na esperança de retorno de “benesses” e oportunismo.

«A autonomia da incompetência», referindo-se «à possibilidade de os agentes não possuírem as competências necessárias para o seu exercício» (citações de Augusto 2009: 24).

### **1.3.3. A prevenção ... dos riscos da autonomia**

Identificados os riscos citados anteriormente, em 1988 a Comissão de Reforma do Sistema Educativo «propôs a participação alargada da comunidade educativa na vida da escola e nos seus órgãos decisórios, bem como a prestação de contas por parte da escola das suas atividades em função da sua missão». Sugere ainda «a regulação do Estado. Considerando o processo de autonomia gradual e lento, é importante que se estructurem mecanismos que liguem o grau de autonomia das escolas ao seu grau de desenvolvimento» (Formosinho, 2005, 137, citação de Augusto, 2009:25). Entendamos esta sugestão/ recomendação do estado como regulador de um processo que se pretende seguro suportado na evolução lenta e certamente passível de aferição e correções. Defende:

«A contratualização entre o Ministério da Educação e as escolas como forma de concretização do exercício da autonomia das mesmas, pois o desenvolvimento da contratualização no sistema público de educação, por um lado, implica a realização de metas concretas entre partes contratantes e, por outro, assegura a autonomia adequada de gestão dos meios para realizar as metas acordadas» (Formosinho 2005, citação de Augusto, 2009:25).

Verificamos uma estratégia, ponderada, de controlar a autonomia, quiçá caso a caso – escola a escola, obriga a uma “responsabilidade” quanto ao seu exercício. Leiamos de forma mais completa:

«Daí que o contrato estimula a ação dos participantes no sentido de alcançar objectivos e apela a uma gestão que se afasta da verificação da conformidade de processos, para se aproximar de uma verificação da distância entre os objectivos prosseguidos e os resultados alcançados» (Formosinho, 2007:3, citação de Augusto 2009:38).

#### 1.3.4. A subsidiariedade

«É um princípio descentralizador, inspirando certos instrumentos jurídicos como por exemplo, a descentralização administrativa e a desconcentração de competências, entre outros, recusando o monopólio do Estado, devendo este respeitar os indivíduos e os corpos sociais intermédios no exercício dos seus direitos e no cumprimento dos seus deveres e obrigações» (Augusto 2009:26).

Tem raízes no pontificado de Pio XI, na encíclica *quadragésimo annus*, como princípio de filosofia social.

«Assim como é injusto subtrair aos indivíduos o que eles podem efetuar com a própria iniciativa e indústria, para o confiar à coletividade, do mesmo modo passar para uma sociedade maior e mais elevada o que as sociedades menores e inferiores podiam conseguir é uma injustiça, um grave dano e perturbação da boa ordem social. O fim natural da sociedade e da sua ação é coadjuvar os seus membros, e não destruí-los nem absorvê-los» (citação de Augusto, 2009:25-26)

Mais recentemente, João Paulo II, em 1991 na sua encíclica *centésimo annus*, difunde:

«As anomalias e defeitos, no Estado assistencial, derivam de uma inadequada compreensão das suas próprias tarefas. Também neste âmbito, se deve respeitar o princípio de subsidiariedade: uma sociedade de ordem superior não deve interferir na vida interna de uma sociedade de ordem inferior, privando-a das suas competências, mas deve antes apoiá-la em caso de necessidade e ajudá-la a coordenar a sua ação com outras componentes sociais, tendo em vista o bem comum» (citação de Augusto, 2009:25).

Começamos assim a encontrar este princípio não só no Tratado da União Europeia como no de Lisboa, entrando na esfera política. Quadros (1995:62, citação de Augusto 2009:27), relativamente a Portugal:

«Continua a ser um país centralizado, avesso ao pluralismo da vida social, um país onde, portanto, os corpos intermédios, a começar pela família, são mais tolerados pelo Estado do que reconhecidos por ele como sujeitos de um direito originário à existência e à autonomia».

Acabamos de assistir à leitura de uma confirmação que, na prática, reforça a opinião que o estado é resistente à autonomia. Se um dos objetivos da subsidiariedade «é o de aproximar os cidadãos ao poder político», parece que o mesmo fica distante.

Curiosamente Augusto (2009:27) menciona legislação na Educação que aborda a subsidiariedade nomeadamente:

«Decreto-Lei n.º 133/93 de 26 de Abril, no artigo 2.º, no ponto 2: as atribuições do ME são prosseguidas tendo em vista o reforço da qualidade do sistema educativo nacional, a modernização administrativa, a aproximação dos serviços às populações e a participação dos interessados na sua gestão efetiva».

Prosegue com outro exemplo, *ibidem*:

«Decreto-Lei n.º 208/2002 de 17 de Outubro, artigo 2.º, no ponto 2, a palavra subsidiariedade aparece escrita no texto: “as atribuições do ME são exercidas promovendo uma lógica de subsidiariedade, através da descentralização de competências nas autarquias locais e da efetiva participação das comunidades educativas na gestão do sistema educativo, e tendo em vista a adoção generalizada das tecnologias de informação e comunicação nos processos de ensino e aprendizagem e no planeamento e administração e avaliação das políticas educativas e de formação vocacional e do sistema educativo. (...) Na Lei Orgânica, aprovada em 2006, nota-se explicitamente a expressão «princípios de subsidiariedade» no artigo 2, parágrafo 2: as atribuições do ME são exercidas segundo o princípio de subsidiariedade, através da descentralização de atribuições nas autarquias locais e de efetiva participação das comunidades educativas na gestão do sistema educativo».

Encontramos aqui referências às Autarquias locais permitindo-nos entrar no quarto ciclo deste capítulo:

### **1.3.5. Um recente “exemplo” de autonomia: despacho normativo 13-A/2012, de 5 de Junho**

Do preâmbulo reproduzimos:

«O presente despacho visa estabelecer os mecanismos de exercício da autonomia pedagógica e organizativa de cada escola (...). Pretende, também, conferir maior flexibilidade na organização das atividades letivas, aumentar a eficiência na distribuição do serviço e valorizar os resultados escolares».

Repetimos as três “finalidades”: organização das atividades letivas, distribuição de serviço e valorização dos resultados escolares. Centrando-nos nos objetivos, estes focam «a distribuição de serviço» (desde sempre da competência do responsável máximo executivo, ora diretor), «número de adjuntos, crédito de tempos e limites de organização de horários tanto de docentes como de alunos» (razões mais administrativas que pedagógicas). No artigo 2º segue-se a definição do conceito de “hora” e no 3º, os famigerados princípios de autonomia pedagógica e organizativa. Destes retiramos:

- «f) Implementar projetos próprios que abranjam a criação ocasional de grupos homogêneos de alunos tendo em vista colmatar dificuldades de aprendizagem ou desenvolver capacidades e promover a igualdade de oportunidades.
- g) Fomentar, sempre que necessário e em função dos recursos disponíveis, a coadjuvação em sala de aula;
- h) Constituir, sempre que possível, equipas pedagógicas estáveis ao longo de cada ciclo;
- i) Incrementar a cooperação entre docentes de modo a potenciar o conhecimento científico e pedagógico de cada um».

Focados então estes princípios pedagógicos, do restante do despacho normativo, isto é, para que se cumpram tais normas (cabe questionar...que autonomia) salientamos os outros tópicos, mais de natureza organizativa (e menos pedagógica): distribuição de serviço docente, fixação dos adjuntos do diretor, funções de direção, coordenação e assessoria, cargos e funções pedagógicas, componentes letivas dos docentes, não letivas, crédito de horas e organização de tempos escolares. Veja-se: este despacho de autonomia é mais incisivo na organização administrativa que propriamente a pedagógica no seu âmago e daquelas quatro alíneas de natureza pedagógica. Na escola onde exercemos, já ocorriam práticas muito afins. Então... nada de muito novo.

### 1.3.6. E a portaria 265/12 de 30 de agosto...a verdadeira abertura?

«o Programa do XIX Governo Constitucional (...) passou também a considerar o contrato de autonomia como mais um dos instrumentos de autonomia». Vejamos o objeto (artigo 1) que define «as regras e procedimentos a observar quanto à celebração, acompanhamento, e avaliação dos contratos de autonomia a celebrar entre os agrupamentos de escolas (...) e o Ministério da Educação».

E no artigo 2º (âmbito de aplicação) é explícito um «se» para as escolas da rede pública:

«Querendo assumir e desenvolver maior autonomia, curricular, administrativa e cultural, manifestem interesse em celebrar com o Ministério da Educação e Ciência, e eventualmente outros parceiros e entidades, um contrato de autonomia, podê-lo-ão celebrar».

Das oito alíneas dos princípios orientadores (artigo 3º) extratamos as que consideramos mais elementares para o nosso estudo:

«a) Aprofundamento da autonomia das escolas, tendo em vista a viabilização de projetos educativos de potencial para o desenvolvimento do sistema educativo e para as comunidades educativas locais.»

Chamamos ora a atenção para o teor desta alínea...

«b) Subordinação da autonomia aos objetivos do serviço público de educação e à qualidade da aprendizagem das crianças, dos jovens e dos adultos.»

“Subordinação ao serviço público”, algo cujas raízes já estudáramos em 1.3.3, na prevenção dos riscos da autonomia. Portanto...

«f) Diversificação das possibilidades de oferta educativa baseada em planos curriculares próprios e ou adaptações do currículo nacional.»

Estará aqui a brecha na muralha, para o projeto municipal de educação? Resumamos, sem nos alongarmos, o artigo 4º sobre o desenvolvimento da autonomia:

«Desenvolvimento de projetos de excelência (...) direcionados para diferentes perfis de alunos, prevenção de retenção, absentismo, abandono escolar pela diversificação de ofertas educativas, criação de modalidades flexíveis da gestão do currículo, ligação ao mundo do trabalho por via da cooperação entre escolas e instituições, inclusão de componentes locais e regionais, oferta de cursos com planos curriculares próprios e adoção de

procedimentos inovadores de práticas de gestão pedagógica, estratégica, patrimonial, administrativa e financeira».

Adiante, em 5.1, estudaremos o plano estratégico de educação para Óbidos (PEEO), assinado em 27 de junho (antes da data desta portaria) o qual talvez se insira no conceito *mater* desta “autonomia”...de portaria. Porém deixamos aqui ainda algo para analisar: «Por contrato de autonomia entende -se o acordo celebrado entre a escola, os serviços competentes do Ministério da Educação e Ciência e, sempre que conveniente, outros parceiros da comunidade» (artigo 5º).

Coloca-se a eterna dúvida se não estaremos a chamar autonomia a uma desconcentração.

## **1.4. A autarquia de Óbidos**

### **1.4.1. A “genética” da ruralidade e os novos desafios**

«Os espaços rurais estão hoje confrontados com transformações sociais, culturais, económicas e demográficas que tendem a configurá-los de modo significativamente diversificado e heterogéneo. A tercearização da economia e da sociedade arrastou uma crise de ruralidade e das instituições locais (a que a escola também não escapou). A sua identidade como espaço social foi seriamente afetada, visível numa crise de ruturas desencadeadas a partir de 1950-1960 (Batista, 1996 e 2002; Henriques, 2002 e Jean, 1995, 1997, 1998, 2003). Uma rutura agrícola/rural, de perda progressiva do significado socioeconómico da agricultura com reflexo nos territórios e nos atores. Uma rutura habitat/trabalho em que a aldeia é cada vez mais uma residência e um espaço de trabalho. Finalmente, uma rutura terra/espaço em que a terra e a sua posse deixaram de ser o centro de trabalho e as relações que por elas se estabeleceram.

Acresce-se a hegemonia das políticas económicas e sociais dominantes em obediência à lógica do desenvolvimento. As zonas rurais de hoje não só não reúnem capacidades necessárias para o seu desenvolvimento como muitas vezes também não observam as condições mais elementares com vista à sua sobrevivência, considerando a sua periferização e dispersão (Melo, 2000).

Daqui resultou (idem, p. 285) uma estratégia concentracionária refletida no seu reordenamento da rede escolar, de socialização ou integração seletiva promovida a nível central. Estas estratégias, nem sempre explícitas, acentuaram progressivamente o carácter periférico, a desarticulação (...) a marginalidade do espaço rural.

Por detrás destas ruturas que configuraram a crise de identidade tradicional dos espaços rurais tidas como “tendências pesadas e estruturais (Jean 1997) para as populações e eleitos locais, gerando passividade e resignação

conduziram tais espaços como “ilhas de irracionalidade” que sobreviveram ao holocausto da agricultura industrial de alta produtividade» (Amiguiño 2008: 184).

Esta descrição de Abílio Amiguiño embora numa lusa perspetiva territorial genérica, notamo-la com total identificação com as características do concelho de Óbidos. O contexto mais pormenorizado será abordado mais adiante, no capítulo III, mas deste modo é-nos apresentada uma dimensão encontrada e encarada pelo elenco autárquico, o qual vai procurar responder em várias frentes tendo por base a criatividade como elixir da mudança.

#### 1.4.2. A criatividade em contexto de opção e estratégia

«Perante um determinado niilismo democrático a que chegámos, afinal que referências existem na política actual? Qual o paradigma que impera? (...) O mundo enfrenta a dificuldade de falar para gerações mais instruídas, com mais recursos de instrução, com maior capacidade de mobilização para atividades cada vez mais diversificadas. (...) Os decisores precisam de olhar para o seu território preparando novas políticas, percebendo que, principalmente, os mais jovens vivem num espaço que suplanta o território onde vivem. Esta é uma das mudanças que política e políticos terão de fazer. Na *World Wide Web* existe uma meritocracia própria, que obedece a regras recentes, mas que vai produzindo os seus símbolos.

A Criatividade pode ser um conceito de intervenção política no território, mas tem de ser mais do que isso, tem de ser uma efetiva mudança na abordagem entre gerações que interpretam o mesmo espaço de maneira diferente. A Criatividade pode ser encarada não só para regenerar cidades e regiões, para revitalizar a economia, como também para suscitar uma nova relação na política, hidratando um sistema envelhecido e criando novos atores. O actual cenário de crise coloca-nos perante o desafio de podermos escolher outro caminho. Não existem fórmulas infalíveis para a Criatividade. No entanto, compete aos atores políticos, dos locais aos nacionais, desenvolver as amenidades inerentes ao seu desenvolvimento. O que torna este conceito tão estimulante, mas simultaneamente tão difícil de alcançar é a relação que estabelece com algumas das mudanças referidas anteriormente. A classe criativa sente-se idealiza-se autónoma e independente das estruturas políticas. Enquanto os criativos têm pavor da previsibilidade, nada parece assustar mais alguns políticos do que a imponderabilidade!

Durante os últimos anos, a criatividade e as suas indústrias foram, para algumas metrópoles e para os seus atores, o graal da regeneração urbana, ajudando a desenvolver centros históricos e áreas periféricas deprimidas.

(...) Acreditamos que, no caso das áreas rurais o grau de enraizamento entre criativos e território poderá ser mais vincado, mas primeiro temos de consolidar a capacidade de atração, que existe e tem vindo a ser referida por

vários investigadores. (...) Durante os últimos anos, a Criatividade e as suas indústrias foram, para algumas metrópoles e para os seus atores, o graal da regeneração urbana, ajudando a desenvolver centros históricos e áreas periféricas deprimidas.

Foram, em última análise, um antidepressivo para esses espaços urbanos. No entanto, o que está por perceber é até que ponto esse antidepressivo não é uma forma paliativa de lidar com o problema? Ou seja, terão essas pessoas uma relação com o espaço tão sólida que lhes permita resistir à tentação de mudar para o quarteirão do lado? A criatividade foi uma resposta reativa a uma conjuntura ou uma visão estratégica que se inscreve num tempo longo? Falta tempo para que possamos analisar esta questão de forma rigorosa.

Acreditamos que, no caso das áreas rurais o grau de enraizamento entre criativos e território poderá ser mais vincado, mas primeiro temos de consolidar a capacidade de atração, que existe e tem vindo a ser referida por vários investigadores.

Se houver uma mudança neste contexto nacional estaremos mais aptos a cumprir melhor as metas exigidas de competitividade, mas mais do que a importância da economia, o arejamento ou rejuvenescimento da democracia carece, mais do que nunca de Criatividade, de marcas distintivas, de novos graus de relacionamento com os cidadãos, de um percurso das margens para o mainstream, como muito bem apostou o Governo Britânico no seu programa de ação Creative Britain» (Telmo Faria, in criatividade e regeneração da democracia, Local action plan, Óbidos, 2011:3)

### 1.4.3. A visão política na Educação Municipal

O edil presidente, em entrevista de 30 de outubro de 2009, (<http://anae.biz/rae/?p=291>), argumenta as suas decisões respondendo a pergunta sobre as novas responsabilidades dos municípios na educação:

«O processo foi evoluindo em Portugal. Quando o engenheiro Sócrates implementou o Inglês a partir do 3º ano em todo o país, fazendo com que os professores ficassem mais tempo nas escolas, nós já estávamos a dar essas respostas. Quando esse programa foi lançado a nível nacional em 2005 foi muito fácil adaptarmos porque tínhamos uma experiência de cerca de dois anos de trabalho no terreno».

Noutro documento...

«É precisamente pela ativação do pensar, da ideia, da imaginação e da criatividade que começamos. Pela transmissão de que da ideia nasce a solução e de que esta pode e deve ser uma resposta a um problema ou desafio da comunidade. (...) Para responder ao desafio colocado por este nível referenciamos três projetos que procuram introduzir um ciclo virtuoso de inovação e participação:

- i) O programa Escola Municipal, em particular do projeto piloto que visa acompanhar os alunos que saem do Jardim-de-Infância no 1º ciclo, através da sinergia de professores e educadores de infância. É ainda uma forma de aumentar a porosidade da escola à criatividade dos jardins-de-infância.
- ii) *Fab lab*: no caso de Óbidos, assumimos uma dimensão educativa deste projeto, procurando ser mais uma ferramenta dos Ateliês Criativos, por exemplo. No entanto, o potencial do *Fab lab* de Óbidos vai também desenvolver-se como um instrumento de materialização de ideias para criativos e empresas locais, quebrando uma das barreiras mais difíceis que é precisamente o processo que vai da ideia até à produção.
- iii) *Óbidos living lab*: quando Óbidos recebeu uma proposta do MIT – Massachusetts Institute of Technology e da Universidade Técnica de Lisboa para a criação de um *living lab* virado para as questões da mobilidade e sustentabilidade, acolhemos a ideia com enorme entusiasmo, pois o poder de jovens estudantes das melhores universidades nacionais e internacionais só podia ser do maior interesse para nós» (criatividade e regeneração da democracia, local action plain, p. 11,12 e 13).

Três tópicos basilares são deduzíveis: o programa escola educacional (a desenvolver no capítulo IV), *Fab lab* (laboratório da Fábrica) muito incisivo nos ateliês educativos e a ligação ao ensino superior pela ação denominada *Óbidos living lab*. Este discurso é confirmado pelo estudo de Gil (2010:9):

«Denotei, então, que a relação entre a Escola e a Autarquia (de Óbidos) era bastante próxima. Esta proximidade tornou-se mais relevante aquando da deslocalização do Gabinete de Educação do Município para dentro da própria escola (Complexo Escolar dos Arcos). (...) Denota-se que as autarquias começam a ter o “papel principal” no que respeita a uma boa parte da construção local da educação, particularmente no pré-escolar e no ensino básico. De facto, num quadro legal apesar de tudo bastante centralizado, os municípios têm vindo a desenvolver estratégias de intervenção, que conduzem a uma recomposição do campo educativo. A reforma estrutural da educação implica a devolução de novas e efetivas atribuições às autarquias locais na área da educação. (...) Os municípios constituem o elemento central de uma estratégia de subsidiariedade, de descentralização administrativa e de melhoria da qualidade dos serviços prestados aos cidadãos (idem, p. 11-12). (...) Domínios que antes eram reserva exclusiva da administração central, como a conservação e gestão dos espaços escolares do primeiro ciclo ou o recrutamento do pessoal não docente, passaram agora a ser assumidas pelos municípios (p.10)»

Em final deste último mandato, em entrevista à Gazeta das Caldas a 7 de setembro de 2012, o edil-presidente, confirma que «a educação foi a sua paixão, desenhando um parque municipal contra a vontade do ministério». Questionado se valeu a pena, foi respondido...

«Sim, porque os resultados escolares subiram a todos os níveis. Passámos a ter secundário, duplicámos o número de estudantes no concelho de Óbidos, passámos a ter um local que recebe alunos de outros concelhos, quando antes acontecia o inverso. As famílias que só iam às escolas quando havia um problema, passaram a estar muito mais próximas e vão, com orgulho, ver o trabalho dos filhos e acreditam que temos uma visão, em termos pedagógicos que queremos implementar nas escolas. Tentar recriar a escola pública é uma façanha difícil e complexa mas acho que vale muito a pena fazer num país como o nosso habituado a modelos centralizadores na educação» (vide anexos)

Por este pensamento e pela descrição de Gil (2010) leva-nos a deter no tema...

#### **1.4.4. O enquadramento legal sobre as incumbências da Autarquia na Educação**

Em 1.2.5 (p.21), a localização foi definida como uma «transferência de poderes para os municípios e uma tentativa para que os serviços educativos sejam mais inovadores, mais sensíveis às necessidades locais e mais democráticos, responsabilizando as comunidades locais» (Green, 2001).

A Carta Educativa do Concelho de Óbidos (p.7 a 10) ao desenvolver o enquadramento legislativo no qual se fundamenta, explicita um vasto leque de leis, despachos, despachos normativos e demais flutuante legislação. São, deste modo, conhecidas responsabilidades endossadas às autarquias nos domínios dos transportes escolares, princípios de planificação da rede escolar, financiamentos para a instalação de estabelecimentos pré-escolares, participação das escolas nos domínios do reordenamento da rede educativa, finanças locais, transferências das atribuições e competências das autarquias para responsabilidades de construção e manutenção de estabelecimentos de educação, instrumentos de gestão territorial, constituição/instalação de agrupamentos de escolas, apoio sócio caritativo às famílias. Em resumo, as autarquias passam a ser incumbidas para criar os conselhos municipais de educação, promover o ordenamento da rede educativa, elaborar a carta educativa, construir, apetrechar e manter estabelecimentos, assegurar a gestão de transportes escolares bem como a dos refeitórios.

### 1.4.5. A carta educativa de Óbidos

Na sua página 10, lemos o seguinte princípio orientador deste documento:

«É um instrumento de planeamento e ordenamento prospetivo de edifícios e equipamentos educativos de um concelho, tendo em vista a melhor utilização dos recursos educativos, no quadro do desenvolvimento demográfico e socioeconómico de cada município (artigo. 10º, Cap. III do Decreto-Lei 7/2003, de 15 de janeiro)».

Salientamos os objetivos:

«1. A carta educativa visa assegurar a adequação da rede de estabelecimentos de educação pré-escolar e de ensino básico e secundário, por forma que, em cada momento, as ofertas educativas disponíveis a nível municipal respondam à procura efetiva que ao mesmo nível se manifestar.  
2. A carta educativa é, necessariamente, o reflexo, a nível municipal, do processo de ordenamento a nível nacional da rede de ofertas de educação e formação, com vista a assegurar a racionalização e complementaridade dessas ofertas e o desenvolvimento qualitativo das mesmas, num contexto de descentralização administrativa, de reforço dos modelos de gestão dos estabelecimentos de educação e de ensino públicos e respetivos agrupamentos e de valorização do papel das comunidades educativas e dos projetos educativos das escolas» (artigo 11, *ibidem*).

Deste teor legislativo, a equipa redatorial da carta educativa (p.10, documental) interpretou:

«Como instrumento de planeamento e ordenamento da rede educativa, a Carta Educativa visa assegurar a adequação da rede de estabelecimentos de educação pré-escolar e de ensino básico e secundário, permitindo uma maior racionalização e complementaridade das ofertas educativas e o desenvolvimento qualitativo das mesmas».

O citado Decreto-Lei 7/2003, de 15 de janeiro, veio revolucionar um novo modo de pensar sobre o parque escolar municipal não só pelos citados objetivos de desenvolvimento, como na visão de equacionar equipamentos dispersos, refletir a reconversão, enquadrar o aproveitamento, decidir novas construções ante a definição de prioridades considerando a geografia local. No fundo, uma reorganização do território educativo para o cumprimento da escolaridade obrigatória na sua estrutura horizontal e vertical.

«De uma forma geral, a Carta Educativa tem como finalidade (segundo a interpretação do município):

- a) Orientar a expansão do sistema educativo num determinado território em função do desenvolvimento económico e sociocultural.
- b) Tomar decisões relativamente à construção de novos empreendimentos, ao encerramento de escolas e à reconversão e adaptação do parque otimizando a funcionalidade da rede existente e a respetiva expansão,
- c) Definir prioridades e otimizar a utilização dos recursos consagrados à educação» (carta educativa de Óbidos: p.2).

De salientar o teor das alíneas b) e c), em particular. A primeira e deve-se recordar o ano de 2003, veio transformar por imperativo legal a “obrigatoriedade” de extinguir escolas dispersas pelo concelho, resultando a concentração em três grandes complexos escolares e, por via disso, onerar os cofres municipais, decisão que ainda hoje na opinião pública local não muito esclarecida ou mal-intencionada, vê de soslaio e com crítica negativa. A segunda permite inferir uma “escapatória” ou velada recomendação de desconcentração de poderes ou transferência. Talvez por isto na página 11 da carta educativa – documental, lê-se:

«A participação municipal na educação e o seu papel na gestão do sistema educativo, mais acentuado com a descentralização da administração educativa que transfere competências e atribuições da administração central para as autarquias, levam esta câmara a apostar num sistema de ensino de qualidade, garantindo a igualdade de acesso e sucesso para todas as crianças».

Somos introduzidos no conceito municipal de educação que, apesar de se poder admitir uma generalização própria no municipalismo, ir-se-á constatar que tal preocupação obidense será algo vanguardista (aqui na região) no que concerne à Fábrica da Criatividade propriamente dita. Aquela “transferência de competências” e a opção local de apostar num sistema de ensino de qualidade, veio lançar novos desafios que passam por três vetores fundamentais, fruto de um diagnóstico estratégico:

«Eixo I, (p.8) - reordenamento da rede educativa. Eixo II, (p.9) a vontade de aumentar a qualidade dos sistemas de educação e formação (...a rampa de lançamento para o projeto municipal da Fábrica da Criatividade?). Eixo III, (p.9), determinação de facilitar o acesso de todos à educação e formação».

Este último, *a priori*, apela-nos a não encontrar nada de novo porque este princípio constitucionalmente está consagrado. Contudo, talvez possamos entendê-lo como

estratégia local de encontrar formas de inclusão e quiçá eliminação das taxas de abandono escolar.

Por conseguinte, se nos centrarmos primordialmente no eixo II, já que o eixo I trata dos recursos físicos e logísticos, verificamos que as linhas de atuação «incidem no alargamento do quadro de competências dos diversos órgãos com funções educativas ao nível local», o mesmo é entender este princípio como a génese do futuro gabinete local de educação, o vértice da futura Fábrica da Criatividade.

Neste mesmo eixo II destacam-se títulos que se prendem com a preocupação de «desenvolver programas e projetos de combate ao abandono, absentismo, saídas antecipadas e insucesso escolar». Isto porque segundo dados do INE, de 2001, «no concelho de Óbidos o fenómeno do abandono escolar atingia 2,6% a 3,9%, ao passo que a saída antecipada apresenta taxas na ordem dos 30% a 39% dos jovens» (p.25, carta educativa). A este panorama, não será estranho a influência da então economia local, mencionada pela equipa redatorial da carta educativa ao descrever:

No capítulo da economia, (p.26), «as principais atividades económicas são turismo, agricultura e comércio. O setor primário absorve 33% da população residente ativa com repartição na fruticultura, produtos hortícolas e vinho. Reduzidíssima expressão na floresta e produção animal. (...) No setor secundário, a indústria assenta no ramo alimentar e bebidas, construção civil e obras públicas e ainda mobiliário. (...) Alguma extrativa. Quanto ao terciário, (...) comércio e serviços. O turismo representa empregabilidade e investimento no lazer. (...) Tem boas acessibilidades situando-se na confluência das autoestradas 8, 15, e o Itinerário principal 6, sendo servida pelas estradas nacionais 8, 114 e 115» (ibidem, p.27 e 28, carta educativa documental).

Obviamente este parágrafo transmite-nos muito da ancestralidade de um concelho que foi predominantemente rural e cuja mudança transformadora demora décadas. De tal se escreverá no início do capítulo III. Assim e para terminar a apreciação a esta magna carta local de educação, decisiva para um progresso salientamos as restantes linhas de força que são:

- «1) Estimular o interesse pela matemática, pelas ciências e pelas tecnologias em idade precoce.
- 2) Assegurar o acesso de todas as crianças e jovens às TIC.
- 3) Apostar no empreendedorismo e inovação» (carta educativa).

Esta aposta também está prevista no plano local de ação (*local action plain*) extensivo ao mundo empresarial e económico do concelho.

Por fim e continuando em resumo, o eixo III, como forma de evitar o já referido abandono escolar e intitular como permitir o acesso de todos à educação e à formação e mesmo prosseguir para além da escolaridade obrigatória salientam-se algumas medidas demonstrativas:

«Viabilização do ensino secundário em 2006-2007, diversificação da oferta de cursos de formação com equivalência a níveis do ensino formal (hotelaria, higiene e segurança alimentar e demais afins ou similares, turismo), parcerias com outras instituições como o Instituto Politécnico de Leiria, eventualmente a Universidade Lusófona e outras iniciativas com instituições de ensino superior» (carta educativa, p. 29).

#### **1.4.6. A organização escolar**

«Na organização escolar, são contemplados os agrupamentos horizontais e os agrupamentos verticais. Os primeiros na generalidade, incluem as instituições públicas pré-escolares e as do 1º ciclo. Este modelo foi constituído, considerando as necessidades dos atores, que pela proximidade e pelo aproveitamento dos recursos, juntavam esforços no sentido de formarem uma unidade que consiga servir os interesses da sua população. Por sua vez, os agrupamentos verticais, reúnem estabelecimentos de ensino da rede pública e que englobam instituições dos estabelecimentos pré-escolares, 1º, 2º e 3º ciclos, do ensino básico. As responsabilidades em relação ao agrupamento cabem à administração central, que gere, por exemplo o concurso de professores. Ao município cabe a responsabilidade de construção e manutenção das escolas do 1º ciclo. Os agrupamentos acabaram por tornar-se entidades complexas que dependem de instituições diferentes para resolver os seus problemas. Assim, a regulação burocrática tenta conciliar numa única organização, a vontade de comunidade escolar e a responsabilidade de várias instâncias de poder» (Gil, 2009:13).

Cabe introduzir uma nota de atualização a Gil: hoje assistimos à introdução do modelo de agrupamentos verticais com Escolas do ensino secundário a nível nacional. No caso de Óbidos tal já existe desde 2004, com a denominação de agrupamento de Escolas Josefa de Óbidos, considerando as características de único estabelecimento escolar concelhio, uma vez que a «área de influência abrange todos os alunos que habitam nas freguesias pertencentes ao território de Óbidos».

#### 1.4.7. O discurso autárquico relativo ao projeto municipal de educação

«Eu sou defensor de um sistema municipal ao nível da Educação para que cada concelho, à sua escala e tendo em conta as realidades locais, tenha a sua própria estratégia educativa. (...) As escolas não podem continuar desligadas do poder autárquico ou do relacionamento com o resto da comunidade. (...) O país deveria ter múltiplos sistemas de educação. Isto é, o Ministério da Educação deve fixar os objectivos nacionais, definindo os currículos, fazendo os exames e fazendo auditorias ao sistema. Mas a forma como implementar o ensino e a aprendizagem deve ser feita através de uma grande autonomia dada às comunidades municipais. (...) Um jovem pode passar anos inserido na escola e nunca ninguém o ter entendido. Nós sabemos que muitas vezes isso acontece. (...) Agora estamos a fazer um projeto que tem de ser desenvolvido a 15 anos, relacionado com educação pelas artes e pela literatura. Uma forma de educação criativa que é aplicada de forma horizontal a todas as disciplinas, envolvendo professores, alunos, pais e gestores das escolas» (Excertos da entrevista de Telmo Faria, presidente da Câmara Municipal de Óbidos publicada por escrito a 30.10.2009, revista de animação e educação da Associação Nacional de Animação e Educação - <http://anae.biz/rae/?p=291>).

Em 27 de junho de 2012, na sessão de abertura da conferência internacional de Óbidos Criativa subordinada ao tema Práticas Pedagógicas em Contextos de Participação e Criatividade (vide anexos) salientam-se excertos do discurso do edil presidente os quais ajudam a perceber um fio condutor da visão autárquica em termos educacionais: inicia referindo que a conferência «é um importante investimento na educação». Precisa-se «reinventar a escola pública e a arte de ensinar a fim de melhorar o contexto das práticas educativas». Para isso, na presença da mesa da conferência na qual se encontrava representação do governo central na figura do subdiretor geral de Educação e o diretor de agrupamento foi assinado um protocolo, (a analisar no capítulo V), intitulado Projeto Estratégico Câmara Municipal de Óbidos / Agrupamento Josefa de Óbidos, o que de certo modo pode ser interpretado como ato avalizado ou “apadrinhado” pela representação oficial superior do Ministério. A este propósito, o Presidente afirmou que...

«Pretende fazer uma cooperação com todos com base na participação, na crítica, na exigência, eliminando os confrontos geradores de instabilidade e procurar convergências ante a adversidade. Antes de culpar...gerir a equipa e ajudar o colega. Centrar a causa maior na pedagogia».

Salienta algumas questões na sua prédica:

«Como construir o edifício da Educação e a identidade identificativa, para onde vamos, que referencial teórico, que relações entre professores, que rentabilidade dos recursos, como seremos reconhecidos daqui a duas décadas?».

E continuou, abordando a beleza de ser professor, o desafio profissional do ponto de vista técnico, as virtudes do trabalho de equipa, que não pode haver separação de projetos (refere-se aos da escola pública e aos do projeto municipal), a importância e novos desafios de um autarquia (que já não é a do tempo de mudar as fechaduras das escolas), que o presidente da câmara não é o líder das escolas mas o escolhido pelos pais e professores, que vamos ajudá-lo (o líder educativo) sendo construtivos, que a escola é de todos, a aposta na inteligência com atitude criativa, que falar na criatividade não é falar para artistas ou cultura, que são novas ferramentas a serem usadas pelos professores, que não se nasce criativo mas ensina-se (a ser). «Queremos um caminho que sejam as crianças a descobrirem o seu caminho e a escola tem de fazer a preparação – com criatividade – para o futuro».

## Conclusão do capítulo

Sobre a definição de **criatividade**, não rejeitando outras, aceitemos a de Robinson: «é imaginação aplicada». Todavia, **imaginação** é a «capacidade de trazer à mente coisas que não estão ao alcance dos sentidos» ou o processo de «ver na nossa cabeça». **Fantasia**, «é a faculdade humana que permite pensar em coisas absolutamente inventadas (...). É livre de pensar a coisa que quiser, até a mais absurda, incrível ou impossível». **Invenção**, «significa pensar numa coisa que anteriormente não existia (descobrir)». **Inteligência**, «refere-se à compreensão passiva de um assunto ou de uma habilidade». **Pensar** «é a capacidade operativa com a qual a inteligência atua sobre a experiência». Então a criatividade é uma utilização finalizada da fantasia e da invenção, simultaneamente, graças ao labor da imaginação, devendo ser encarada como um forma de inteligência que se forma e transforma continuamente. Contudo, para a operacionalidade criativa é indispensável a função da «memória como armazém da informação» ao qual não serão alheios os fatores de hereditariedade e o meio com um «pensamento» gestor e dinâmico. Entendida esta conjuntura, de extrema importância no contexto da aprendizagem do indivíduo segundo correntes mais vanguardistas, a mesma

colide com os sistemas de ensino vigentes, centralizadores por razões políticas, económicas, administrativas e pedagógicas, os quais atribuem maior relevância à linguística e raciocínios lógico-matemáticos em detrimento da criatividade. Apesar de se assistir, em Portugal (seguindo o modelo de outros países), a um manancial legislativo de documentação que fazem pressupor formas de descentralização e autonomia, não são, na prática, ainda permitidas outras formas verdadeiramente autonómicas de responsabilidade educacional fora do Ministério, nomeadamente nos domínios curricular e pedagógico. Neste contexto, a Município de Óbidos, com os meios legais que dispõe, argumenta discursivamente no sentido de demonstrar que se sente capaz de desenvolver e aplicar um paradigma de ensino municipal, olhando para a educação na base da criatividade como geradora de uma dinâmica diferente a que chamará...”Fábrica”. Temos portanto em questão um triângulo relacional (dialético de avanços, recuos, impedimentos, desenquadramentos jurídicos) envolvendo o Ministério, a Autarquia, a (insuficiente e por vezes ambígua) Autonomia com a criatividade por epicentro.

## Capítulo II

# METODOLOGIA

### **Tipo de pesquisa**

Investigação qualitativa considerando a índole social, porque na verdade de pessoas se trata, a partir da qual pretendemos «construir uma outra realidade, possuindo uma relação íntima com o objeto de estudo» (Denzin & Lincoln, 2000). Optou-se pela Investigação-ação (planificação, ação e reflexão). Na metodologia, cabe algo de etnográfico (ethnos = povo e graphein = escrever *in* Lima & Pacheco 2006:87) porque conhecemos a comunidade e integramo-la. Procuraremos não formular hipóteses vãs e conferiremos ênfase aos fenómenos sociais que ajudem a compreender a realidade sociodemográfica.

### **A amostragem**

O estudo abrangerá agentes heterogéneos. Dado que objetivamente possui um carácter exploratório com perceções sociais num universo com cerca de 10.000 habitantes, admitem-se sempre dificuldades de representação na amostragem. Numa visão exterior, optámos pela incursão na esfera dos eleitos. Encontramo-los no plano político (secções partidárias concelhias, presidente de câmara, deputados municipais e juntas de freguesia), no associativismo, no meio empresarial e ainda nos octogenários da Vila de Óbidos. Em visão interior e porque se trata de educação, temos os quadros superiores do município ligados à educação e planificação política, os agentes ligados a ambos os

sistemas de ensino (formal e informal), professores, animadores, assistentes operacionais (auxiliares de ação educativa) e encarregados de educação (associados ou não) e alunos. Todavia, a amostragem destes é ínfima. Entrevistámo-los junto dos pais, em situação grupal. Os professores do ensino formal, separadamente defendendo a sua identidade, bem como ao nível dos educadores de infância. O mesmo sucedeu com os presidentes de junta, excetuando um órgão executivo que fez questão de estar presente, qual triunvirato (presidente, secretário e tesoureiro). Descrevemos, mais pormenorizadamente as representações colaborantes neste estudo:

11 Autarcas de freguesia; 3 quadros superiores da autarquia; 6 dirigentes associativos; 3 dirigentes de instituições; 4 dirigentes partidários concelhios; 4 professores do ensino formal: 2 educadoras de infância. 3 Atelieristas; 2 animadores; 10 encarregados de educação; 3 representantes do meio empresarial; 3 memórias vivas; 8 alunos; 1 eclesiástico latinista. Total...63 participantes.

## **A ética**

Esta diversidade foi apelativa ao cuidado ético. Quase todos nos conhecemos. Nesta observação / investigação encontraremos legítimas opiniões de índole política, social, demográfica, educativa, artística, cultural e económica. Não podem ser esquecidas relações laborais, amistosas, vínculos, dependências próprias de uma comunidade. Foram notadas, durante o presente estudo, oportunidades de expressão opinativa de livre espontaneidade, sinceridades, posturas verticalíssimas, contributos de valia muito proveitosa, animosidades embora reduzidas ou quase insignificantes, discordâncias fundamentadas, argumentos, interesses, paixões ideológicas, pensamentos ativos, críticos, inquietudes, mágoas e enormes vontades de serem chamados a intervir. Neste quadro de representações sociais, registou-se muito satisfatoriamente a confiança e disponibilidade de todos os participantes, inclusos dirigentes superiores da autarquia. Tal significa que, da nossa parte, foi constante a preocupação em gerir suscetibilidades de vária índole, considerando a nossa municipalidade e o dever de equidistância / respeito de opiniões.

## A recolha de dados

Assentou inicialmente no estudo de documentação facultada pelos quadros superiores da Câmara Municipal de Óbidos, em suporte informático. Podemos considerá-las como as fontes primárias. Era mister conhecer a “ideologia”. À medida que o estudo avançava, as dúvidas colocavam-se e dissipavam-se graças à permanente cooperação do Gabinete Local de Educação. Do mesmo modo, socorremo-nos dos documentos digitais do Agrupamento de Escolas Josefa de Óbidos nas suas respetivas páginas *web*. Para melhor perceber a criatividade global, desenhamos dois organogramas, cujas apresentações gráfico-informatizadas inteiramente se devem ao labor do gabinete das novas tecnologias da Fábrica da Criatividade<sup>4</sup>. Um, é designado por «pegada» criativa, que nosso gosto pelo latim identifica como *mater creativitatis municipalis*. Outro, o da Fábrica da Criatividade, a *fillia creativitatis*, a *schola* considerando metaforicamente uma relação parental. Portanto, elaborámos estes “mapas”, a partir de documentação que nos foi facilitada e usámos o organograma como método para organização e percepção do contexto global. Após a consecução disto, em teoria, importava cimentar e aferir a implementação partindo para o terreno.

Passámos então para a entrevista na primeira pessoa na maioria das vezes. Contrariamente ao recomendado como instrumento auxiliar para a recolha de dados, não se usaram meios de áudio e gravação, por razões de ética atrás descritas. Aquando do contato prévio para a opção entrevista, intencionalmente de forma aberta (diga-se...completamente livre) demos o mote que se tratava de falar sobre a Fábrica da Criatividade. O conteúdo era um pouco adverso. Os que não sabiam ou o pouco que sabiam sobre a criatividade, compreensivelmente procuravam fugir à temática, sendo notório que preferiam enaltecer e autoelogiar a obra decorrente do seu exercício de funções, procurando demonstrar a sua valia enquanto dedicados e esforçados executores. Recolhíamos os dados por escrito, na presença dos entrevistados, em rascunho ou minuta sendo a mesma rubricada no final da entrevista. A partir de então procedia-se à redação do texto, preferencialmente no mesmo dia. Casos houve que, na

---

<sup>4</sup> Prestimoso contributo do técnico João Agostinho.

resposta a um primeiro contato por correio electrónico, no mesmo dia tivemos resposta desenvolvida e longa. Outros existiram também, em que entrevistamos por longas conversações telefónicas. Aqui não houve a leitura das expressões faciais do interlocutor mas o timbre de voz, a fluência discursiva e a credibilidade cívica e profissional dos voluntários colaboradores não nos ofereceram qualquer tipo de dúvidas.

Pensáramos na observação de ateliês, visualização de trabalhos dos alunos mas ao longo da investigação alterámos a estratégia (Investigação-acção) optando por fotografar trabalhos expostos (poucos) nos ateliês criativos. Compreendemos que a nossa função de investigação em sala de aula poder-se-ia tornar condicionante, inibitiva, quiçá incómoda para além de se dever eticamente colocarem questões de autorização dos encarregados de educação e ferir suscetibilidades que urgem ser defendidas, quiçá, acauteladas.

## **A análise de dados**

O carácter exploratório das perceções sociais implica o contato pessoal. Descrita a recolha de dados (análise documental e entrevista), toda a redação deste estudo assenta no *“décrire...décrire...décrire...pour comprendre”*. Por conseguinte, optámos pela descrição de forma mais detalhada possível, procurando traduzir livre e fidedignamente as opiniões dos participantes neste estudo exploratório. Nutrimos o maior respeito pela liberdade de expressão dos mesmos ainda que discordando (por vezes) na forma e no conteúdo, uma vez que, tal nos ajudaria a conceber uma conclusão de mais-valia para o futuro do projeto municipal. Por conseguinte, reproduzimos com a maior lealdade grande número de “falas”, arquetizando o texto com os conteúdos genuínos, tradutores e expressivos das ideias e livres opiniões dos seus autores. Tal análise global foi apelativa (e isso será notório nas notas conclusivas), a solicitar o nosso contributo via “recomendações” considerando a nossa qualidade de vivência nesta comunidade municipal, o conhecimento e empirismo profissional e ainda as nossas experiências académicas, autárquicas e artísticas.

# Capítulo III

## O CONTEXTO SOCIODEMOGRÁFICO

**(Adversidades, transformações, resistências ou a pertinência da intervenção da criatividade)**

### Introdução

O título deste capítulo tem por finalidade, numa primeira leitura, compreender a partir da ancestralidade, o início e evolução de uma trajetória que veio solicitar novos desafios, bem como o conhecimento da evolução lenta deste pequeno município com pouco mais de dez mil eleitores. É indispensável que se possua uma noção do contexto histórico, social, económico e demográfico para melhor se entenderem as razões, as opções autárquicas e o caminho para um objetivo como é a Fábrica da Criatividade. Consideramos importante resumir o desenvolvimento local, particularmente no período de 1981-2001, o qual permitiu que os posteriores elencos autárquicos partissem para outras diretrizes de desenvolvimento e se dimensionassem de outra forma. Por outras palavras, é fundamental conhecer-se a «matéria humana», para mais tarde na conclusão deste capítulo e dos seguintes se aferir o que foi, como foi, em que ponto estamos e para onde vamos.

### 3.1. As raízes de um subdesenvolvimento (ou as adversidades)

«O concelho de Óbidos (...) no alvorecer do Reino era dos mais importantes e extensos (...) tendo muito dos seus domínios sido doados a ordens religiosas, nobres e fidalgos que se situaram nas suas terras, onde construíram solares, atraindo colonos que formando núcleos populacionais deram origens a freguesias e novos concelhos» (Botelho, sem data).

«Restabeçam sobre os alicerces que ainda existem alguns dos velhos edifícios arrasados pelo tempo ou destruídos pelo grande terramoto de 1755; suprimam não mais de uma dúzia de construções d'este século, dêem ao que

fica a ligeira restauração senográfica<sup>5</sup> de alguns detalhes arquitectónicos, e, sem tocarem na disposição geral das ruas e no agrupamento das casas, aqui tem, em Óbidos, fielmente e integralmente ressuscitado, um velho burgo português de há trezentos anos» (Ramalho Ortigão, 1836 – 1915...Do branco a negro *ibidem*).

«Por destino ou má fortuna, Óbidos encontrou-se quase sempre no campo oposto aos dos vencedores, permanecendo na legitimidade, não acompanhando os ventos da História. Desde a resistência ao Bolonhês (D. Afonso III), a adesão a Leonor Teles, a simpatia pelos Filipes, a tentativa de rebelião contra D. Pedro II, o parentesco do Alcaide-Mor com um dos implicados na tentativa de regicídio, as lutas liberais que afastaram o Alcaide-Mor de Óbidos onde até as pedras da calçada eram legitimistas, a alternância dos partidos políticos (...) contribuíram para o declínio de uma das mais pitorescas terras de Portugal. (...). O terramoto de 1755, arrasando a maior parte das casas da Vila, a extinção da “Casa das Rainha” em 1834, contribuíram para a decadência de Óbidos e para o abandono a que tem sido votado, mais patente a partir da implantação da República» (Botelho, sem data)

«Óbidos, a Pátria nossa  
Terra falada na História,  
Que teve braços de glória,  
Renome, fama preclara (ilustre, bela)  
Qual princesa decaída,  
Obscura, desencantada,  
Vê-se agora despojada,  
Das honras que já gozara (...)  
Perdemos tudo!...nós outros,  
Que vimos dias jucundos, (alegres, agradáveis, prazenteiros)  
De vendavais furibundos  
Nos achamos à mercê  
Só nos restam esses muros  
De gigantes dimensões,  
Esses velhos torreões,  
De santas crenças, a fé».

Beneficiado Francisco Rafael da Silveira Malhão, 1794 – 1860, Obidense, padre, poeta, distinto orador, *in* «Óbidos Vila Museu».

Tanto este poeta-orador como Ramalho Ortigão são personalidades que foram contemporâneas em partes das suas vidas. O primeiro pelo verso, quiçá pelos efeitos da razia clerical de António Augusto de Aguiar em 1834, exprime a sua visão obidense

---

<sup>5</sup> Termo da época correspondente ao cenográfico de hoje (estamos a transcrever e não seja entendido como erro ortográfico)

sobre o declínio, confirmado pela extinção da casa das rainhas, do ambiente religioso suportado nas igrejas, colegiadas, confrarias e seus conventos. O segundo, expressa prosaicamente a opinião do visitante, certamente poucos anos mais tarde, desconhecedor do âmago de Óbidos tal como acontece hoje a qualquer forasteiro. A opinião de Joaquim da Silveira Botelho sobre «o abandono a que tem sido votado, mais patente a partir da implantação da República» é de alguém já do século XX e tal como o clérigo poeta Silveira Malhão, tem um amor-próprio à sua terra. Ambos convergem no mesmo tipo de apreciação, com a mesma verdade e desencanto mas distantes entre si quase um século. A população de Óbidos (6.186 habitantes em 1864 e 7.977 em 1890)<sup>6</sup> não diferente do país e neste século XIX vive muito da dependência das grandes casas agrícolas, qual sistema feudal retardado.

### **3.2. O contexto do séc. XX até 1980**

Também Óbidos assiste aos efeitos da implantação da república (9.467 habitantes em 1911), à primeira grande guerra e a participação de alguns dos seus jovens de então, «ao vírus da febre pneumónica em 1917, à crença do alcoolismo como remédio para estes males» (Lopes, 1991), à carência de alimentos e recursos financeiros, ao 28 de Maio e a doutrina neonacionalista, à “fome” resultante da segunda grande guerra, ao isolamento das suas freguesias, às dificuldades de comunicação viária com a sede de concelho, ao aumento da população (famílias numerosas) com a escassez de produção, um êxodo de mão-de-obra (filhos contributivos do sustento de pais e irmãos) para a guerra colonial, ausência de infraestruturas sanitárias, de eletricidade, dificuldades de comunicações telefónicas (o tempo do posto público nas mercearias locais), agricultura de subsistência, poucos recursos pecuniários de jornaleiros e outros assalariados, profundo analfabetismo, trabalho infantil, hábitos e costumes arreigados, conduta social dominante pelas regras religiosas sendo estas a “escola” de conduta, de moral e “bons costumes”<sup>7</sup>. Um outro tipo de “feudalismo” nas relações e veneração às figuras de “oligarquias”, resquícios das casas senhoriais e quintas do século anterior, que mais

---

<sup>6</sup> Fontes: Garcia (2001:143)

<sup>7</sup> Opiniões do decano advogado obidense Frederico Garcia e nossas memórias.

tarde uma «esquerda» vem definir como “caciquismo”. Na década de 50 o concelho atinge o seu auge populacional: 11.716 munícipes. Na década 60, a da guerra colonial, 11.316 e a de 70, já com efeitos da emigração, 9.465 habitantes (Garcia, 2001:143). A semana santa é o acontecimento mais conhecido de Óbidos como o seu particular “auto de descimento da cruz”, antecedido pelas procissões do domingo de ramos e a do enterro entre outras. Em 1941, neste período do calendário litúrgico, o Diário de Lisboa difundia aos seus leitores:

«As cerimónias da Semana Santa de Óbidos não são feitas para atrair visitantes, não tem intuítos comerciais ou turísticos. São manifestações de puríssima fé realizadas por um povo bom. (...) Se são ainda manifestações de fé, não se encontram isentas de outros objectivos e pretensões. Revelam a tradição da fé que vem do tempo em que na vila havia abundância de clero, irmandades e colegiadas (até 1834). (...) Sofrem hoje de algum declínio devido à imediatez da vida de cada um na sociedade actual» (Rodrigues, 2004).

Um relato da época que bem ilustra o único motivo de grandeza que atraía “peregrinos” e gente forasteira. Na própria Vila,<sup>8</sup> vivem pequenos agricultores em cujas casas criam os seus suínos, bovinos, galináceos e leporídeos. Não longe das muralhas...também reside a agricultura de subsistência. Nem o facto do casario se estender em plano inclinado (encosta virada ao sul), as suas ruas íngremes e as calçadas irregulares os impede de viver desta forma. Nos anos quarenta, nas ruelas empedradas circulam juntas de bois puxando os carros próprios e carroças com muares. Por postura municipal dos anos sessenta é proibida a criação de suínos nos quintais das habitações, causando contestação social mas velada. A sociedade local estratifica-se em quatro níveis: o da pobreza extrema, o das servidoras e servidores (também chamados servos) vulgo «criadas e criados» classificadas exatamente como «as e os», donas e senhoras donas. Aquelas são as esposas dos funcionários públicos e estas respeitáveis damas das figuras importantes como o médico, conservador e dos dirigentes da função pública. O concelho vem à Vila pelo acontecimento religioso e para honrar (com dificuldades devido à pobreza geral) o pagamento de impostos na repartição de finanças, ao grémio da lavoura e casa Avelar para comprar (muitos a crédito) produtos para agricultura ou

---

<sup>8</sup> Relatos de obidenses octogenários

no princípio dos anos 70 à Casa do Povo ou outros serviços do funcionalismo público. O setor primário é dominante com uma agricultura de minifúndio, com a silvicultura, fruticultura, vinicultura e extração de minério em primeiro plano. O turismo (setor secundário) é quase inexistente e o terciário diminuto. A recuperação do castelo e a conversão em Pousada pelo então SNI nos anos 50 foram os primórdios de algo que hoje se tornou pujante. Existem sete freguesias e as poucas escolas frequentadas tão só por aqueles poucos “que tinha mais posses”. Um retrato não muito diferente de outros incontáveis lugares do resto do país. No princípio da década de 70, são inaugurados o posto de turismo e o Museu Municipal instalado no edifício da antiga cadeia, antes *domus municipalis*, e hoje museu Abílio Matos Silva, na Praça de Santa Maria. Eram expostas algumas pinturas barrocas (século XVI-XVII) de Baltasar Gomes Figueira (pai da pintora Josefa de Óbidos...Josefa D’Ayala e Cabrera), umas tantas peças de arqueologia e uma particular coleção de armas sobre as guerras peninsulares (invasões francesas), propriedade particular de Frederico Pinto Bastos (1872-1939).

### **3.3. A intervenção autárquica 1981-2001 (ou a transformação)**

«Enquanto houver uma pedra de calçada a colocar no concelho, nada se gastará no turismo ou cultura» (anónimo autarca citado por Garcia, 2001:183)

De 1974 até ao sufrágio da primeira Câmara Municipal em 1980, o concelho foi representado por duas comissões administrativas. Até 2001, seis elencos tiveram assento nos Paços do Concelho, presididos sempre pela mesma figura referencial: José António Pereira Júnior. Estas duas ininterruptas décadas são caracterizadas pelo desenvolvimento ao nível das infraestruturas de saneamento, abastecimento de água, captações, eletrificação, abertura e reparação da rede viária, sinalizações, novas pontes, toponímias nas freguesias e lugares habitados, novos cemitérios, recolha de lixo e aterro sanitário intermunicipal, apoios financeiros para a reparação do património arquitetónico religioso e sua subsistência. Uma resposta às necessidades básicas das pessoas (dados de Garcia, 2001)

Na educação, o parque escolar dimensionou-se com a construção de jardins-de-infância em todas as freguesias, as escolas do ensino primário já se encontravam construídas

conforme o plano centenário do Estado Novo em meados do século. Foi edificada a Escola Josefa de Óbidos em 1987 apenas para os segundo e terceiro ciclos fixando então os alunos em Óbidos quando até aí a sua continuidade escolar apenas se podia realizar na vizinha cidade das Caldas da Rainha.

Na cultura, em música, intensificou-se apoio às três bandas filarmónicas existentes, igualmente aos três ranchos folclóricos, um dos quais muito se sensibilizou para a investigação etnográfica (Olho Marinho) e a outros vindouros, aos dois grupos corais nascidos em 1982 e 1990, eventos de encontros das referidas bandas, folclore e coros como motivo e estratégias e evolução para os mesmos, *workshops*, grandes concertos com bandas militares, orquestras sinfónicas e música coral sinfónica, concertos em parceria com a Secretaria de Estado da Cultura, outros similares promovidos pelo próprio pelouro da Cultura, piano, canto, guitarra clássica, grupos de câmara (cordas e metais), a instituição dos Festivais de Música antiga em parceria com a Fundação Calouste Gulbenkian, que mais não eram que uma descentralização para Óbidos dos grandes nomes europeus da música medieval, renascentista, barroca e clássica (Hopkinson Smith, Jordi Savall com os seus Concerto das nações e Hisperion XX, René Clemencic, Segréis de Lisboa, Tom Koopman, Orquestra Gulbenkian, entre outros vultos marcantes). Repara-se o órgão ibérico do século XVIII da igreja de Santa Maria, restabelecendo-lhe muito da sua originalidade quanto à oitava curta, conferindo-lhe plena aptidão para uso do culto e de recitais. Editam-se discos de vinil e CD gravados nas igrejas de Óbidos.

Ao nível das infraestruturas físicas para a cultura, desafecta-se ao culto a Igreja de S. Tiago do Castelo, adapta-se a auditório respondendo a grave carência de logística, requalifica-se o velho edifício da Sociedade Musical e Recreativa Obidense construindo-se uma nova valência denominada Casa da Música, apoiam-se gratuitamente as coberturas para todos as construções que sediariam as coletividades de índole social, cultural e recreativa, tornando-se infraestruturas para descentralizar realizações em itinerância pelas freguesias e lugares do concelho e servindo, ao mesmo tempo, de espaço comunitário e convívio.

Nas artes plásticas, a Galeria Ogiva, propriedade do escultor alcobacence José Aurélio, era algo de inédito e pioneiro na cultura local. A casa onde morara o pintor Eduardo Malta, foi adquirida e reparada para galeria de exposições, preservando alguns dos seus trabalhos. Ali se organizaram eventos quinzenais de pintura, artesanato, cerâmica, escultura com artistas nacionais e estrangeiros, individuais e coletivas, de documentação histórica local (livros e pergaminhos). Com artistas locais institui-se a Oficina do Barro, originando uma “escola” local. São instituídas as Bienais Internacionais de Óbidos

Nas letras, procede-se ao tratamento, seriação e catalogação de documentos de arquivos históricos existentes, mesmo os de proveniência paroquial. Editam-se 17 livros e 4 opúsculos sobre temáticas locais.

No turismo são estabelecidos novos horizontes com as ideias das visitas guiadas, edição de cartazes turísticos, um do chafariz do Senhor da pedra e dois do cenógrafo Abílio Matos Silva, projeta-se o processo de retirar as antenas de TV, promove-se a Lagoa com as regatas de Oxford e Cambridge e demais acontecimentos náuticos na pista internacional de remo criando-se para tal uma associação náutica: Neptuno. Realizam-se provas automobilísticas de *cross*<sup>9</sup>. Adequa-se a cerca do castelo com dois auditórios de ar livre procedendo-se a um enquadramento “histórico” tanto paisagístico como de funcionalidade e polivalência. No campo desportivo, é construído um pavilhão polivalente e um estádio.

Em termos demográficos regista-se um tímido crescimento nesta vintena de anos. Dos 10.538 habitantes em 1981 são recenseados 10.809 em 2001, com um paradoxal aumento de 271 (Garcia, 2001:143). Apesar da realidade transformadora e de sinais de desenvolvimento em 20 anos o concelho não conseguiu convencer três centenas de pessoas a fixarem residência. O número inferior a 10000 eleitores, manteve o assento de apenas 5 vereadores, ou seja, a Câmara Municipal mais pequena dos concelhos do oeste-norte. Compreendamos que «em 1981, a população que não sabe ler nem escrever no concelho é de 27,7% e em 2001 o valor de analfabetismo do concelho fixa-se em 14%. Nestas duas décadas consegue-se reduzir para metade. Porém a média dos

---

<sup>9</sup> A maioria destes dados, além de Garcia (2001), são registos de memória do nosso desempenho no exercício de vereador da Cultura no mandato de 1986-1989.

concelhos do Oeste situa-se nos 11% pelo que tal taxa deixa Óbidos com o estigma do concelho com maior índice de analfabetismo. Em 2001, 47% da população possui apenas o 1º ciclo quando a média nacional se situa nos 27%, revelando a pouca importância que mesma atribue ao ensino» (Fidalgo, 2009:55-56).

A realidade descrita até aos ¾ do século XX, embora estendendo-se de forma menos agressiva até final do mesmo é a sombra da mentalidade ruralizante, fruto do domínio do setor primário. Compreende-se assim, de forma vinculada, as particularidades mais salientes que condicionaram o interior do concelho, constituindo-se herança com efeitos repercutidos a partir de 2002. É portanto entendível o conceito autárquico expresso pela aquela outra frase da colocação da pedra na calçada em desfavor do turismo e da cultura. Sem qualquer tipo de apologia à figura e obra do presidente cessante, é justo afirmar que felizmente não foi um «político calceteiro» que encerrou o século XX. Secundaram-no dezanove figuras de verificação nos seis mandatos, eleitas por sufrágio, oriundas de profissões diversas, nomeadamente, um advogado, um médico, um diplomado em música, três funcionários públicos, dois motoristas, dois bancários, quatro agricultores, um desenhador da construção civil, quatro comerciais e três comerciantes. Qualquer destes expressou, presumivelmente, a sua boa-fé, transportou as suas experiências, conhecimentos obtidos no encultramento, as suas vivências sociais, académicas (os que as detinham) e profissionais. É a amostragem qualitativa que as formações políticas candidatas recrutam, por conveniência ou crença de garantia de sucesso eleitoral e a disponibilidade (para alguns oportunidade) dos titulares dos executivos em contribuírem e servirem a causa do municipalismo. Era a expressão do concelho, consentânea com a mentalidade herdada e ainda então em vigor: «em 2001, Óbidos apresentava o valor de analfabetismo mais elevado de todos os concelhos que compõem a NUT III Oeste» (Fidalgo, 2009:56). Eis ainda os resquícios do século XIX a perdurarem no último quartel do século XX. Muito se fez apressada, intensa e dedicadamente mas impossível anular o subdesenvolvimento que o Beneficiado Francisco Rafael da Silveira Malhão se queixava lá pelo século XIX, “peste” que nunca foi curada. Por isto, no alvor deste século vamos encontrar...

### 3.4. A criatividade na dimensão da política global do município

Tal como se referenciou no capítulo I sobre o discurso do edil presidente sobre a criatividade, de um modo particular nesta segunda década este conceito arreigou-se de forma mais perene como uma tónica de desenvolvimento. A criatividade é “usada” como regeneração da democracia, que pode ser o início de uma “pegada criativa” (ou caminhada com vestígios de pegadas) com a ligação ou interrelação a planos e programas internacionais dos quais o URBACT é exemplo. A aplicação / implemento e adequação de tais princípios à realidade de áreas urbanas de baixa densidade (ainda que rurais como é o caso) constituem um desafio quanto à valorização das ideias. Digamos novas ideias, no que concerne à sua diversificação pelos meios empresariais locais, ao seu dinamismo, à sua estruturação, à sua influência nos eventos divulgados como culturais (agregadores de massas de visitantes), às parcerias como elementos coadjuvantes e agentes facilitadores de profícuas intervenções no terreno. Entramos num novo ciclo ... «das indústrias da criatividade como formas de regeneração». Em 2010, o plano de metas para tornar Óbidos numa economia criativa com o qual se pretendia conseguir um posicionamento de liderança continha as seguintes linhas de orientação:

«1) Uma educação criativa. 2) Estímulo ao empreendedorismo. 3) Criação de empregos da criatividade. 4) As parcerias público-privadas. 5) Um novo conceito de habitar. 6) Novas coleções e novas carreiras. 7) Um ambiente cultural de excelência. 8) Grandes espaços culturais e criativos. 9) Apostar na investigação e no conhecimento. 10) Inovação e experimentação. 11) Avaliar a criatividade. 12) Redes de criatividade. 13) Gestão da criatividade.» (Óbidos criativa, documento interno).

Temos pois neste plano de opções a contemplação, em primeiro lugar, com a educação criativa seguindo-se outras como o empreendedorismo, a criatividade na criação de emprego, avaliação e gestão da mesma, integração em rede, inovação e experimentação. Todavia nota-se a eminência do conceito de cultura, nomeadamente ao referenciar-se ambiente cultural e a sua relação com os espaços necessários. É mister que se introduza um enorme parêntesis neste momento: nos vinte anos de intervenção autárquica pós 25 de Abril, a cultura, sendo uma área pouco grata ao edil presidente de então, foi inicialmente atribuída a um funcionário Luís Manuel do Carmo Sousa Garcia, o qual, pelo dinamismo imposto em parcerias com instituições como a Fundação Calouste Gulbenkian e Secretaria de Estado da Cultura, abriu caminho a uma responsabilização,

por pelouro, a vereador com honras de tempo inteiro. Criou-se então uma dinâmica própria, divulgadora do nome de Óbidos e a Vila um palco de exposição de artes variadas. Obviamente eram tempos diferentes, com condições não só logísticas mas financeiras igualmente diferentes e por isso se compreende a importância que o plano actual da «Óbidos criativa» (documento interno), olhe para o conceito de cultura com as seguintes variantes que transcrevemos:

- «1) Ausência do estado estratega.
- 2) A cultura enquanto *bibelot* político.
- 3) Indústrias culturais e indústrias criativas.
- 4) Dos equipamentos culturais ao ambiente cultural.
- 5) A escola como centro cultural» (Óbidos criativa, documento interno)

Note-se, de forma particular, este último ponto: é chamada à liça, a educação como recetáculo de cultura, algo que muitas vezes não se atribui nem o destaque, nem a implícita objetividade. A Autarquia acaba, pela simples inversão dos termos de educação e cultura, por assumir a «cultura da educação», passando-se a compreender claramente o discurso e o contexto do edil presidente analisados no capítulo I. Para isso teve que se proceder à procura, ajustamento, adequação, reformulação dos recursos logísticos que viabilizem o sucesso do plano. Temos então a criatividade, as indústrias empregadoras, a cultura (que não se pretende «bibelot») promotora da educação, a programação pública como agenda criativa. Encontramos a ligação ao empreendedorismo, à rede de economias criativas. Este motor de “explosão” é-nos analogamente apresentado da seguinte forma:

«Motor – Educação. Combustível - Economia. Oxigénio - Cultura. Ignição - *Networking*. Explosão – Comunicação» (in Óbidos criativa, documento interno)

### 3.5. O plano local de ação (localismo)

«A (...) criatividade na política, quando utilizada convenientemente, pode representar a entrada, em grande estilo, do intelecto no domínio da intuição e dos resultados no horizonte próximo, que tem sido parte integrante da gestão política actual um pouco por todo o lado. (...) É uma forma de transformação política, pois implica um rejuvenescimento de ideias, mentalidades e até geracional, que a pode transformar numa força profundamente transformadora» (Telmo Faria, in *Local Action Plain*:9, documento interno).

O plano local de ação é um documento orientador das estratégias políticas da criatividade, elaborado em 2011, com forte empenho do historiador Miguel Silvestre, quadro superior da Câmara. Tal documento apoia-se em três grandes pilares do desenvolvimento: empreendedorismo, economia criativa e dinâmica (promoção) social. Numa imediata e panorâmica leitura introduzimos...

**Quadro II - Criatividade – atividades do plano local de ação (*local action plain*)**

A CRIATIVIDADE		
Empreendedorismo	Economia	Social
<b><u>Hand made and recreative retail</u></b>	<b><u>OBITEC</u></b>	<b><u>Eventos</u></b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>.EPIC – espaço para a inovação e criatividade</li> <li>Grande Livraria S. Tiago</li> <li>Espaços criativos da rua nova</li> </ul>	<p>Associação gestora do parque tecnológico de Óbidos (<i>Living lab</i>), parcerias com UTL, MIT, U.C., IPL. ATO e Óbidos.com</p> <p><b><u>Digital made.</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Edifícios centrais do Parque tecnológico</li> <li><u>ABC</u> (Apoio de base à criatividade)</li> <li>Creative Land</li> <li>ATO</li> <li>Óbidos.com – Associação comercial de Óbidos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Festival do Chocolate</li> <li>Semana Santa</li> <li>Maio Criativo</li> <li>Junho das Artes</li> <li>Mercado Medieval</li> <li>S.I.P.O</li> <li>Festival Internacional de Ópera</li> <li>Festa da Lagoa</li> <li>Festival de Folclore</li> <li>Temporada do Cravo</li> <li>Óbidos Vila Natal</li> </ul>
<b><u>Mix Models</u></b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>Praça da Criatividade</li> </ul>		
<b><u>Art Made</u></b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>Galeria do Pelourinho</li> <li>Galeria Nova Ogiva</li> <li>Centro de Design</li> <li>Auditório do Mocharro (Velha igreja extra muros a poente da Vila)</li> <li>Museu Municipal</li> <li>Museu Abílio Mattos Silva</li> <li>Museu Paroquial</li> <li>Ódesign</li> <li>Programa Melhor</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>REC – rede de economias criativas (Óbidos, Montemor-o-Velho, Montemor-o-Novo, Tondela, Fundação Bissaya Barreto, Seia</li> <li>Óbidos Criativa</li> <li>Local Support Group</li> </ul>	

Idade.

- Artesãos
- Desempregados

Este plano de ação local, fundamenta-se em estudo da realidade sociodemográfica estendendo-se por cinco níveis (vide organograma da criatividade nos anexos deste trabalho). Resumimos algumas “consciências” do estado socioeconómico como ponto de partida (p.12 de *local action plain*), tais como...

### **Fraquezas:**

«O concelho é dormitório, globalmente possuidor de grau de instrução baixo, fracos meios digitais, falta de visão / ambição, cultura instituída conservadora, média qualidade dos eventos e especulação imobiliária». A estas fragilidades soma-se a perceção de...

### **Ameaças:**

«Educação reduzida, envelhecimento demográfico, baixa qualificação profissional, mercado trabalho pouco diversificado, macrocefalia da sede do concelho, baixo nível de envolvimento, cópia dos eventos doutros sítios, degradação do património e ausência de estratégia nacional». Porém salientam-se como...

### **Pontos Fortes:**

«Beleza natural, qualidade de vida, centralidade nacional, proximidade a Lisboa, vontade política, aposta nos equipamentos educativos, terreno fértil à criatividade, potencial humano, imagem, eventos (medieval / chocolate), diferenciação, notoriedade, dimensão do município». A estes pontos fortes deverão ser consideradas as...

### **Oportunidades:**

«Turismo, Urbact / programas EU, novos residentes, cursos de formação, empreendedorismo, técnicos de apoio à infância, potencial humano, envolvimento da população, alargar comunidade educativa».

### 3.6. O Maio Criativo de 2012

Conhecida a “consciência” municipal sobre as fraquezas, ameaças, pontos fortes e oportunidades, foquemo-nos no MAIO CRIATIVO deste ano de 2012, cujo texto de cartaz transcrevemos e comentamos:

«O Maio criativo é um evento diferente das outras realizações pelas quais Óbidos é referência. Em grande medida porque se baseia no trabalho produzido pelas nossas escolas, pelo parque tecnológico sem esquecer as participações de associações e cidadãos que se envolvem em causas e projetos».

É diferente de outras realizações (as descritas em 3.5.) porque este evento trata-se da exposição do seu *pib*, nomeadamente resultante da conjuntura que abarca a escola, o parque tecnológico, associações e cidadãos. Trata-se de uma mobilização geral da criança ao sénior, algo pioneiro de movimentação e apelação social. Sobre a Educação propriamente dita, abordá-la-emos em 5.3 – Fábrica da Criatividade / Maio Criativo.

«Queremos que o Maio criativo seja mais uma etapa do processo de disseminação da criatividade enquanto valor fundamental do nosso posicionamento. É um evento que procura ensinar a ler o mundo, nas linhas e entrelinhas, procurando antecipar mudanças que se afiguram e quem sabe, criar algumas» (Maio criativo, folheto, anexos).

No fundo, encontramos os objetivos de expansionismo e implementação da criatividade, a bandeira dos tempos modernos na procura de um futuro com expectativas (quais bandeirantes em território circunscrito de 142 Km).

«O programa é ambicioso, vasto, experimental, não procura espetadores...queremos que aqueles que aqui chegam saiam inspirados, pelo menos...a se tornarem criadores, experimentadores, realizadores de algum sonho ou projeto» (*ibidem*)

É lançado não só ao visitante como a participante autóctone um desafio a que não seja expectante mas ativo/intérprete, deixando-se conduzir pela imaginação/criação.

«O Maio criativo é também o início de um novo ciclo da criatividade em Óbidos com a abertura do EPIC – espaço promoção da inovação e criatividade, bem à entrada da Vila. Será um espaço para empresas e comércio que façam da criatividade o fator diferenciador e o motor do seu negócio. Da ideia ao produto, do projeto ao mercado, dos sonhos às

conquistas, este é um evento que nos posiciona enquanto comunidade sustentável, criativa e empreendedora» (*ibidem*)

Bastante elucidativa esta parte do texto. Foi inaugurado a 30 de Abril o espaço EPIC, espaço para a inovação e criatividade, numa moradia agrícola, mesmo à entrada da vila, restaurada e adequada com infraestruturas para confluência de atividades empresariais, empreendedorismo, colóquios, conferência e ateliês a par dos outros intervenientes (escolas, associações, grupos de cidadãos etc.).

Foram previstas programações para os trinta e um dias, nomeadamente «ateliês e exposições, mercado ecodesign, cinema de animação, mercado biológico, *creative breaks*, indústrias criativas e *epic talks*». Entendamos este evento como verdadeira mostra da criatividade, do empreendedorismo, da inovação e no fundo a exponenciação das valências constantes no organograma que se apresentará a seguir resultante da análise ao *local action plain*. Citamos as Oficinas nas áreas...

*CREATIVE BREAK DEMOS* compreendeu as seguintes atividades: cerâmica livre e *light painting*; do biscoito; ser enólogo por um dia; mãos no barro; experimenta teatro; lixo como artes plásticas; feitura de bonecos de pano e esculturas em papel; cozinha sustentável; desenho em tela; escrita criativa; técnicas de joalheria e renovação de roupa velha.

MERCADO ECODESIGN: reciclagem de plásticos domésticos; reutilização de desperdícios de papel e reaproveitamento do desperdício gráfico<sup>10</sup>.

### 3.7. O organograma municipal da criatividade

Consta nos anexos deste estudo, p. IV.

---

<sup>10</sup> Fontes: folheto informativo, em suporte de papel, de Maio Criativo, 2012.

## Resumo do capítulo

Iniciámos esta viagem de capítulo, com poema de Silveira Malhão e prosa de Ramalho Ortigão, dando conta do desencanto de Óbidos no final de XIX assim como uma breve retroação descritiva dos “infortúnios” por apoios errados a figuras e causas perdedoras na História de Portugal. Quase todo o século XX foi de subdesenvolvimento e a luz começou a raiar no último quartel, particularmente com as duas décadas de 81 a 2001. Descritas em síntese a transformação logística do concelho neste período, percebemos o cunho do atual presidente e o início de um ciclo. Constatámos uma outra visão política com base na criatividade, inovação e empreendedorismo, com consciência das fragilidades, pontos fortes e oportunidades que irão sustentar um crescimento consentâneo com um presente dominado pela tecnologia e novas formas de pensamento. Relembremos, portanto, as tais mágoas de XIX e confrontemos com um Maio Criativo de 2012. Um pensamento auxiliador: “viemos de longe...e a criatividade acordou-nos com o Maio”. Vamos agora encontrá-la na EPIC e noutros espaços da Vila. Iremos vê-la «fabricada» nos gabinetes adjuntos da presidência mas por ora procuremo-la na escola...municipal.

## Capítulo IV

# O projeto da Fábrica da Criatividade

### Introdução

De um conjunto de paradigmas da criatividade (política) de Óbidos, um nos alerta particularmente: «criatividade significa fazer mais com o mesmo» (Telmo Faria, presidente da Câmara). Certamente é mais uma proposta de definição mas transporta-nos de imediato a uma lógica interpretativamente economicista ou que dispensa investimento. Aproveita-se o que se tem e lembra-nos Lavoisier: «na natureza nada se cria, nada se perde e tudo se transforma». Porém, o projeto municipal de educação leva-nos a pensar que tem de haver investimento, porque há que instituir recursos tanto materiais como humanos. Neste capítulo invocaremos algumas experiências ensaiadas antes da conceção teórica do projeto e descreveremos, comentando, as metamorfoses ou as páginas do “manual” do projeto. Apropriando-nos do pensamento de um docente do Canadá francófono: *décrire...décrire...décrire...pour comprendre*.

### 4.1. Antes do ponto de partida para o projeto educacional (ou da Fábrica)

As datas indeléveis da primeira década:

Ano de 2001, final de dezembro, tomada de posse da nova câmara. Em 2003 inicia-se a elaboração da carta educativa e implementação do projeto “crescer melhor”. Em 2008, a

par do projeto “descobre o teu talento”, experimenta-se a definição do projeto educativo local assente nos seguintes princípios: 1) Criatividade / inovação. 2) Educação / formação centrada no aluno. 3) Intervenção partilhada / especializada. 4) Escola comunitária. É inaugurado o Complexo dos Arcos. Em 2009, implementa-se o projeto “educação criativa” (pelas artes e pela leitura). Em 2010, procede-se à abertura dos outros dois complexos escolares e a instalação dos ateliês criativos nos pólos de Alvito (Freguesias de A-dos-Negros e Gaeiras) e Furadouro (comum às Freguesias de Amoreira, Olho Marinho, Sobral da Lagoa e Vau). No capítulo I foi dada a relevância ao significado decorrente da elaboração da carta educativa. Os seus fundamentos, levaram ao estudo do enquadramento legislativo, ao aprofundamento e melhor compreensão do âmbito territorial, a uma indispensável caracterização socioeconómica, à sua reflexão e registo. Interiorizou-se a necessidade de evolução do sistema educativo, partindo-se do pré diagnóstico, diagnóstico estratégico e finalmente as propostas. Lá foram percebidos indícios que hoje compreendemos como embrião do projeto municipal. Adquiriram-se algumas experiências iniciadas com...

#### **4.2. O Projeto Crescer Melhor (2003)**

«O projeto Crescer Melhor – Rede Municipal de ATL, surgiu em Outubro de 2003 pela iniciativa da autarquia de Óbidos. Este projeto teve como objectivos promover o desenvolvimento sócio-intelectual e psicomotor das crianças do Concelho de Óbidos e apoiar as famílias deste concelho de acordo com as suas necessidades, através de um sistema de fornecimento ou acompanhamento de refeições à hora do almoço e de uma rede municipal de ATL disponível para todas as crianças que frequentam os Jardins de Infância ou o 1º Ciclo do Ensino Básico, em horário pós-letivo.

De acordo com o regulamento, este projeto para além do serviço de refeições, presta também apoio às famílias, assegurando a guarda das crianças no horário pós-letivo e sempre que os professores ou educadores faltam. O transporte das crianças para os ATL é assegurado pelas Juntas de Freguesia e pela Câmara Municipal e a autarquia pode ainda assegurar, durante o período do ATL, várias atividades, nomeadamente: Inglês, Dança, Música, TIC e Desporto Escolar» (Coelho, 2004:5).

Começa então por ser uma valência de apoio social e ocupacional em horário pós-letivo no ano de 2003 para «apoio às famílias, assegurando a guarda das crianças no horário pós-letivo e sempre que os professores ou educadores faltam». Chamo a atenção que no Governo Constitucional presidido por José Sócrates Pinto de Sousa, a respetiva Ministra

da Educação instituiu algo de semelhante que denominou como atividades de enriquecimento curricular (AEC). Infere-se portanto, um pioneirismo (quer dizer...pré-ministerial) neste modelo em horário pós-letivo.

«O projeto incluía inicialmente 16 salas de ATL que foram, na sua maioria, implementadas em edifícios já existentes nas diversas freguesias do concelho, nomeadamente, em associações locais, em edifícios escolares e outros, para as quais foram contratadas 34 animadoras» (*ibidem*).

Coelho (2005:12) descreve em estudo realizado com os pais que «a categoria mais referida foi a guarda» e remete para os indicadores que «não tinha onde deixar a criança quando está a trabalhar (...) e é melhor do que noutra lugar», ante a alternativa de outros locais/pessoas, nomeadamente, ficar em casa e amas. Na categoria «comodidade» são enfatizados os indicadores «almoço», fornecido no ATL, «é mais barato», sendo também referido o facto de lá as crianças «fazerem os trabalhos de casa». São também indicadores desta categoria, «as condições do ATL, perto de casa» e a possibilidade da criança utilizar os «transportes da CMO». Conclui-se portanto que a iniciativa autárquica correspondeu às necessidades dos munícipes integrantes do tecido laboral, cujas vantagens são bem explícitas. No que concerne a aspetos de natureza «curricular», a mesma autora do estudo (p. 6) deixa claro que «os responsáveis pelo projeto não formulam objectivos específicos para este projeto, nem apresentam qualquer tipo de plano estruturante». Quanto às atividades, «todas as monitoras (do estudo) afirmam que (...) devem ser escolhidas por elas e pelas crianças. As atividades de inglês, música, informática e desporto escolar estão sob a responsabilidade de elementos externos ao ATL, que visitam as várias salas em regime itinerante».

Sem grande interferência e análise deste estudo de Coelho (2005), devem-se retirar ilações várias, mas não valorizar o que porventura menos bem tenha ocorrido. A valiosa experiência de ensino, incluindo o *errando discitur* (a errar também se aprende ou o erro também pode ser mestre), acaba por alentar e motivar outros projetos, cuja Fábrica da Criatividade (20011/12) passa a ser exemplo.

### 4.3. O projeto de Educação Criativa (2009)

«Com objetivos de cativar, estimular, inserir e elevar o grau de exigência de professores e alunos, contatar com profissionais de diferentes partes do mundo, (...) partilhar saberes em diferentes idiomas, aprender sem fronteiras, formar e acompanhar pessoal docente, não docente e pais» (*local action plain*,107).

Pressupõe-se que na redação deste projeto se pretende incutir uma cultura oposta ao laxismo, para ambos os lados (tanto a docentes como a discentes) e simultaneamente uma inclusão (a qual também praticamente já vai acontecendo no ensino formal). A metodologia de ensino e aprendizagem suporta-se nas artes e na literatura (embora a literatura também seja arte, a das palavras), aplicada às mais diversas áreas do saber ou à promoção das novas tecnologias. Para isto, conta-se com o laboratório da educação criativa surgida do Parque da Ciência e Tecnologia para proporcionar à escola outras manifestações de criatividade e inovação. Constata-se uma relação da escola com o mundo laboral na busca de mais-valias pautando-se por uma parceria realística com efeitos positivamente recíprocos. Eis uma partilha de saberes em diferentes idiomas estimulando a necessidade de aprender sem fronteiras, que introduz a diferença e o acolhimento numa sociedade disposta a partilhar conhecimento. Resulta então um contacto com profissionais de diferentes partes do mundo, o que torna o projeto internacional e adequado às exigências da escola como espaço de aldeia global. Internamente e de forma atenta a autarquia aposta na contratação e formação de animadores/mediadores educativos que desempenham funções em diversos tempos letivos e de enriquecimento curricular. De salientar a preocupação de estabelecer um programa educativo concertado nas áreas criativas, fruto de um passado dinâmico e inovador que permitiu criar bases sólidas para esta proposta. Isto significa a confirmação de um empirismo norteado por uma filosofia de trabalho com uma identidade vincada, paralela a um modelo de educação sem (indesejáveis) surpresas e criativo. «Para tal trabalhamos anualmente na formação e o acompanhamento do pessoal docente, não docente e pais». Notório, uma vez mais, o arrojo e audácia na consolidação de um modelo alternativo com assinatura e determinação municipal.

«Este plano de educação para a Leitura e para as Artes, contou com a parceria da empresa local «O Bichinho do Conto», que visava a formação de professores, mas também de uma nova profissão que passou a fazer parte

dos complexos escolares: os animadores. Esta nova figura no sistema educativo nacional são (e serão ainda mais no futuro) um elo importante da nossa estratégia de desenvolvimento da criatividade» (*local action plain*, 33).

#### 4.4. O ateliê criativo (2010)

«O Município de Óbidos implementou nos complexos escolares, o ateliê criativo que surge com a finalidade de estimular a criatividade das crianças a partir da reutilização de materiais. A dinâmica de utilização do ateliê propõe uma filosofia de trabalho com uma identidade vincada em que a criança é a principal protagonista das atividades, valorizando tudo o que a envolve e pode ser reaproveitado de uma forma consciente divertida, expressando-se através do desenho, pintura, palavras, movimento, colagens, dramatizações, música, escultura, montagens o que lhe possibilita inúmeras vivências simbólicas e de criatividade. Pretendemos estimular a responsabilidade perante o ambiente, a sociedade, a cultura em que as crianças estão inseridas e deste modo compreender o papel fundamental que possuem enquanto agentes dinâmicos nas transformações da realidade que as envolve, dotando-as de um conjunto de ferramentas que as prepare para uma sociedade cada vez mais competitiva. Este projeto conta com a participação ativa dos pais das crianças e da comunidade envolvente, bem como das empresas a nível nacional na recolha e entrega de material reutilizável para a realização de atividades e na produção de produtos partindo destes pressupostos» (in, *local action plain*, 33).

Encontramos implícitos nesta descrição a finalidade, a proposta filosófica de trabalho, o destinatário-criança, a clara adoção das artes como meios facilitadores preferidos para o desenvolvimento da criatividade, objetivos de ligação e pretensão contributo para a sociedade/comunidade/família e empresas. Uma gestação que nos conduz a entender que, por via disto...

«Assim (em 2011), por forma a concertar os projetos desenvolvidos no serviço de educação do Município de Óbidos, num modelo de intervenção que evidencia o papel da Criatividade no processo ensino-aprendizagem e que procura refletir sobre a relação entre Educação e Arte, surge a Fábrica da Criatividade» (p.6).

#### 4.5. Ponto de partida da Fábrica da Criatividade

«O Programa Escola Municipal é um projeto piloto que visa acompanhar os alunos que saem do Jardim-de-Infância no 1º ciclo, através da sinergia de professores e educadores de infância. É ainda uma forma de aumentar a

porosidade da escola à criatividade dos jardins-de-infância» (Telmo Faria, extrato de 1.4.3. a visão política na educação municipal, capítulo I).

«Com horizontes na criatividade e inovação», argumentam os responsáveis municipais que estes conceitos «nem sempre estão integrados no modelo educativo atual (ensino formal), pouco flexível à evolução social». Este documento (interno) básico da Fábrica da Criatividade continua explicitando «que o modelo educativo deve (...) centrar a sua metodologia na pessoa e nas respostas que necessita». Descreve ainda mais: «devemos fazê-lo tendo em conta a formação intelectual, académica e profissional, juntando grandes e pequenas causas à criatividade, inovação e empreendedorismo». Salientam-se então estes três pilares que são referência não só no templo de educação «localista» mas também sustentam a varanda do edifício onde se processa a visão governativa autárquica.

Pretende portanto a Autarquia...

«Imprimir no tempo e no espaço um novo modelo de educação, capaz de motivar, estimular, acolher e integrar a sociedade no seio da comunidade educativa, apostando (como?) na implementação de projetos inovadores e criativos que proporcionam uma sociedade robusta, criteriosa, criativa e empreendedora».

Deste parágrafo retiramos: «acolher e integrar a sociedade no seio da comunidade educativa». Faz pressupor que é a escola (este modelo municipal) que pretende atrair a sociedade para si, isto é, trazer a comunidade para a escola...novamente. Mais uma vez se refuta e de discorda do modelo centralista ministerial.

Este grito de autonomia (ou vontade de independência) comparamo-lo aos princípios educacionais descrito por Marujo e Neto (2004) e referidos em 1.1.8 (p.13). São visões (interpretações) fraturantes com o modelo formal.

#### **4.6. A importância do processo criativo como referência da Fábrica da Criatividade**

Este é o segundo passo do documento referencial da Fábrica da Criatividade. Começa por citar Munari (1997), nas suas interpretações de fantasia, invenção e criatividade. Quanto à primeira, opina: «tudo o que antes não existia, ainda que realizável». Sobre a

segunda: «tudo o que anteriormente não existia mas era exclusivamente prático e sem problemas estéticos». Finalmente sobre a criatividade...« tudo o que antes não existia, mas era realizável de maneira essencial e global». Particularidade comum nas três frases: «tudo o que (...) não existia».

Retomando o teor do documento (interno) da Fábrica lemos:

«Devemos libertar as crianças de todos os condicionamentos e ajudá-las a formarem-se. Desenvolver todas as personalidades de maneira a que possam contribuir para o progresso coletivo. O indivíduo em idade infantil não deve ser sufocado por imposições, constrangido em esquemas que não são seus, obrigando a copiar modelos. Um dos modos mais usuais para anular qualquer possível ato de criatividade consiste em levar as crianças a fazer por exemplo, um desenho sobre determinado tema, igual para todos, a realizar com instrumentos iguais para todos. As técnicas de experimentação e investigação sem finalidade definida potenciam o desenvolvimento da criatividade».

Mas como podemos estimular a criatividade?

«A invenção de jogos, para Bruno Munari surge como uma das respostas e para Vigotsky, como um dos principais meios e métodos da educação. Se Munari defende que o jogo permite que as crianças possam aprender algo de novo, dominar técnicas novas ou compreender as regras da linguagem visual, Vigotsky complementa esta ideia ao defender que o potencial do jogo ajuda as crianças a dominar a natureza simbólica das palavras. Leva, no futuro, a que compreendam a relação única que existe entre as palavras e os objetos que significam e, finalmente, à emergência da consciência metalinguística - o conhecimento do modo como a linguagem funciona, que investigadores contemporâneos frequentemente associam ao domínio da linguagem escrita, necessário para o sucesso na aprendizagem escolar. A aprendizagem é vista como um processo social, em que a interação com os adultos ou o meio (cultura) e a linguagem promovem o desenvolvimento cognitivo - zona de desenvolvimento proximal».

Conclui-se que tanto Munari como Vigotsky são convergentes no uso estratégico dos jogos como estímulos e desafios a novas aprendizagens, domínios de técnicas tanto da compreensão de regras de linguagem visual (possivelmente também outras tal como a comunicacional) conducentes à relação das palavras com o objeto e funcionamento global da linguagem. É referido ainda que a aprendizagem é vista como um processo social de interação com os adultos ou o meio.

## 4.7. A Fábrica da Criatividade

O *focus* deste trabalho. É-nos definida como

«Um núcleo criado pelo serviço de educação e pretende gerar um conjunto de iniciativas, com vista à promoção da criatividade. Desta forma, propomos construir para uma comunidade mais participativa e ativa num contexto educativo e cultural».

Do descrito, retiramos o início de um paradigma: *qui/quid* (o que é), *quomodo* (de que maneira), *cur* (por que causa). *Qui / quid*, ficamos a conhecer que é um núcleo criado pelo serviço de educação, municipal, logo demonstrativa de uma preocupação ou determinação invulgar numa autarquia com intenção de “educare”, gerando um conjunto de iniciativas em torno da criatividade. É-nos exposto que se pretende «construir uma comunidade mais participativa e ativa num contexto educativo e cultural». Esta proposição é o cerne de uma outra pergunta que poderíamos colocar: será a Fábrica da Criatividade um modelo municipal de ensino capaz de operar uma verdadeira transformação social Óbidos? O que é descrito pode ser tomado como meta ou finalidade, porque os objectivos aparecerão de seguida. Todavia o *quomodo* é clarificado pela seguinte descrição textual salientando a aplicação territorial em duas zonas distintas:

«a) Na Escola, através da criação de projetos-ação que resultam numa intervenção direta em diferentes focos (aluno, professor, animador, currículo e família).

b) Na Comunidade com o desenvolvimento de um programa integrado de atividades lúdicas, artísticas e culturais, maioritariamente de itinerância dirigidas a crianças, jovens, adultos e famílias tais como exposições, ateliês, instalações, espetáculos ou visitas guiadas.»

Concluem-se portanto, dois importantes vetores: a escola e a comunidade como “parturiente” da população escolar. Dois espaços diferentes: um centralizado e outro disperso. Porém aqui encontramos o *cur* (por causa): tanto num como noutro espaço compreender-se-ão alternativas de desenvolvimento livres das duas inteligências básicas e caracterizantes do ensino formal «muito arreigadas na linguística e na lógico-matemática» (Marujo & Neto 2003:123). Por outras palavras as atividades lúdicas, artísticas e culturais a difundir maioritariamente pela itinerância são sinónimos de rutura

e causa que se quer diferente do formalismo convencional de ensinar. E a quem se dirige? Aqui os espaços fazem a diferença: a Escola, é o espaço aglutinador da população escolar onde se entra às 8.30 e se abandona às 17h, qual funcionalismo público em tamanho menor. Lá se tomam refeições e existem gradeamentos. As outras inteligências do binómio Arte-Educação ao fim da tarde podem atenuar as tensões resultantes das da linguística e lógico-matemática e restante currículo formal. A comunidade (jovens, adultos e famílias) funcionará de forma mais complexa. É dispersa e recheada de desafios e ativamente laboral. Pretende-se que a escola atraia a comunidade mas o inverso também é preciso. As incompatibilidades temporais da organização escolar são justapostas às da sociedade ativa, ou seja, os afazeres escolares e laborais tornarão difícil o desenvolvimento articulado destes níveis geracionais.

#### 4.7.1. Objetivos da Fábrica

A) «Sensibilizar e motivar os diferentes públicos para as temáticas da leitura, ilustração, *design*, arte, ambiente, história, escultura, pintura, multimédia, performance, entre outras».

Estas temáticas conduzem-nos de imediato a pensar num conjunto de artes como a literatura, as plásticas como a escultura e pintura, as performativas levando-nos a imaginar o teatro (história), a ilustração, o *design*, a multimédia por onde também poderemos ingressar no cinema. Considerando a “hierarquia” das artes - música, dança / coreografia, pintura, escultura, teatro, literatura, cinema, fotografia, banda desenhada, jogos de computador e vídeo, arte digital,<sup>11</sup> tais temáticas configuram uma oferta muito interessante no domínio artístico-educacional. De realçar ainda a menção de “entre outras”, o que significa admitir outras estratégias a descobrir.

B) «Integrar momentos de partilha de conhecimentos e experiências que estimulem o desenvolvimento da comunicação visual».

Retiramos deste objetivo o conceito de partilha e o desenvolvimento da comunicação visual. Sobre o mesmo:

---

<sup>11</sup> Fonte: Professora Doutora Maria do Céu Marques, (2012) u.c. Literatura e Cinema, Universidade Aberta.

«Em seres gregários a identidade é feita do que se partilha, do que se é no grupo a que se pertence, a que se soma a especificidade individual. Ser parte de um nós é essencial para saber quem é o eu» (Marujo & Neto 2003:56). Reforçando o sentido gregário da partilha, verifica-se também neste ato uma aprendizagem cooperativa e não competitiva. «Ao serem feitas (as aprendizagens colaborativas) em diálogo, simulam mais eficazmente a forma como se aprende e trabalha na escola. Sublinham a multiplicidade de perspetivas e realidades, encorajam a gestão dos pontos de vista, reduzem a competitividade» (Marujo & Neto, 2003:159).

Quanto ao desenvolvimento da comunicação visual, afigura-se uma preocupação patente e própria numa das múltiplas inteligências na área espacial-visual nomeadamente interrogações (ou pensamentos tanto para o docente como para o discente) sobre como usar auxiliares e suportes visuais, cor, arte, metáforas, construção de imagens internas do conhecimento, fazer desenhos, pinturas ou outras atividades afins.

C) «Integrar diversos atores educativos nos processos criativos na educação.»

Estes atores educativos não serão somente aqueles que Winnicott (1975) menciona ao descrever que «os agentes educativos (pais, educadores, professores, animadores, entre outros) assumem um papel determinante na mediação e partilha de experiências». A Fábrica da Criatividade, não nos esqueçamos, «é um núcleo criado pelo serviço de educação do município». Tal com atrás já foi referenciada, a criatividade é uma opção, pode dizer-se...política, de governação local que envolve parcerias com agentes do mundo laboral tecnológico que ora se vai implantando em zonas e organismos próprios. Por conseguinte para além dos agentes “escolhidos” por Winnicott, a permuta de experiências com o mundo empresarial local também confere um estatuto para-docente. Entendamos ainda como uma globalização a partir do binómio educação-mundo laboral.

D) «Intervir na área da educação, significa que é nosso dever reavaliar e questionarmo-nos constantemente, sobre os nossos pressupostos de intervenção.»

Eis uma manifesta e clara intenção, plena de sentido de responsabilidade, demonstrativa sobre o *modus operandi* do projeto. *Errando discitur* (com o erro também se aprende)

pressupõe uma permanente avaliação quanto à aplicabilidade. Segue o texto colocando um conjunto de questões, com calculismo sobre temáticas vigilantes dos riscos que poderão inquinar as boas práticas e as boas intenções, nomeadamente:

«Como iniciar um projeto educativo que pretende estimular a criatividade, como garantir que tenha qualidade exigida e desejada face à limitação de recursos humanos e financeiros, como potenciar e dotar os recursos humanos afetos à área da educação de um município, com competências e conhecimentos nas áreas criativa, como interligar com os docentes e (finalmente) como relacionar a exigência de um projeto educativo com uma maior participação dos pais na escola».

O que acaba de ser lido lembra Martins (2002) na sua preferência pelo modelo de Rénaud Légendre como paradigma de abrangência a estas questões. Relacionam-se com o sujeito (estimular a criatividade), o objeto (potenciar e dotar com competências e conhecimentos nas áreas criativas), o agente (interligar com os docentes) e finalmente o meio (quando se referem os recursos humanos e financeiros e a maior participação dos pais na escola). Mas mais ainda há que referir a partir de Martins (2002).

«Os objetivos gerais e ensino, acentuações a privilegiar face ao contexto (meio), princípios de orientação pedagógica e didática (objeto), perfil das atitudes e competências do educador (agente), formas de intervenção, retroação, reflexão e autoavaliação (o que é descrito no conjunto das questões preventivas do risco de falhanço do projeto) e Investigação-ação sobre as experiências educativas, que complementa o referido sobre a autoavaliação» (Martins, 2006:52).

A equipa redatora do projeto explicita que «apresentamos assim, propostas dinâmicas e flexíveis, valorizando a criatividade, a linguagem visual e estética, o pensamento crítico focando a educação através da Arte e da Leitura, como linguagens universais». Todavia, esta última frase permite questionar se é consonante com o primeiro objetivo da Fábrica, isto é, a proposta variada de artes e não focar apenas a leitura como linguagem universal.

#### **4.7.2. Arte e Leitura na Educação**

Foi título de um projeto do Gabinete de Educação da Autarquia (outra metamorfose) com o mesmo nome no ano de 2009 e já abordado em 4.3. Ana Mae Barbosa é invocada na seguinte citação: «o conceito de criatividade evoluiu: não se pretende desenvolver

apenas a criatividade através do fazer arte mas também através das leituras e interpretações das suas obras». Acabamos de ler um convite a uma sensibilização que tendencialmente nos puxa para a admissibilidade da criatividade deixar de ser pertença exclusiva das artes e também ser aplicada na leitura e interpretação da obra literária. Doutro modo, «propõe uma abordagem metodológica para o ensino da arte baseada - não em conteúdos - mas em ações: fazer arte, saber ler obra de arte e conhecer a sua contextualização». Detetamos a opção e premissa adotada como suporte da Fábrica quanto ao princípio que...

«A arte na educação como expressão pessoal e como cultura assume-se assim, como um instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento individual. Poderemos potenciar com a arte, a perceção e a imaginação, aprender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade analisada».

Vamos assistindo lentamente à introdução de um novo paradigma de ensino que entronca no capítulo I, particularmente sobre o discurso do Presidente da Câmara. Veja-se uma nova invocação de Ana Mae Barbosa no documento base (repetimos... interno) da Fábrica da Criatividade:

«O desenvolvimento da comunicação visual, ou da alfabetização visual confirma a importância do papel da Arte na Escola. Não se pretende resumir a uma análise da forma, cor, linha, volume, equilíbrio, movimento, ritmo, mas centrar a leitura que estes atributos conferem à imagem, em diferentes contextos. (...) Não se trata de perguntar ao artista o que diz a obra, mas o que a obra nos diz, aqui e agora no nosso contexto e o que disse noutros contextos históricos e a outros leitores».

Para finalizar este subtema, a redação autárquica reforça o seu argumento publicitando:

«Segundo Leite, E. & Vitorino, S. (2006), no livro “Arte e Paisagem”, a observação de uma obra de arte serve para treinar o olhar para o diferente, o pouco comum, estimular a memória visual, desenvolver capacidades de expressão e comunicação, analisar e pensar de modo criativo e crítico o que ou “como” se vê e partilhar e debater sensações vividas. Ao ver, atribuímos significados, estabelecemos relações entre a nossa experiência e o que estamos a ver. É fundamental contextualizar, aprofundar significados, produzir conhecimento, na perspectiva de que não é possível desvendar totalmente o ato criativo».

Não será difícil retirar deste período um conjunto de objetivos tão ou mais importantes quanto os mencionados como principais. Extensivamente o que nos acaba de ser descrito a propósito da literatura, sê-lo-á para a maioria, senão todas as artes.

#### **4.7.3. A Viagem**

“A viagem” é um simbolismo da divulgação do programa educativo.

«A palavra está associada a um trajeto que se faz num determinado espaço-tempo. O ponto de partida é tão importante como o ponto de chegada e as vivências que se situam entre os dois momentos são fundamentais. A viagem pode ser também desejo de transformação e mudança» (Leite, E & Vitorino, S. 2008, citados pela redação do projeto municipal).

Nota-se a reincidência na determinação e crença no sucesso global desta intenção educativa. E, pouco a pouco, vamos conhecendo melhor, de forma mais visível e incisiva qual o “programa” prático da fábrica:

«Iniciamos assim, diferentes caminhos, com a ambição de cuidar das memórias, respeitando as personalidades de cada ser humano, através do contacto com as seguintes áreas: Escrita, Leitura (narração, leitura, conto), Ilustração, Pintura, Escultura, Música, Teatro, Cinema, Dança, História e Performance/Instalação».

Estas áreas já foram abordadas nos objetivos de 4.7.1 (alínea A). Todavia são-nos apresentadas de forma mais clara. De salientar o respeito pela personalidade de cada ser humano, o mesmo é acentuar, uma pedagogia centrada no aluno a partir das áreas artísticas referidas. Eis uma proposta mais alargada para vivenciar a maioria das artes. Entendamos portanto o tal simbolismo de viagem, ou seja, a descrição do início do projeto que começa (em 2011) e que se acredita no percurso evolutivo de continuidade. Desconhece-se quando termina. É a aventura. E nesta “ópera” (obra), creio que terminaríamos, por ora, o primeiro ato, porque a partir daqui a descrição (objetivo deste capítulo) entra com outros cenários.

#### **4.7.4. Identidade**

«Pretendemos aumentar a qualidade de vida das nossas famílias e alunos, através da concretização de ações que nos ensinam a ver, ouvir, sentir e ser - a construção de uma

identidade educativa, social, familiar, local e cultural». Nota-se, pela atenta leitura da primeira frase deste período, um objetivo que se traduz na pretensão de aumentar a qualidade de vida das famílias e alunos. Podemos interpretar uma atitude politicamente pensada de conferir à escola ou pela escola, uma estratégia local de olhar o aluno como pequeno munícipe que o é, “olhar por ele”, investir nele e “atingir” a pretensa transformação da sociedade pela família. Entendamos como uma inovadora perspectiva de “uso” da escola. Mais: ainda que vagamente, percebe-se um “meio sensorial (ver, ouvir e sentir...para o ser) alargando a influência, que é definida como identidade que conterà extensivamente o social na globalidade, o local e o cultural, no fundo, os vetores principais alvos do desenvolvimento. De restos vejamos como a escola “deve ser” e “ter em conta”:

«Os estabelecimentos de ensino assumem-se assim com uma identidade própria (seja gráfica, educativa, social, familiar ou cultural), como um território criativo, adaptando uma filosofia de trabalho que cativa, estimula e eleva o grau de exigência de educadores/ professores, das crianças/alunos, dos animadores educativos, dos auxiliares e das famílias, assente numa educação mais individualizada onde a criatividade deve, tal como refere Bruno Munari, funcionar como estímulo ou combustível da memória que se organiza para aprender e criar».

É reforçada a “pedagogia individualizada”, Munari como referência e o centro de gravidade o ato de criação. Segue-se ainda uma confirmação e algo como “código genético”:

«Criamos uma ligação ao contexto (escola, vila, concelho), através da realização das seguintes ações: divulgação permanente das iniciativas da Fábrica da Criatividade (website, catálogo); exposição – a “Identidade” terá um rosto ou rostos, através da divulgação de um conjunto de fotografias de rostos de pessoas ligadas a Óbidos (crianças, pais, idosos, etc.); ateliê criativo (nos três Complexos Escolares); oficinas criativas itinerantes; oficinas dos contos itinerantes; caderno gráfico e passaporte da criatividade; ciclo de cinema de animação; laboratório de ideias (workshops, seminários e encontros para profissionais debaterem a área da educação); leilão; ações complementares e Festival da Criatividade» (p.10).

Neste projeto escola sai e vai ao encontro das pessoas da comunidade e interliga-se. Assume os seguintes desafios, de novo passíveis de serem entendidos como metas:

- 1 - A importância do processo criativo no modelo ensino-aprendizagem;
- 2 - A intervenção na arte e leitura na educação (quijá outras artes...)

- 3 - O desenvolvimento da comunicação visual como área transversal;
- 4 - A presença do processo criativo no modelo ensino-aprendizagem;
- 5 - O processo criativo só é realizável na sua plenitude com a participação de todos.

#### 4.7.5. Ateliês Criativos

«O programa Ateliê Criativo visa responder a esta dinâmica das escolas, enquanto locais de libertação e construção da Criatividade, sempre com a preocupação da sustentabilidade e do reinventar os objetos do cotidiano. O ateliê funciona como complemento aos programas curriculares podendo ser utilizado como ferramenta pedagógica pelos professores em ligação com os seus currículos ou como atividade paralela de imaginação e construção dos alunos nos seus tempos livres. (...) Criado em 2010, foi inspirado nos ateliês existentes nos jardins de infância de *Reggio Emilia* (Itália), sendo este um fator determinante no reconhecimento mundial da denominada Pedagogia de *Reggio Emilia*» (Fábrica da Criatividade, p. 11)

Claramente assumida a importação modelar desta pedagogia italiana, com uma representação de quadro docentes na conferência acontecida a 27 e 28 de Junho de 2012 em Óbidos, que se descreverá no capítulo V.

«Surge como um espaço de pesquisa onde se complementam conceitos como a imaginação, fantasia, experimentação, invenção, criatividade e expressão». Eis portanto, se retirarmos a experimentação e a expressão, os restantes conceitos alvos de análise no capítulo I relativo a enquadramento contextual e teórico-concetual. Nesta leitura, pode inferir-se que a criatividade se encontra sem supremacia ou hierarquia, logo em plano comum com a imaginação, fantasia e invenção. Nem mesmo algo que nos permita classificar *prima inter pares*, o que contraria o magno conceito comum (generalista e açambarcador) que criatividade pode ser tudo aquilo. Algo mais a ser desenvolvido no capítulo V.

«A conceção, organização e dinamização deste espaço (ateliês) prevê a presença de profissionais (artistas, *designers*, músicos, profissionais ligados às artes performativas, entre outros). Estes profissionais de projeto que possuem uma formação e experiência específica em Artes, desenvolvem um trabalho complementar às atividades dos profissionais do Município ou dos docentes, sendo para isso necessário encontrar um espaço adequado para a sua execução, o que não implica a extensão para o exterior do estabelecimento de ensino ou o aproveitamento pontual de outros espaços existentes na comunidade».

E paulatinamente, à medida que vamos descrevendo este projeto, melhor se vai compreendendo não só o objetivo 3 deste trabalho bem como o capítulo VI sobre as percepções (representações) sociais. Deste “passo” é-nos salientada «a presença de profissionais (...) que possuem uma formação e experiência específica em artes», o que significa que estão para além do grupo de animadores. É-nos transmitida uma mensagem de se pretender importar um conceito de artes mais livre, mais abrangente e menos de “canon” que pode até sair do espaço físico da escola e entrar na comunidade. É reforçada esta dimensão, quando se lê:

«O seu contributo passa por relacionar a dimensão estética e a linguagem poética no processo de aprendizagem, entendendo-se por linguagem poética, nesta intervenção, as diferentes formas que os alunos têm de representar, comunicar e expressar os seus pensamentos. O profissional de projeto apoia as conexões entre os processos cognitivos, expressivos, racionais e criativos, traduzindo-se como um recurso fundamental para uma abordagem transversal em áreas como a arte, a arquitetura e o *design*».

Todavia, aqui levantam-se questões a serem tratadas no capítulo V. Não o que se refere ao escrito sobre os alunos mas na intervenção do «profissional do projeto» no que concerne «às conexões entre os processos». Ter-se-á que melhor entender o domínio do profissional/ensinante na sua perspetiva de docência ou orientador e gestão/identificação de tais processos. Porém, um pouco neste sentido, podemos constatar:

«Para a concretização deste trabalho, torna-se essencial que o profissional de projeto adote como método de trabalho, a pedagogia de projeto permitindo em articulação com os docentes, pedagogos e outros recursos do estabelecimento de ensino, a colocação de hipóteses e investigação, permitindo uma melhor compreensão do percurso de concretização de uma área ou ideia que surge no grupo de alunos. Ideias magníficas, micro-histórias, pensamentos e teorias, fragmentos de projetos resultam de um trabalho de estimulação da criatividade, imaginação e fantasia, culminando num projeto educativo com enormes potencialidades que poderá ser observado através de instalações/composições criativas».

Um pouco na senda do que tem vindo a ser comentado, é-nos referenciada a pedagogia como método de trabalho em articulação com outros agentes e recursos. Ora o profissional convidado/colaborante com o projeto estará identificado com as questões e os rumos oriundos de um grupo de alunos? Tal como atrás foi salientado e abordado intencionalmente no capítulo I, o profissional deverá estar apto a distinguir e identificar

o ato de imaginação, o de fantasia, o de inovação, o de criatividade e até mesmo o de inteligência, entre outros. Seria recomendável um “olho clínico/educador”, pelo menos ao nível de um esforço de diagnóstico com efeitos na aferição/avaliação das atividades. Contudo, encontraremos algo aproximado deste ângulo de análise:

«Este conceito de articulação pedagógica deverá funcionar como um *workshop* permanente de pesquisa e experimentação ou um laboratório para aprendizagens individuais e em grupo, um espaço de “construtivismo”. Estas diferentes perspectivas, permitirão ao profissional de projeto, com os restantes atores educativos trabalhar criativamente as orientações curriculares através de conceitos como a “luz”, a “cor”, os “materiais”, o “olfato”, o “som” ou “ambiente/ atmosfera” que resultam nas instalações/composições referidas anteriormente».

O espaço de construtivismo é transparente, claro e esclarecedor. Responde um pouco à referida aferição/avaliação. Todavia encontramos um dado de forma evidente: «trabalhar criativamente as orientações curriculares». Eis mais uma questão: oriundas de onde e por quem? É verdade que...

«A criança é a protagonista das atividades desenvolvidas, sendo encorajada a explorar o ambiente que a envolve e a expressar-se através do desenho, pintura, palavras, movimento, colagens, dramatizações, música, escultura, montagens o que lhe possibilita inúmeras vivências simbólicas e de criatividade. A dinâmica deste espaço valoriza tudo o que nos envolve e pode ser reaproveitado de uma forma consciente e divertida, e também permite consciencializar para a importância do lixo reciclado, possibilitando novas formas de ver e sentir o meio ambiente. Esta perspectiva permite incrementar nas crianças a noção de responsabilidade perante o ambiente, a sociedade e a cultura em que estão inseridas, e deste modo compreender o papel fundamental que possuem enquanto agentes dinâmicos nas transformações da realidade que os envolve».

Escrito de outro modo, a temática ambiente foi escolhida (por quem?) seguindo-se o seu aprofundamento pelas várias artes como forma comunicacional (criativa) e de relação da criança com o tema. Notamos o objetivo implícito de consciencializar a importância de reciclar e compreender o ambiente, auto responsabilizando-se como resultado do seu “estudo do meio”<sup>12</sup>. Para envolvimento dos progenitores (sim...porque as preocupações ambientais também devem ser “ensinadas” ou lembradas em casa) em interatividade o

---

<sup>12</sup> Admitamos, também, que é muito menos dispendioso trabalhar em reciclagem.

projeto descreve que «criámos também, com a colaboração dos pais e empresas locais, espaços de concentração de materiais reutilizáveis que podem ser utilizados em diversas atividades». E como exemplo é-nos descrito:

«No ano letivo 2010-2011, optámos por criar temas de intervenção: Luz (Furadouro), Joalheria (Arcos) e Mobiliário Sustentável (Alvito). Com o sucesso alcançado neste ano experimental, evoluímos ao definirmos para o próximo ano (2011-2012) uma intervenção em três conceitos que permite uma abordagem ilimitada: movimento, forma e cor. No final de cada ano letivo será realizado um leilão, com os produtos criados no âmbito da Fábrica da Criatividade. Os produtos selecionados serão leiloados durante o Festival da Criatividade, a realizar durante o mês de Maio ou Junho».

Estas serão atividades a desenvolver no capítulo V (implementação).

#### **4.7.6. Oficinas Criativas Itinerantes**

«As oficinas criativas itinerantes são atividades que se podem realizar nas duas zonas de intervenção (Escola e Comunidade), com uma duração mínima de 90 minutos, sendo necessária uma inscrição ou convite para a itinerância. Estas oficinas são dirigidas a qualquer público-alvo e baseiam-se num trabalho criativo específico, pretendendo motivar a população para a arte, ambiente, património e cidadania, através do contacto com a experiência dos artistas, a pesquisa, reflexão, o debate e trabalho plástico».

Em 4.7. registámos a escola e a comunidade como áreas de intervenção da Fábrica da Criatividade. A escola são os três complexos, cuja dispersão solicita uma opção de itinerância podendo haver permutas entre os mesmos. No que respeita à comunidade nota-se a intenção de se dirigir a «qualquer público-alvo (...) pretendendo motivar a população para a arte, ambiente, património e cidadania, através do contacto com a experiência dos artistas, a pesquisa, reflexão, o debate e trabalho plástico» (p.13). Ora a oficina itinerante, para chegar à comunidade requer uma «necessária inscrição ou convite para a itinerância», uma dinâmica na qual a autarquia, por interposta entidade por si superintendida, “delega” ou descentraliza (parte), ou desconcentra uma competência que até não há muito era admitida como exclusividade sua. Será um outro modo de fazer cultura ou educação artística, tendo a Escola (e toda a carga deste nome) como meio indutor e credível. Talvez não se compreenda que, junto da comunidade, seja necessário convite desta e não seja a autarquia a propor, sem burocracia, que a

escola, pela oficina criativa, deixe de ser tão intrínseca e passe a ser (mais) extrínseca. Continuando... passamos a conhecer que «nesta oficina existem três momentos-chave»:

«1 - Preparação da atividade: qual o público-alvo? Que materiais utilizar? Qual o artista de referência? (Propomos sempre uma ligação a um artista presente nas edições do Junho das Artes) Como realizar a leitura de obra? Que tarefas serão distribuídas pelo grupo?»

Óbvio que nos encontramos diante de uma responsável preocupação de planificar, atitude indispensável a qualquer exercício docente ou equiparado.

«2 - Durante a atividade, promover o diálogo e capacidade crítica através do seguinte processo: observar/descrever; compreender/interrogar; partilhar/debater; imaginar/fruir (o que vemos? o que sentimos? que materiais são usados? o que artista tenta transmitir? é algo real ou imaginado? qual a história que a obra nos conta? O que podemos fazer a partir desta obra?»

E neste segundo momento, embora dentro de um enquadramento planificado, é o tempo de «controlo de produção» ou o saltimbanco / sôtão das ideias de Martins (2002), o saber ler o público, agarrá-lo e atraí-lo.

«3 - Depois da atividade/avaliação: tratamento dos materiais criados, partilha de ideias, divulgação à comunidade, avaliação global da atividade (animador, no guia gráfico individual e participante no passaporte individual). Estas ações são dinâmicas e por isso, concretizadas de acordo com o nível etário dos protagonistas. Os mediadores saberão adequar as propostas, refletir com os docentes e aprender com a experiência».

Eis a fase da avaliação, ou melhor dos tipos de avaliação (a auto, a hétero, a qualitativa, a de aferição...a reflexão).

#### 4.7.7. Oficinas Contos Itinerantes

«Partindo do projeto, OS CONTOS DO CAMINHO como iniciativa pluridisciplinar que integra o livro e a leitura, a valorização do património imaterial, às artes plásticas e à música, os animadores tornam-se mediadores viajantes com o objetivo de incentivar o público infantil, fomentar a curiosidade, a viagem, conhecer pessoas de outras culturas e aproximar os contos e a tradição oral do património cultural europeu».

A reter deste período: um novo projeto intitulado “os contos do caminho”, de carácter pluridisciplinar, centrado no livro e na leitura, não esclarecendo o modo de intervenção ou incursão nas artes plásticas e na música. São claros os objetivos e a associação com a

outra dimensão da “viagem” atrás descrita. A profundidade do projeto também não nos é descrita:

«Associado ao tema “Viagem” do Projeto Educativo da Fábrica da Criatividade, estes mediadores transportam a mala de madeira, a MALA DO CAMINHANTE, onde se encontram um conjunto de álbuns ilustrados recolhidos em vários idiomas: espanhol, galego, francês e português. Contos da tradição oral de países como Espanha, Portugal, França, China, Rússia, Itália, Grécia, Alemanha, Japão, Noruega...»

De notar a referência da figura (tão importante) do mediador, pressupondo a preparação implícita que tal protagonismo deve ser desempenhado. De salientar ainda a “universalidade” além-fronteiras e a cultura globalizante. Uma encantadora forma de se voar por cima dos muros da escola.

«Propomos uma viagem com diferentes rumos, com diferentes públicos mas numa perspetiva de sermos mediadores da criança/escola e criança/família, recuperando tradições e preservar a memória». Compreende-se a alusão a «diferentes rumos» mas quanto a «diferentes públicos» poderá significar a pretensão que um seja a família, além da escola. Que outros poderão ser alvo?

#### **4.7.8. Óbidos Anima**

O Projeto Óbidos Anima - cinema de animação, está dividido em três áreas:

Fotografia, animador Pedro Basílio. Ilustração, animadora Susana Faria. Multimédia, animador Cláudio Barroca. Apoio técnico, João Agostinho.

«A equipa de animadores desenvolverá, durante o período das atividades de enriquecimento curricular e em conjunto com os restantes animadores, pequenos filmes de animação, sendo que todas as turmas do 1º Ciclo do Ensino Básico participam neste projeto. Cada turma e respetivo animador terão de desenvolver uma animação por cada área».

Um calculismo objetivo, bem expresso e determinado naquele «terão», inserido na livre atividade de enriquecimento e envolvendo «todas as turmas do 1º ciclo do ensino básico».

«No ponto de vista pedagógico, as crianças vão ter acesso a 3 áreas de desenvolvimento criativo e em cada uma têm acesso a novas ferramentas para desenvolverem projetos futuros.

Na **ilustração** desenvolvem a capacidade cognitiva de representação e repetição à mão livre, desenhar com técnicas de animação e desenvolvimento da capacidade motora.

Na **fotografia** entram noutra área, onde vão dar os primeiros passos de descoberta do funcionamento da câmara fotográfica (pinhole), primeiros passos para o desenvolvimento da capacidade de observação, ver além do óbvio e aumentar a comunicação visual. Vão depois descobrir a animação através da técnica do *stop-motion*, onde terão de pensar em 3 dimensões e como animar uma história.

Na área da **multimédia** será feita uma aproximação às técnicas utilizadas para produzir curtas animações, usando câmaras de filmar, máquinas fotográficas, digitalizadores, experimentações com os recursos informáticos e técnicos, de modo a verem como produzidos alguns efeitos, tratamentos e arranjos nas imagens e vídeos que conhecem».

Considerando a teórica paridade das artes, não será pecado referir que destas três em questão, as duas últimas serão as mais “consumíveis” nesta era cibernética. A primeira arte, «à mão livre» será mais convidativa ao «desenvolvimento da capacidade motora» a qual se manifestará útil noutras áreas que envolvam psicomotricidade. Conheçamos a...

### **Metodologia:**

«Cada elemento da equipa fará uma primeira abordagem com o grupo de animadores, onde será feito um levantamento e discussão do tema a ser desenvolvido. Este poderá ser transversal ao trabalho que o próprio técnico pretende fazer com a respetiva turma». O debate, a conversa, a participação com a perspectiva da transversalidade cabendo ao animador (eventualmente de parceria com professor titular da turma) gerir, aproveitar e conduzir objetivamente o processo.

### **Etapas:**

«Durante a primeira semana de trabalho, esse elemento faz a primeira introdução ao tema e propõe objectivos para o respetivo período letivo. Após a demonstração de exemplos e técnicas, a equipa técnica dará o devido apoio e seguimento dos trabalhos ao animador e respetivas turmas». O criar as primeiras expectativas, suscitar a curiosidade e ânimo bem como a abordagem motivadora aos participantes (processo muito semelhante às recém extintas áreas de projeto).

«Num segundo momento, partindo do tema (o animador) explica como o podem trabalhar em conjunto, concluindo com a produção e edição do filme.

Cada complexo terá um tema e um elemento da equipa durante cada período letivo. Desta forma, no final do ano, todas as turmas terão tido oportunidade de trabalhar as áreas escolhidas (digamos...propostas).

As animações finais serão realizadas pelos animadores com o apoio técnico do João Agostinho. No final do ano letivo, serão apresentados nos três complexos escolares, os vídeos produzidos, sendo constituído um júri para analisar e nomear as melhores cinco animações de cada escola. Os quinze vídeos vencedores poderão ser visualizados no 1º Festival de Curtas (metragens) – “Óbidos Anima”, durante o Festival da Criatividade» (a abordar mais adiante).

#### 4.7.9. Diário Gráfico e Passaporte da Criatividade

«Entendemos o Diário Gráfico como um instrumento de trabalho assumido pelos mediadores/animadores/alunos, por forma a tornarem-se mais atentos, mais observadores, com mais vontade de experimentar e com mais gosto pelo registo sistemático do seu quotidiano. Ao instrumento de trabalho, poderemos chamar diário de bordo, ou caderno diário, outro diário ou agenda de registos. Trata-se de um meio caligráfico para criar hábitos organizativos comuns nos princípios e metas facilitadoras num futuro pessoal e profissional.

Na abordagem à Fábrica da Criatividade, pretende-se que os intervenientes criem um diário de viagem que acompanha as várias etapas. Este diário será uma espécie de passaporte criativo onde se podem registar todas as atividades desenvolvidas e mesmo do próprio quotidiano».

Um roteiro preferencialmente sempre disponível na mala de “viagem”.

#### 4.7.10. Laboratório de Ideias

O Laboratório de Ideias pretende ser um espaço de partilha de experiências ligadas à área da educação e poderá assumir a forma de *Workshop*, Seminário ou Encontro.

«Durante o ano (2011-12) de implementação do projeto-ação Identidade, propomos desenvolver» quanto a...

*Workshops:*

«Serão dinamizados preferencialmente no Jardim de Infância do Arelho, onde iniciámos o projeto da Escola Municipal. O principal objetivo é permitir aos participantes, partilharem com especialistas na área da

educação (Portugal e *Reggio Emilia* - Itália), diferentes contextos e metodologias educativas. O número de inscrições é limitado e visa essencialmente a participação de educadores de infância do concelho de Óbidos».

#### Seminários:

«Nesta metodologia os participantes podem participar num dia de atividades no Jardim de Infância do Arelho, com a participação dos profissionais de *Reggio Emilia* e um dia de sessão plenária, onde serão discutidos temas como os estilos de aprendizagem, *curriculum*, espaços educativos, entre outros.

A participação nas atividades do Jardim de Infância está igualmente sujeita a um número limitado de inscrições mas na sessão plenária poderão participar todos os interessados».

#### Encontros:

«Serão sessões mais informais e com um número limitado de participantes. Propomos que estes momentos de reflexão em torno de temas ligados à educação sejam mediados por especialistas das diferentes temáticas».

Estas três formas são as vias de abertura num processo que, apesar de planificado, está permeável a novas introduções com crescimento controlado a partir da “cobaia” jardim de infância do Arelho. Esta temática voltará a ser aprofundada no capítulo V.

#### **4.7.11. Festival da Criatividade**

«Para comemorar cada ano o funcionamento da Fábrica da Criatividade, propomos organizar o Festival da Criatividade na Vila de Óbidos». Entendamos esta comemoração como um evento final, ou mostra do que foi desenvolvido desde o princípio ou a demonstração das atividades promovidas. Por isso...

«No início de cada ano letivo, serão distribuídas fichas de inscrição para todos os docentes interessados em participar com as respetivas turmas. Nessa ficha de inscrição, os docentes deverão indicar qual a atividade que pretendem realizar e qual o espaço a ocupar».

Esta descrição leva-nos a pressupor que os docentes no início do ano já possuam em mente o modo e o conteúdo que terão assumir desenvolver com vista à sua participação (no evento) final.

«Pretendemos que durante os diversos dias do evento, os alunos possam demonstrar “talentos” - música, teatro, artes performativas, escultura, pintura, entre outras. As atividades poderão realizar-se num local fechado (Museu, Câmara, Igreja.) ou nas ruas da Vila de Óbidos. Nestes dias poderemos assistir ao Festival de Curtas - Ciclo de Cinema de animação, bem como um espetáculo de Luz e Multimédia (Óbidos anima). Este espetáculo encerra o Festival e poderá ser acompanhado com um grupo de música ao vivo ou dança. Podem existir atividades a decorrer em simultâneo ao longo da Vila de Óbidos, sendo que parece-nos igualmente interessante envolver a população local numa iniciativa».

Eis a abertura e o convite interativo com outras forças vivas e dinâmicas quiçá o associativismo. Este certame será a confluência das áreas de desenvolvimento que inicialmente foram apontadas: escola e comunidade. O Festival da Criatividade será o ponto de reunião (e de afirmação) destes dois destinos.

#### **4.7.12. Ações Complementares**

«Com a criação de um conjunto de iniciativas de promoção da criatividade, num contexto educativo local, parece-nos que estamos igualmente preparados para alargar estas ações, neste sentido propomos:

- Dinamizar programas para famílias na Vila ou noutros locais do concelho;
- Dinamizar oficinas em encontros nacionais;
- Divulgar as diversas iniciativas em programas nacionais e internacionais;
- Organizar grupos de férias.»

Concluimos então que o contexto educativo local, mercê da promoção da criatividade, pode ir um pouco mais além e admitir desenvolver outras iniciativas de cariz igualmente educacional (ou lúdico-educacional) nomeadamente os grupos de férias, a divulgação nacional e internacional de iniciativas no âmbito da educação, oficinas e a implementação de programas envolventes da família.

#### **4.8. O organigrama**

É incluso nos anexos deste estudo, página V.

## Resumo do Capítulo

A elaboração da carta educativa 2003-2005, despertou uma orientação para um plano educacional porventura diferente. Nesse primeiro ano, com o projeto “crescer melhor” partiu-se para uma nova realidade de aumentar o tempo na escola com atividades em educação física, inglês, música e dança. Instituiu-se alimentação e para isso organizaram-se parcerias com associações locais. Quando em 2005, o Ministério da Educação implementou as AEC já o município tinha algo similar, por sua iniciativa e da sua lavra. Em 2009, é concebido o projeto de educação criativa, com metodologia de ensino suportado nas artes tendo, para tal objetivo, decorrido ações de formação e parcerias com entidades com vista à preparação do *staff* próprio. Começamos a ler a palavra “criatividade” com outra “configuração”. Em 2010 assistimos ao modelo do ateliê criativo (inspirado na pedagogia italiana de *Reggio Emilia*), impulsionador do projeto da Fábrica da Criatividade, cuja redação acontece em Maio de 2011. Experimenta-se no imediato ano letivo.

Acentuada a importância do processo criativo, foram definidos os objetivos e as variadas fases metamorfoicas tais como a viagem, identidade, intenções nas artes, a sua execução nos ateliês, as oficinas itinerantes, “Óbidos anima”. Argumentam-se os meios de organização como o “passaporte da criatividade”, “laboratório de ideias” um processo sempre aberto à inovação, terminando no Festival da Criatividade que em 2012 se conhecerá como... Maio Criativo.

# Capítulo V

## Implementação do projeto e trajetória futura

### Introdução

Pretendemos neste capítulo, aferir a descrição e a intenção quanto à sua aplicação prática. Vamos encontrar um novel protocolo que começaremos a detalhá-lo em 5.1, o qual nos vai suscitar alguns questionamentos e que, em nosso entender, deveria vigorar bem mais tarde e após a avaliação (que deveria ser rigorosa) do primeiro ano de implementação. Portanto, vamos aproveitar a matriz traçada no capítulo anterior e verificarmos como e se foi realizada neste seu primeiro ano letivo 2011-2012. Porém e porque o tal novel protocolo (PEEO) foi assinado em 27 de Junho passado, teremos de o analisar e considerá-lo como uma tentativa de reforço ou capitalização de recursos favoráveis à causa da Fábrica da Criatividade ou...um desvio do caminho inicialmente adotado.

### 5.1. Plano Estratégico para a Educação de Óbidos

Este PEEO, plano estratégico para a educação de Óbidos, é um documento matricial assinado em 27 de junho de 2012, aquando a conferência internacional Óbidos Criativa – práticas pedagógicas em contextos de participação e criatividade, por duas figuras representativas de outros tantos poderes: o Diretor do Agrupamento de Escolas (Ministério da Educação) e o Presidente da Câmara. Entremos no âmago e objetividade do plano:

«Surge assim, como um compromisso estabelecido entre o Agrupamento de Escolas Josefa de Óbidos e o Município de Óbidos, definindo um conjunto de princípios e estratégias para a construção de um modelo educativo intimamente ligado à visão de desenvolvimento do nosso território» (PEEO, 2012:3).

### 5.1.1. Os objetivos (ou a missão)

Primeiro objetivo: «implementar uma nova visão sobre a educação que permita desenvolver modelos, estratégias de ação e formas de cooperação inovadoras». Embora nos seja apresentado de forma aparentemente vaga, nas estratégias adiante descritas, talvez possamos entender a sua missão.

Segundo objetivo: «criar um programa educativo partilhado entre as duas entidades, criando projetos sistémicos e integrados, desenvolvendo uma coordenação das políticas educativas ao nível local». Terá o Diretor de agrupamento delegação de poderes ou autonomia, para a criação de um programa educativo partilhado entre duas entidades de sinal contrário (conteúdos curriculares centralizadores versus visão municipal)? Transcrevemos: «a criatividade e inovação são conceitos fundamentais, que nem sempre estão integrados no modelo educativo actual, pouco flexível à evolução social» (PEEO, 2012:3). É verdade que em 1.3.5 quando analisámos o despacho normativo 13-A/2012, de 5 de junho, sobre a autonomia, no nº 3, na alínea d) se lê:

«Estabelecer os currículos da oferta complementar, prevista na matriz curricular dos 2.º e 3.º ciclos do ensino básico, de forma a contribuir para a promoção integral dos alunos em áreas de cidadania, artísticas, culturais, científicas ou outras e estabelecer o currículo da disciplina Oferta de Escola, prevista na matriz curricular do 3.º ciclo».

A alínea e) transmite à escola (pública) que «pode organizar um conjunto de atividades de natureza lúdica, desportiva, cultural ou científica, a desenvolver nos tempos letivos desocupados dos alunos por ausência imprevista de professores». Contudo, não esqueçamos que tal despacho é de canal interno do Ministério e “fala” de “oferta de escola” que se subentende como ensino formal. A Fábrica da Criatividade tem uma oferta educativa similar. Havendo duas áreas comuns (teoricamente quase que duplicadas), como agir e eliminar “concorrências” ou obter melhor aproveitamento quer em recursos humanos, didáticos, pedagógicos, de economia financeira e outras vertentes funcionais?

Terceiro objetivo: «desenvolver projetos de ação que assumam uma nova dinâmica educativa no território de Óbidos e que promovam um aumento do nível cultural, social e educativo da população».

Quarto objetivo: «privilegiar a formação de equipas efetivas de educadores/professores e o seu desenvolvimento profissional como fatores da qualidade do sistema educativo». Encontramos alguma razoabilidade e pertinência no referido despacho normativo no mesmo nº2, alínea i) quando lemos: «incrementar a cooperação entre docentes de modo a potenciar o conhecimento científico e pedagógico de cada um».

Quinto objetivo: «proporcionar condições de ensino-aprendizagem promotoras de criatividade». Todo o paradigma descrito no capítulo anterior é plenamente enquadrável neste quinto objetivo. Insistimos ainda noutra questão: ante a “pouca simpatia” ou mesmo antipatia do ensino formal sobre a criatividade qual das duas entidades, ministério ou município superintende no exercício de atividades pedagógicas, conteúdos, avaliações e demais estratégias para a criatividade?

### **5.1.2. A visão do plano**

«Entende o Município de Óbidos e o Agrupamento de Escolas Josefa de Óbidos que a educação deve, neste momento, assumir uma ação mais inovadora, com uma forte liderança do sistema, um currículo local sólido e orientado para o sucesso educativo» (PEEO, 2012:4). Esta visão é-nos exposta a partir da consecução plena das infraestruturas escolares acontecida no início desta segunda década. Destacamos desta descrição, que a educação deve assumir-se mais inovadora (não nos é explícito qual das educações se refere – a formal ou a municipal) com a forte liderança do sistema (que sistema e que entidade líder), um currículo sólido (estabelecido por quem) e para o sucesso educativo (para o qual todos querem rumar...obviamente).

«O PEEO deve ser entendido pela comunidade educativa como o instrumento para atingir estes objectivos, garantindo que Óbidos seja reconhecido não só pelo investimento em escolas de excelência, mas também na implementação de um projeto educativo inovador» (p. 4).

### **5.1.3. Princípios e estratégias de ação**

#### **a) A educação centrada no aluno:**

Esta matéria já foi muito evidenciada no capítulo anterior. Encontramos agora descritos os seguintes objetivos:

«Promover a autonomia das crianças/alunos no espaço educativo; favorecer a aprendizagem das crianças/alunos incorporando diferentes modelos de ensino-aprendizagem; favorecer no espaço de aprendizagem um diálogo entre todos. Atribuir à criança/aluno um papel ativo e participativo nas diversas ações da comunidade educativa» (PEEO, 2012:7).

O que acabamos de ler, podemos interpretar como princípios de universalidade numa educação moderna e já assumidos na Fábrica da Criatividade com outra linguagem.

Como estratégias de ação damos nota:

«Apostar em metodologias socioconstrutivistas na gestão curricular e no desenho da prática pedagógica; apoiar a organização de projetos de educação não formal e informal; organizar a pedagogia em torno de projetos que se articulem entre si, procurando múltiplas possibilidades de aprendizagem e de respostas às necessidades individuais das crianças/alunos. Modificar, adaptar ou elaborar novas abordagens de ensino-aprendizagem, em resposta às necessidades, interesses e preferências de aprendizagem dos alunos» (p.7).

Interrogamo-nos das dificuldades de um corpo docente de um agrupamento habituado a um modelo ministerial para o qual foi formatado, impelido e atento ao cumprimento de um programa curricular. Como “abrir-se” à organização de projetos comuns, organizar as pedagogias em torno dos mesmos, conseguir tempo para as múltiplas possibilidades de aprendizagem mesmo com os ventos favoráveis do citado despacho normativo (o da autonomia) 13-A /2012 de 5 de junho. Estamos em crer que estes questionamentos poderão ser solúveis e guardamo-nos para as conclusões deste trabalho.

## **b) Criatividade e inovação.**

Relembramos o início do capítulo I sobre esta temática bem como toda a descrição do capítulo IV. Encontramos de novo um princípio que já lêramos antes:

«A educação deve potenciar na criança/aluno capacidades pessoais tais como, a criatividade, o espírito de iniciativa e a autonomia, que contribuem para um desenvolvimento de uma atitude empreendedora útil para a integração no meio social e a sua transformação progressiva ao longo da vida» (PEEO, 2012:7).

São definidos os seguintes objetivos:

«Integrar a criatividade nas práticas pedagógicas dos docentes; a apoiar a partilha de estratégias criativas e inovadoras entre educadores/ professores; divulgar iniciativas que reforcem o uso da criatividade no processo educativo e que reforcem as competências criativas, numa lógica de incubadoras pedagógicas» (p.8).

E o tal questionamento de cruzamento de paradigmas recoloca-se. Olhemos as estratégias previstas:

«Construção de projetos pedagógicos e curriculares inovadores que respondam aos desafios da abordagem Óbidos Criativa inserindo-os nas Incubadoras Pedagógicas; utilização dos diferentes espaços e projetos do programa Fábrica da Criatividade, como instrumentos de apoio à aprendizagem; desenvolvimento de contratos de autonomia com o Ministério da Educação que viabilizem o desenvolvimento de projetos inovadores, identificando zonas de liberdade nos conteúdos curriculares, programáticos e pedagógicos. Integração do projeto educativo no plano e estruturas municipais de estímulo à economia criativa» (p.8).

Esta admirável descrição interroga-nos o modo de aplicabilidade / processo de desenvolvimento sobre o *modus operandi* dos projetos pedagógicos curriculares, a sua articulação/incubadoras pedagógicas com o meio empresarial e as ligações à economia local. Tais estratégias, no seu conjunto, suscitam-nos questionamentos de implementação para não falarmos de seleção. Muitas destas ideias já as encontramos no capítulo anterior.

### **C) Investigação e documentação**

«Associado ao PEEO é criada a comissão científica da Abordagem Óbidos Criativa que ajudará a escola a implementar estudos de investigação e Investigação-Ação sobre os projetos desenvolvidos nas escolas e Jardins de Infância do Concelho de Óbidos. Esta comissão será constituída por elementos associados a Centros de Investigação, Instituições do Ensino Superior, nomeadamente Universidades e Politécnicos, investigadores individuais e outras instituições educativas e culturais que ajudarão a comunidade educativa a criar um modelo mais eficaz para responder aos objetivos do PEEO» (p.9).

No organograma da criatividade (3.7/ anexos p. II) e no quadro da p.55 encontramos uma célula designada como OBITEC. Esta é a sigla da associação gestora do parque tecnológico (*living lab*), na qual se conta com a intervenção da Universidade Técnica de Lisboa e a de Coimbra, M.I.T. de Massachusetts e a associação local Óbidos.com,

representativa do meio empresarial. O papel das instituições de ensino superior na colaboração / superintendência da economia local é extensivo, qual garante de acompanhamento e credibilidade/certificação, também à vertente educacional, ora com a designação de comissão científica da abordagem Óbidos Criativa. Detenhamo-nos nos objectivos:

«Desenvolver estudos de investigação sobre as práticas e projetos desenvolvidos na comunidade educativa; promover um modelo específico de formação contínua de educadores/ professores; criar uma rede de parceiros Nacionais e Internacionais de apoio à implementação da abordagem Óbidos Criativa» (p.9).

Notamos uma abertura ao exterior e/ou uma disponibilidade gratuita enquanto comunidade educativa, para alvo de investigação com aparente permissividade para um modelo de formação de docentes, quiçá animadores. A rede de parcerias nacionais e estrangeiras, volta a ser referida, (ou repetida) tal como atrás se abordou em 3.5. quanto à economia e desenvolvimento da criatividade pelas REC (rede das economias criativas). Mas...quanto a isto, que estratégias o PEEO quer adotar?

«Organização de uma Conferencia Anual Internacional Óbidos Criativa; submissão de candidaturas com financiamento comunitário de apoio; criação de registos documentais sobre as práticas pedagógicas; produzir e publicar livros e artigos científicos; criar e desenvolver um plano de formação para docentes assentes nas suas reais necessidades»

Curiosamente muito deste parágrafo é proveniente do descrito em 4.7.10 - subtítulo “laboratório das ideias”. Aceite-se a confirmação e é de bom grado registar a coerência/continuidade.

#### **5.1.4. Os intervenientes no plano**

**O Município**, representado pelo seu órgão camarário cuja estratégia tem-se centralizado, no que à educação diz respeito, na consecução de espaços, recursos humanos e materiais, para a chama olímpica da criatividade.

**O Agrupamento de Escolas Josefa de Óbidos**, não esquecendo a hierarquia ministerial e recomendamos uma revisão geral ao capítulo I no que concerne ao centralismo, autonomia, papel da autarquia e todo o enquadramento que nos auxilia a

compreender as dificuldades de interação, interseção, cruzamento e demais dificuldades que a boa vontade e pioneirismo não conseguem abalar e...

**A comunidade educativa e parcerias**, aquela sob o jugo do agrupamento e estas na determinação e vontade de cooperarem ante a aceitação do respetivo acordo. Logo, encontramos aqui o epicentro destas relações (lembramos, abordadas no capítulo I e resumo do mesmo).

### 5.1.5. Coordenação / liderança

«Será assegurada pelo Diretor do Agrupamento e pelo Presidente da Câmara Municipal<sup>13</sup>. Todavia é criada uma comissão científica com a participação de centros de investigação, universidades e institutos politécnicos, investigadores individuais que nos permita encontrar o modelo mais eficaz para romper com as discontinuidades entre etapas educativas, com as metodologias centradas no adulto, com o insucesso e com o abandono escolar» (p.12).

Novamente alguns questionamentos se podem colocar, nomeadamente ao nível de divergências próprias de uma bicefalia, a preocupação como estabelecer complementaridades e a assunção de uma responsabilidade em encontrar o modelo mais eficaz para tal. Igualmente, não nos é definido o modo e meio de intervenção da comissão científica.

### 5.1.6. Monotorização / avaliação

«Anualmente, os docentes e comunidade educativa serão convidados a apresentar projetos inovadores na conferência Óbidos Criativa e em simultâneo participar nas publicações científicas que surgem no âmbito do PEEO.

A Comissão Científica da Abordagem Óbidos Criativa fará um acompanhamento próximo na definição de itens de qualidade e na construção de instrumentos de avaliação adaptados ao projeto educativo de Óbidos» (p.12).

---

<sup>13</sup> Portanto uma bicefalia

## 5.2. O modelo referencial de *Reggio Emilia* e outros

Em 4.7.5., subtema dos ateliês criativos, transcrevemos que o local foi «criado em 2010, (...) inspirado nos ateliês existentes nos jardins de infância de *Reggio Emilia* (...)». Na conferência internacional Óbidos Criativa realizada a 27 e 28 de junho de 2012, esteve presente uma representação de docentes daquela cidade italiana, dando testemunho do exercício da sua pedagogia própria com incidência ao nível do pré-escolar. Reproduzimos apontamentos por nós recolhidos *in loco*:

«É um projeto dos 0 aos 6 anos, que compreende soluções de continuidade, embora não pedagógica, com horário de participação das famílias e de programação anual. Fundamenta-se na teoria construtivista e socioconstrutivista e considera que a criança e família crescem num contexto não contraditório. Alerta para o cuidado com as autonomias recomendadas às crianças. Que ideal de escola? Um local público com aprendizagem baseada na experiência. O sujeito é ativo e autor da sua aprendizagem. Releva a criatividade como elemento muito importante para concentrar-se e exprime-se nesta direção. A experiência da escola infantil contribui para sair da teoria dos meninos débeis e/ou infantilizados. Descobre-se a sua competência...força. Quando a criança nasce é dotada de capacidade de aprendizagem. Tem estrutura física e mental adaptável à pesquisa. É pesquisadora, formuladora de hipóteses, forma de experiência e teorias. Está a construir uma consciência nova. É uma emersão para a sua capacidade de autonomia. Os primeiros cinco anos são fundamentais para a sua estrutura mental e personalidade. É um “instrumentário” para o futuro. Preparar-se para encontrar um problema e saber solucioná-lo. Não utilização de programas pré definidos. Há uma estratégia sobre o modo de conhecimento da criança. É dependente e muito do contexto. É aberto à surpresa e descontinuidade. É interdisciplinar e modula-se à criatividade, sempre em jogo no processo de aprendizagem. A criatividade é tao natural quanto o processo de aprendizagem» (citação *ipsis verbis* de Howard Gardner pela oradora Simona Bonilauri).

Esta termina a sua intervenção proferindo que «a criatividade tem de ter um contexto plástico e desinibido, inteligente, capaz de acolher a curiosidade». Eis, portanto, o conceito de «uma escola sem (um outro tipo de...) muros». Em *Reggio Emilia* a escola nasceu de um edifício em ruínas ao tempo da II Guerra Mundial. Foi municipalizada em 1967 e pedagogicamente então saltou os muros...chegando até Óbidos (e outros locais). Naquela conferência de “Óbidos Criativa”, outras intervenções afinadas ou próximas do mesmo diapasão foram protagonizadas quanto a esta pedagogia italiana. As educadoras do jardim de infância do Arelho (semanas antes presentes em *Reggio Emilia*)

entrevieram frisando a sua experiência que começa agora a ser implementada em parceria com um professor do agrupamento do primeiro ciclo. Testemunharam as suas convicções sobre:

«a valorização do papel da criança na organização do espaço (primeiro educador, segundo Lloris Malaguzi), adequação de mobiliário, preocupação estética na apresentação dos materiais à criança, área da natureza - valorização do material com interação das salas (desenvolvimento da criatividade), área da luz (ateliê do Maio Criativo) e o desenvolvimento das chamadas dinâmicas facilitadoras: manhã – projeto de atividade para o dia, durante o mesmo – trabalhos individuais em pequenos grupos e final da tarde – apresentação individual». Ainda explicitado o objetivo de «privilegiar a participação dos pais bem como as estruturas locais, no sentido de os envolver com sugestões e atos colaborativos».

A reforçar ainda esta narrativa recolhida, resumimos a intervenção de Júlia de Oliveira Formosinho, docente da Universidade do Minho, que defende quatro eixos fundamentais para os alunos e suas famílias: «ser, estar, pertencer e participar». Reforça que...

«a identidade da criança passa pela identidade do educador, pela construção de uma aprendizagem documentada, que perceba o que fez, onde falou, onde teve e não teve gosto, porque não gostar é importante para não aprender a identidade, relações, linguagens e significações».

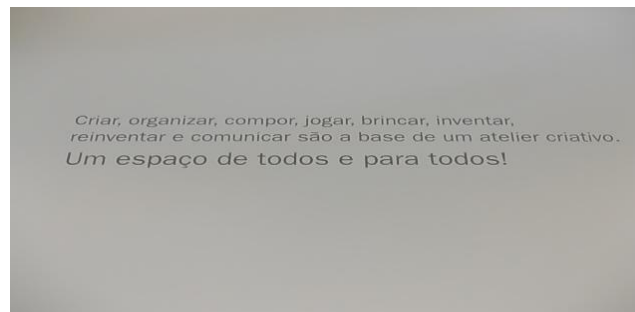
O que se acaba de descrever, entronca no projeto educativo da Fábrica. Todavia se analisarmos o PEEO e o relacionarmos com o projeto, podemos interpretar uma similitude mas também poderemos detetar “diferenças”. Abordá-las-emos adiante em 5.4 porque precisamos de conhecer previamente a...

### **5.3. A implementação do projeto da Fábrica da Criatividade, ano letivo 2011-2012**

**Objetivos da Fábrica**, descritos em 4.7.1, a **Viagem**, analisada em 4.7.3, a **Identidade**, invocada em 4.7.4, o **Laboratório de Ideias** compreendido em 4.7.10, são pontos que neste início de implementação se mantêm, em teoria, inalteráveis. Os objetivos perseguem-se, a viagem foi agora iniciada, a identidade ir-se-á construindo e aferindo e o laboratório de ideias é algo de *open reception*. Sigamos então para a *praxis* com...

**Os ateliês Criativos**, tratados em 4.7.5. e **Arte e Leitura na Educação**, o ponto 4.7.2.

No terreno, inteiramo-nos algo mais sobre o ateliê criativo. Um em cada complexo, laborando no primeiro ciclo em tempo semanal de 45 minutos, por turma. Ao segundo ciclo igualmente nos períodos intercalares da manhã e da tarde em regime de voluntariado pelos alunos e obviamente após horário curricular.



**Foto 1** - "placard" do Ateliê do Furadouro<sup>14</sup>

### 5.3.1. Complexo do Alvito

Foi desenvolvido o tema «Linguagem da Ecologia», tendo abordado num primeiro momento de pesquisa vários artistas (Saez, Hundertwasser e Rafael Bordalo Pinheiro para despertar os sentidos). Pretendeu-se trabalhar a linguagem ecológica e plasticização a partir de recursos orgânicos. Em segundo momento passou-se à "forma e dimensão". O ateliê constitui um espaço de conciliação e explorador de identidade a partir de fatores como a epiderme, vestuário, na casa, no meio social e global, desenvolvendo as suas capacidades de criação. Orientação da atelierista Elisabete Castanheira.

---

<sup>14</sup> Existe um em cada Complexo



Foto 2 - – “Sofás”, ateliê do Alvito

Em 16 de outubro de 2012, o digital óbidosdiário.com, publicitava:

«Ateliê criativo do Alvito promove “Mundo Invisível”. Assim, a 8 de Outubro aconteceu a primeira reunião / formação em parceria do município com a Universidade de Coimbra para apresentação do projeto com o mesmo nome. O objetivo procura promover um conjunto de ações sobre a biodiversidade (fauna no solo), numa vertente lúdica».

Mais informa que “o departamento de Ciências da Vida da Universidade de Coimbra, o Instituto do Mar e Ambiente e a Rede Europeia *Ecofinders* serão parceiros da Fábrica da Criatividade”. A 10 de Outubro, fruto de um projeto desenvolvido sobre temas da água, resíduos, agricultura biológica, transportes e energia, foi atribuído o galardão “Bandeira Verde Eco Escola”. Este é o simbolismo do programa internacional, implementado em Portugal desde 1996 com fins de incentivação ao conhecimento sobre a educação ambiental. No caso do Alvito, sob o dinamismo do animador André Silva, «foi conseguida uma redução de custos de energia de 40 por cento a partir das boas práticas dos alunos e no zelo quanto ao desperdício». De salientar que os projetos têm sempre origem nos respetivos animadores (ligação com o item Laboratório das Ideias). Abordemos então a dinâmica global das “oficinas” da fábrica neste complexo e comparemo-las com a “oferta de escola” (ensino formal) – Quadro III.

#### Quadro III - Complexo do Alvito: oferta de escola / oferta da Fábrica

### Complexo do Alvito

<b>Agrupamento de Escolas Josefa de Óbidos</b>	Fábrica da Criatividade
<b>Atividades extracurriculares</b>  <b>Pré-escolar, 1º e 2º ciclos</b>	Atividades de enriquecimento curricular
<b>Clube do Património</b>	Ateliê criativo: a linguagem da ecologia
<b>Desporto escolar (dança, canoagem, voleibol)</b>	Teatro
<b>Ateliê de costura / Alvimoda</b>	Escrita criativa
<b>Cores, cheiros e sabores (horta)</b>	Horta

Segundo o gabinete local de educação, frequentam este ateliê 149 alunos do primeiro ciclo e 79 do segundo, com acompanhamento de 6 animadores.

### 5.3.2. Complexo dos Arcos

A “identidade” foi o tema escolhido, iniciando-se com “pesquisa do passado” a partir do conceito “ a arte sempre foi testemunha do seu tempo” (Pierre Restany). O rosto foi o *leit-motiv* sugestionando as crianças a escolherem um e expressá-lo variadamente consoante a suas preferências de arte (escultura, azulejaria, pintura). Com estratégia de apoio e motivação, foram contempladas visitas a museus e monumentos da Vila. Como segunda metamorfose, foi delineado o mote “pesquisa no presente” cuja incidência se dirigiu para anteriores edições dos eventos “Junho das Artes”. A partir deste evento, as crianças escolheram a sua individual expressão de arte (escultura, fotografia, vídeo ou outras) transmitindo a sua versão do rosto escolhido. No terceiro ciclo de desenvolvimento, optou-se pela pesquisa da “identidade coletiva e individual” como objetivo de construção do presente. Usando a estratégia de escolha de dez versões de rostos trabalhados pelos alunos anteriormente, procederam a ampliações para uma exposição mural. Foram conduzidos pelo atelierista João Jorge. Neste momento da investigação, o tema deixou de ser o rosto e baixou para... o corpo.

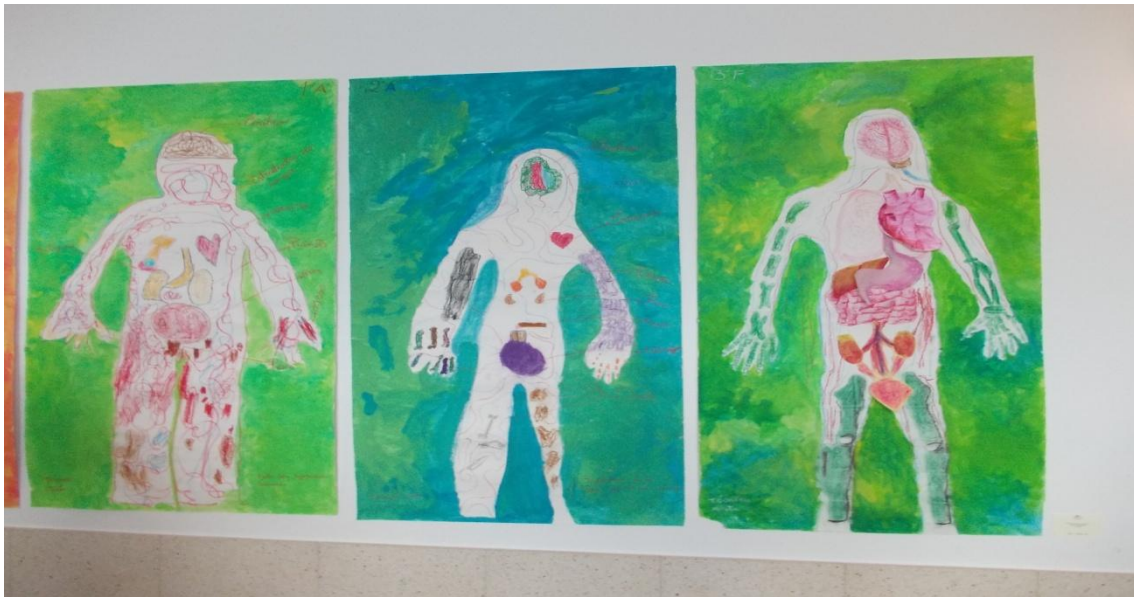


Foto 3 - “O corpo”, ateliê dos Arcos

Frequentam o ateliê nove turmas em atividade de enriquecimento curricular. O objetivo será perceber a expressão corporal como preparação e também expressão artística, desenvolvendo um sentido apreciativo que terá interpretação pelo desenho, pela pintura e pela modulação. Exploram-se situações a partir desta temática seguindo-se comunicação posterior com o serviço educativo da rede de museus e galerias (vide 5.6. deste estudo) onde decorreu uma exposição de teatro e ópera no museu Abílio Matos Silva. Com muita satisfação este ano (dizem-nos da Fábrica) nota-se uma aproximação dos professores do ensino formal em usufruir do tema como ferramenta auxiliadora ao estudo do corpo humano. De lembrar que está a decorrer o segundo ano de implementação. Salienta-se que esta “aproximação” se deveu graças à divulgação da atividade numa exposição no átrio do complexo. Tais atividades não constam no plano anual do agrupamento. Regista-se, como boa nota, uma aproximação, lenta, do ensino formal ao ateliê criativo. Remetamo-nos para as conclusões deste estudo.

O Projeto S.O.P.R.O (somos orquestra percussionista rock d'Óbidos) surgiu no ano letivo 2011/12, por iniciativa e autoria de um dos animadores deste complexo, Pedro Basílio. Com alunos da turma B do 4º ano, tinha como objetivos «descobrir a música (por eles), conhecer mais música além da música (de seca...) e dar a conhecer novos horizontes». Insere-se num estilo “rock percussionista”. Considera-se irreverente pretendendo «acolher a música como um novo desafio dispondo-se à divulgação por

outras escolas». Inicia-se a partir das capacidades “rockeiras” do aluno Miguel Cascais, de 9 anos, exteriorizando um precoce estilo de influências paternas que convergiam com os gostos do animador, “sem conhecimentos de música escrita” e tão só com experiência rítmica de bateria. Em dezoito alunos, dois aptos. Restava a inclusão de dezasseis. «Os outros teriam que fazer alguma coisa». Trouxe a bateria para a escola, começou por diagnosticar, situou-os desenvolvendo-lhes a capacidade psicomotora com base num compasso quaternário, aproveitou os instrumentos de altura indefinida da sala de educação musical e «cada um faz o que lhe apetece». Resulta um trabalho conjunto (alunos e animador) onde previsivelmente acontece a descarga emocional e de tensões expressas na intensidade e liberdade instrumental. Trata-se de uma gestão anímica. A metodologia de trabalho baseia-se na audição de «covers» (versões) inspirados no grupo açoriano “Velvet Carochinha”. Aos variados instrumentos de percussão que se somam à bateria (maracas, tarola, pandeireta, “djembé”), quatro alunas protagonizam dança e três são vocalistas (... a linha melódica e a sua importância). Ainda não possuem repertório original porque primeiramente tem que se solidificar a banda. A turma transitou para o 5º ano e classificam a educação musical curricular, mesmo o ensino articulado como... «grande seca»<sup>15</sup>. Parece-nos um belo ex-libris da Fábrica da Criatividade. Vejamos as atividades da Fábrica e a “oferta de escola” – Quadro IV

**Quadro IV - Complexo dos Arcos: oferta de escola / oferta da Fábrica**

<b>Complexo dos Arcos</b>	
<b>Agrupamento de Escolas Josefa de Óbidos</b>	<b>Fábrica da Criatividade</b>
<b>Atividades extracurriculares</b>	<b>Atividades de enriquecimento curricular</b>
<b>Pré-escolar, 1º e 2º ciclos</b>	

<sup>15</sup> Compreende-se...onde está a criatividade no ensino formal, mesmo no vocacional de música?

	Ateliê criativo: o corpo
<b>Desporto escolar</b>	Cerâmica
	Modulação plástica e artística
<b>Por contos e riscos (histórias com imagens e ilustração)</b>	Literatura/multiculturalidade
	Alice no País das Maravilhas
	Fotografia
	S.O.P.R.O.

São abrangidos pelo programa da Fábrica 192 alunos do primeiro ciclo, 106 do segundo e intervenção de 8 animadores (fonte: Gabinete Local de Educação).

### 5.3.3 Complexo do Furadouro

Sob a orientação do atelierista Cláudio Barroca, o já referido tema “Luz”, para o qual se planificaram três etapas: expressão corporal, ambientes e som. A primeira teve como guia um trabalho relacionado com produção de cinema clássico com linhagem expressionista, sendo o corpo a revelação do emotivo e afetivo (entre o eu e o todo), com exploração dos objetos e descoberta de outras formas de expressão. A criação será coautora das suas produções e experiências alargando as suas capacidades de decisão, aprofundando competências de criatividade, estética, relacionais e cognitivas. Na segunda, acontecerá a criação de elementos figurativos e cenários móveis, ou seja a construção de vários ambientes, elementos constitutivos do guião. A criança será a produtora/realizadora/cineasta. Por último, o som, será de uma aprendizagem e comunicação com o mundo sonoro com vista à sonoplastia e a sua importância na narrativa. Perceciona, de forma iniciática e leve, aspetos inerentes as características do som (timbres, intensidade, altura e duração). Temos portanto a teatralização, a sonoplastia e a cenografia.



Foto 4 - “Chávena” para o evento Óbidos Vila Natal (2012)

Percecionemos então as atividades tanto da “oferta de escola” como da Fábrica da Criatividade – Quadro V.

**Quadro V - Complexo do Furadouro: oferta de escola / oferta da Fábrica**

<b>Complexo do Furadouro</b>	
<b>Agrupamento de Escolas Josefa de Óbidos</b>	Fábrica da Criatividade
<b>Atividades extracurriculares</b> <b>Pré-escolar, 1º e 2º ciclos</b>	Atividades de enriquecimento curricular
<b>Origami</b> (aprendizagem da matemática)	Tema do ateliê criativo: luz
<b>(Horta:</b> projeto associativo não enquadrável em atividade extracurricular. “A Escola na Horta” pretende proporcionar às crianças do 1º ciclo e do ensino pré-escolar do concelho de Óbidos a oportunidade de planearem e cuidarem de uma horta como parte do seu currículo escolar”. Pilares: Ambiente, Saúde e	Expressão corporal (projeto Chaplin)  Ambientes  Som

Educação. Mais informação consultar	Literatura / mediação
<a href="http://escolanahorta.com/index.php/a-escola-na-horta/projeto">http://escolanahorta.com/index.php/a-escola-na-horta/projeto</a>	Mediação cívica

6 Animadores acompanham 132 alunos do primeiro ciclo e 91 do segundo, conforme informação disponibilizada pelo Gabinete Local de Educação.

#### 5.3.4. Abrangência e articulação pontual com outros ciclos

As **oficinas criativas itinerantes**, expostas em 4.7.6 e as **oficinas dos contos itinerantes**, narradas em 4.7.7, neste segundo ano, não são itinerantes mas regressaram aos complexos “para reprogramação”.

**Óbidos Anima.** Confirma-se a descrição referida em 4.7.8. No Maio Criativo (que de seguida se desenvolve). Pudemos constatar a mostra internacional de cinema de animação com os filmes:

Jardins de infância de Arelho, “Os três ursos” e Amoreira, “Ser Criança”.

Escolas de Óbidos: O Diabo e o Touro, Os três Porquinhos, A Magia dos Legos, O Artista, Alice no País do Chocolate, Mediação Escolar, Portugal Arquitetónico, Ilustraanima 01+02, Ilustraanima 03+04, Polly e as Amigas, Bazuca e Zombie, Um Gato na Árvore, Tempo, Apanha Sonhos, A viagem de Pepe, A Arca dos Sonhos, O Viajante em Paris, Cidade Defendida, Memorial, Como é feito o Chocolate, A Menina do Mar e Videoclip Musical Banda S.O.P.R.O.

Alunos do 3ºciclo: *Watch! Scream! Run*, Última Volta, Assembleia da República das Bananas, Dragão Ball, O Derradeiro Desafio, O Azar da Sorte, História de um Ramiro, Entrevista ao Fantasma do Bin Laden,

Alunos do secundário: Conquista aos Mouros.

Contamos trinta e duas “curtas” locais consumando-se a planificação prevista aquando a redação do projeto da fábrica. Não aconteceram tergiversações. Escrevemos “mostra

internacional”, porque em sessão contínua, inclusos eram exibidas outras “curtas” que citamos: *Load, Ride of passage, Captain Awesome, Out a Forest, Elk Hair Caddis, Last Fall, The Saga of Biorn, Wing, Vegeterrible, They come behind the sun, workshops*, Dinamarca; Onde quer que vás lá estarás, *The Lamp, Phillip, Ar Bick Ma Kung, Idle hands, Doom Farm, Bertha and Bruno, Three Months Course Showreel* Bristol, Inglaterra; *Lebensander*, filmakademie, Alemanha. Por conseguinte, contam-se dez apresentações dinamarquesas, oito inglesas e uma alemã.

**Diário Gráfico e Passaporte da Criatividade**, metodologia de trabalho conhecida em 4.7.9, constou no Maio Criativo em exposição na igreja de S. Tiago a 26 de Maio, no âmbito do *EPIC talks*. No ateliê do Furadouro foram-nos mostrados exemplares: cadernos pretos, formato A5. Objetivos? “Tudo o que fazem...apontam”. É uma introdução à organização. “O que eu quero é introduzir a palavra projeto”.

**O Festival da Criatividade**, focado em 4.7.11, tomou o nome de **Maio Criativo** incluindo eventos de anos anteriores como o Junho das Artes e supostamente o Maio Barroco. Portanto, a representação da Fábrica da Criatividade neste evento, isto é, a educação municipal é assinalada com a forte presença do cinema (sétima arte) atrás descrito no Óbidos Anima.

### **Seminários:**

*Cineasta Oppidum*, um evento da Universidade Aberta em parceria com a Universidade de Aveiro, docentes de ambas as instituições e respetivos alunos envolvendo ainda a presença de alunos do Colégio Internacional de Vilamoura. Cinema, tertúlia de poesia, conto e música com os participantes. Convidado o Coral Nascente, adulto e infantil, da Freguesia de Olho Marinho.

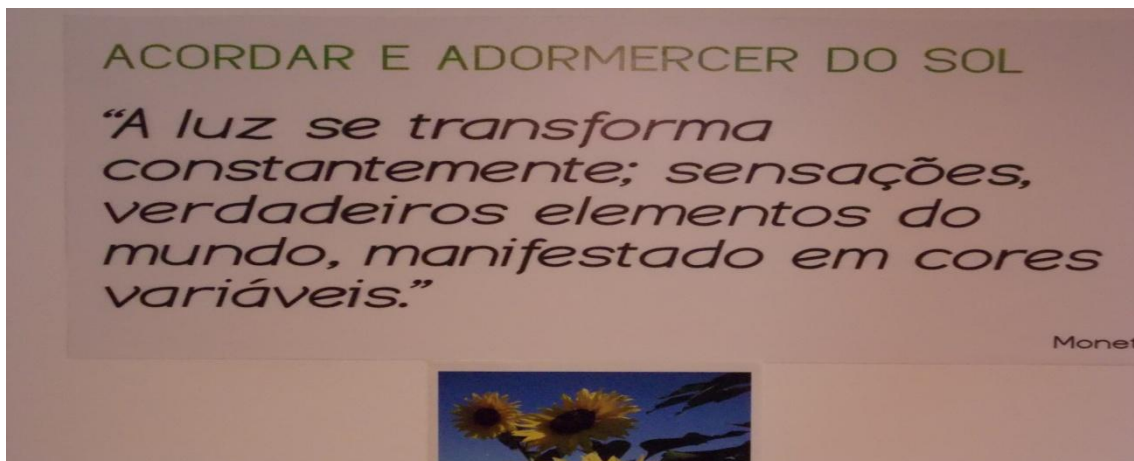
“Portugal 2012, que adolescentes? Que adolescências?” Abertura da “Mostra do Design” pela ESAD das Caldas da Rainha.

“Diários Gráficos”, na livraria S. Tiago.

Ateliês atrás descritos e participantes neste certame, “Luz Sem Fronteiras, Palavras Andantes, Famosos São Os Bichos, Banda S.O.P.R.O.” (Somos Orquestra de Percussão e Ritmos de Óbidos).

### **Exposições:**

“Pensar Colorido”, da responsabilidade da pintora Romarina Passos e a sua intervenção junto dos jardins de infância do concelho.



**Foto 5** - exposição “Pensar Colorido”

**Ações Complementares**, perspectivadas em 4.7.12. Confirmamos a realização da conferência internacional Óbidos Criativa – práticas pedagógicas em contextos de participação e criatividade, em 27 e 28 de junho, com a presença de oradores nacionais e uma representação de docentes italianos de Reggio Emilia (vide anexos).

### **5.4. A Fábrica da Criatividade (2011) e o PEEO (2012)**

Presentes aquando a assinatura deste compromisso educacional questionámo-nos se haveria diferença entre projeto e plano. Plano e projeto terão o mesmo significado. Todavia o que é tido primeiramente como projeto da Fábrica e tão bem desenhado estratégico e ideologicamente, ante este plano PEEO, leva-nos a refletir nesta questão: porquê projeto e porquê plano? Notamos a omissão da referência das artes no PEEO. Na descrição no capítulo IV, de forma visível no organograma da Fábrica (em anexo),

encontramos quase as onze artes<sup>16</sup>, inferindo um “ensino mais artístico”. Neste PEEO, notamos um odor que nos leva a identificar uma tendência para o ensino “formalizante”, contrariando o espírito “das artes” e da essência da criatividade a ser produzida... numa “Fábrica”. Embora a criatividade não se cinja apenas ao exercício das artes na sua expressão educacional, todavia as mesmas são um meio facilitador para o seu desenvolvimento. Comparemos os objetivos estabelecidos para a Fábrica e os descritos no PEEO – Quadro VI.

**Quadro VI - Descrição dos objetivos da Fábrica (2011) comparativa com o PEEO (2012)**

Fábrica da Criatividade (Maio de 2011)	PEEO (Maio de 2012)
<p>1. Sensibilizar e motivar os diferentes públicos para as temáticas da leitura, ilustração, <i>design</i>, arte, ambiente, história, escultura, pintura, multimídia, performance, entre outras.</p>	<p>1. Implementar uma nova visão sobre a educação que permita desenvolver modelos, estratégias de ação e formas de cooperação inovadoras.</p> <p>(não refere...não exemplifica)</p>
<p>2. Integrar momentos de partilha de conhecimentos e experiências que estimulem o desenvolvimento da comunicação visual.</p>	<p>2. Criar um programa educativo partilhado entre as duas entidades, criando projetos sistêmicos e integrados, desenvolvendo uma coordenação das políticas educativas ao nível local.</p>
<p>3. Integrar diversos atores educativos</p>	<p>3. Desenvolver projetos de ação que assumam uma nova dinâmica educativa</p>

<sup>16</sup> Vide página 68

nos processos criativos na educação.	no território de Óbidos e que promovam um aumento do nível cultural, social e educativo da população.
4. Intervir na área da educação, significa que é nosso dever reavaliar e questionarmo-nos constantemente, sobre os nossos pressupostos de intervenção.	4. Privilegiar a formação de equipas efetivas de educadores/professores e o seu desenvolvimento profissional como fatores da qualidade do sistema educativo.
	5. Proporcionar condições de ensino-aprendizagem promotoras de criatividade.

Notamos então que os pontos fortes dos objetivos da fábrica assentam claramente nas artes (1º), momentos de partilha centralizados no aluno (2º), a envolvência dos atores nos processos criativos (3º) e uma preocupação avaliativa (4º). Como palavras-chave encontramos “artes, educação, atores e avaliação” (coluna da esquerda). No PEEO registamos nova visão de educação (1º), criação de programa educativo (2º), desenvolvimento de projetos educativos (3º), formação de professores para o sistema educativo (4º) e finalmente (o 5º) condições de ensino-aprendizagem promotoras da criatividade. As palavras-chave “visão, programa, projeto, sistema e condições para a criatividade” giram em torno da educação. Surge-nos um questionamento: numa coordenação bicéfala do PEEO, estando as artes, estratégica e conscientemente adotadas para uma dimensão mais criativa e centrípeta do projeto municipal, como “impor” ou negociar a docentes vinculados oficialmente a um agrupamento da rede do ministério, onde as mesmas são vistas de soslaio? No PEEO, acaso a identidade da Fábrica não ficará danificada com a nova parceria, esta caracterizada por uma mentalidade hermética e fortemente criticada ao longo deste trabalho pelo discurso presidencialista? Como se

articulará o projeto da Fábrica, via PEEO com o projeto curricular de agrupamento? Como conviver com os lugares do ranking das Escolas? Remetemos para o capítulo das conclusões.

## 5.5. Parcerias com outras entidades externas

No PEEO, em 5.1.3, alínea d) observámos “a comissão científica da Abordagem”. Tal é descrita como uma composição associada a Centros de Investigação, Instituições do Ensino Superior, nomeadamente Universidades e Politécnicos, investigadores individuais e outras instituições educativas e culturais. Antes já referíramos o M.I.T., Universidade de Coimbra, Instituto Politécnico de Leiria e perspetivam-se contatos com outras Universidades. A Fábrica, já tem um lastro de experiências de parcerias das quais demos nota. Descrevemos os projetos de índole exclusivamente educacional contributivos (antes ou no presente) para a implementação da Fábrica:

**a) Educação pelas Artes e pela Leitura**, projeto com duração de 10 meses (ano letivo 2009-2010), envolvendo o município, a empresa “O Bichinho do Conto, Arte e Livros, Lda.” e o Agrupamento. É portanto anterior à redação do projeto e o ponto 4.7.2 contempla a essência dos resultados empíricos adquiridos com tal implementação. O público-alvo: educadores de infância, professores do 1º e 2º ciclos e alunos (do pré-escolar ao 2º ciclo). As metas deste projeto estavam definidas para «evidenciar o papel da criatividade no processo ensino-aprendizagem através da relação entre arte e leitura e construir uma comunidade educativa mais participativa e ativa num contexto educativo e cultural». Destinaram-se a 950 alunos, 56 técnicos de educação, professores, animadores, monitores e decorreram em formato de 6 ações. Sintetizando: era ambição do projeto o contato com criativos de diferentes áreas como escrita, leitura (narração, conto, poesia), ilustração, pintura, música, teatro, cinema, dança, performance / instalação, multimédia, psicologia, filosofia, educação, química / física. Uma interdisciplinaridade com forte predomínio das artes.

**b) Projeto *Identity***, com 2 anos de duração (1 Ago 2011 a 31 Ago 2013), com os executantes: Óbidos e Reggio Emilia e ainda as participações do Agrupamento de Escolas Josefa de Óbidos, “Bichinho do Conto” (supra descrito), município e província

de *Reggio Emilia, Preschools and Infant-toddler Centers* – instituição municipal desta cidade e *Reggio Children- International Center for the Defense and Promotion of the Rights and Potential of All Children*. Apesar do descrito em 5.2., especificamente este projeto insere-se no programa *Comenius*, com vista a melhorar a qualidade e reforço da educação na dimensão europeia dando cobertura a iniciativas tanto em Óbidos como em *Reggio Emília* com fins conferenciais e conhecimento de pedagogias. A meta...«criar um modelo de intervenção que evidencia o papel da criatividade no processo ensino-aprendizagem». Tem ainda como objetivos «demonstrar a importância do processo criativo no modelo ensino-aprendizagem e promover a intervenção na arte e da leitura na educação» (algo muito convergente com o projeto descrito na alínea anterior). Público-alvo, alunos do pré-escolar e 1º ciclo (750 alunos).

**c) Projeto Poetas do Espaço, escola de dança e de artes**, anual (renovável) com início em 2010, em interligação com a Óbidos Patrimonium (empresa municipal de eventos), Escola de Dança do Conservatório Nacional, *Quorum Ballet*, Companhia de Dança, *Marta Poppe*, fotografia BdCID Identidade *Design & Impressão Digital*. Inicialmente o projeto estava previsto para os espaços das escolas de Óbidos para um público-alvo a partir dos 4 anos e para todos os tecidos sociais. Várias metas a conhecer de forma sucinta: relacionar a prática da dança e partilhá-la com possibilidades expressivas e reflexivas para ativação do potencial criativo, educar futuros públicos para esta arte, educar para a oportunidade profissional, participar em eventos e intercâmbios, colaborar com as forças vivas locais, proporcionar uma formação cultural sólida. No momento estas atividades estão sediadas em edifício próprio (antiga escola primária, junto às muralhas).

**d) Projeto Pensar Colorido** é muito anterior à Fábrica da Criatividade e não tem relacionamento pedagógico com a mesma. Iniciou-se em 1996 (no final do ciclo da intervenção autárquica 1981-2001) para os jardins-de-infância do concelho. Embora jamais tivesse qualquer interrupção, foi “registado” recentemente e redefinida as parcerias, município de Óbidos, Óbidos Patrimonium e Escolas d’Óbidos. Processa-se em regime de itinerância pela pintora Romarina Passos. Teve merecidas honras de exposição no Maio Criativo, na galeria do Pelourinho. Está na dependência do serviço educativo da Rede de Museus e Galerias (de Óbidos).



Foto 6 - “Pensar Colorido”<sup>17</sup>(2012)

## 5.6. Os vasos comunicantes da Fábrica com a programação municipal

Em 3.4 estudámos a criatividade na dimensão política global do município, em 3.5 designámos como localismo a descrição de um conjunto de atividades de cariz económico, de empreendedorismo e eventos. Em 3.7 remetemos para os anexos o organograma como perspectiva “aérea” da criatividade. Por razões estratégicas no ponto anterior centrámo-nos exclusivamente em projetos de educação. Observemos agora as ligações a outros projetos em patamar acima da educação em níveis da orgânica municipal e abrangência com aquela trindade. Refiramos, sumariamente, alguns projetos em cujo público-alvo se integram crianças, logo, hipotéticos alunos da Fábrica. Então:

Repetimos o Pensar Colorido. Depois...

**Serviço Educativo da Rede de Museus e Galerias**, sob a égide da Óbidos Patrimonium (hoje Óbidos Criativa – empresa municipal), cujas metas visam a prática de pintura, aprendizagem de técnicas desta arte, desenvolvimento de competências

<sup>17</sup> O quadro superior é o motivo de inspiração. O inferior é a “cópia” pela criança, 4 anos de idade, jardim de infância de Gaeiras.

motoras para tal, contatos com história de arte e ambientação com o património. Público: crianças, jovens e adultos. No ano letivo 2012/13, o ateliê dos Arcos ao desenvolver o tema “O corpo”, prevê promover “visitas aos museus e galerias de Óbidos para complementar as atividades” (in Tinta Fresca, jornal virtual de arte, cultura e cidadania, edição 143 de 30.9.2012.)

**Pequenos designers**, oficinas da responsabilidade dos organismos municipais atrás descritos. Público: crianças dos 6 aos 14 anos. Metas: a importância do *design* no quotidiano, exploração da criatividade, sensibilização do *design* como disciplina de desenvolvimento da forma e função, contato com metodologias “projetuais”.

**Ódesign**, centro de *design* de interiores dependente da Óbidos Patrimonium, com interligação ao Centro de Inserção Social, Centros “Melhor Idade” (de apoio social a seniores) e artesãos locais. Metas: promoção do *design* como fator de impulsionamento social, valorização social dos intervenientes, exercício de atividades intergeracionais, igualmente do *design* colaborativo, produção de novos conceitos e produtos. Público: crianças, adultos, turismo.

**Festival do Chocolate**, certame promotor desta temática, com particularidades de esculturas, concursos, prova, diversão e todo o ambiente que o chocolate motiva sendo sempre garantidas atividades e atrações infantis.

**Evento da Semana Santa**, interação da população local, entidades religiosas, Misericórdia de Óbidos. Acontecimento de turismo religioso com absorção de paróquias e freguesias.

**O Maio Barroco** (Festival de música com o nome do compositor obidense de XVIII princípio de XIX, José Joaquim dos Santos) e **Junho das Artes**, este ano deram lugar ao Maio Criativo. De igual modo não aconteceu o **Festival de Ópera** (razões de contenção financeira).

**Mercado Medieval**, evento de recreação histórica. Para 2013, foi lançado o desafio à participação de alunos da Fábrica como figurantes / animadores (segréis, menestréis, trovadores?... Informação do Gabinete Local de Educação).

**S.I.P.O. – Semana Internacional do Piano de Óbidos**, master classes de piano, normalmente no início de Agosto. Embora de âmbito e nível vocacional de excelência é oferta e oportunidade de se assistir a reportórios próprios de um instrumento que substitui uma orquestra (não completamente). De igual modo a...

**Temporada do Cravo**, em Setembro/Outubro mas não realizada em 2012, similitude com o descrito na S.I.P.O.

**Festival de Folclore**, certamente para observação, quiçá participação de “folcloristas”, considerando a existência de 3 grupos infantis, também eles membros da população escolar.

**Óbidos Vila Natal**, com figuração e vida desta época, qual alma inspirada de forma mirrada na eurodisney em tempo ibérico frio e chuvoso, adequada ao espaço e geografia local intramuros de Óbidos. *Made in* com os recursos locais possíveis e reforço de outros exteriores, constituindo-se um mundo de fantasia, imaginação, qual observação de uma obra de arte com efeitos de subjugação subjetiva, cujos principais atores, observadores, participantes e visualizadores são crianças, com oportunidade do pequeno munícipe (o da Fábrica) assistir a algo invulgar junto da porta de sua casa olhando nas fantasiosas “barbas de um castelo”.

## **5.7. As expetativas do investimento na criatividade ao nível da educação local**

Conforme se verá adiante em 6.1.1 a autarquia está determinada, com visibilidade expressa no Gabinete Local de Educação e independentemente das contrariedades próprias num projeto em segundo ano de implementação, na defesa de uma educação local. «A estratégia da educação criativa não é isolada do contexto da estratégia do município na área da criatividade». Reforçamos este pensamento mediante o convite a atenta perceção dos dois organogramas anexos a este estudo.

«Quando se foca a criatividade associa-se à planificação global do município. Pretendemos que as crianças experimentem, vivenciem um contexto, um futuro e que mais tarde regressem a Óbidos e que encontrem espaço para desenvolverem o seu negócio, a sua empresa ou a sua ideia.

Esta, uma perspectiva de longo prazo. No curto e médio, precisamos de derrubar paredes de sala de aula porque a criatividade e a inovação são as duas ferramentas essenciais na educação deste século. Falta (conforme o Presidente explicita) corroer por dentro e não deixaremos de fazer isso com mais força. Estamos no princípio e muito a medo. Tentamos colocar-nos à disposição dos professores...pelo ateliê. Não há ainda autonomia para a Fábrica nos eventos organizados pelo ensino formal. Procuramos parceiros mais extraordinários tanto a nível nacional como internacional. A Fábrica da Criatividade deverá ser um projeto de autonomia incentivando mesmo formação de professores no estrangeiro, contribuindo, desta forma, para a tal corrosão atrás referida e adiante assumida pelo Presidente da Câmara» (Ana Sofia Godinho por nós entrevistada particularmente para este estudo).

## O resumo do capítulo

Começámos pela descrição e comentário sobre o PEEO, os seus objetivos, a visão educativa, os princípios e estratégias de ação nomeadamente na educação centrada no aluno, na criatividade e inovação pensadas neste plano (não o mesmo aquando a conceção do projeto da Fábrica). Detetámos diferenças, assinalámo-las confrontando objetivos, as visões, os intervenientes/participantes, a (estranha) coordenação/liderança bicéfala e as fontes dos modelos referenciais de ensino, inspiradores do municipal.

Seguimos pela apreciação como decorreu a implementação relativamente ao capítulo anterior, localizámo-nos nos recetáculos - ateliês como espaços privilegiados para avaliar a participação, adesão, particularidades de cada um integrado no seu complexo, as suas dinâmicas, comparações com as suas valências e as propostas pelas coabitantes do ensino formal. Descrevemos retroativamente a rede dos eventos com a Fábrica, nomeadamente a “avaliação” do Óbidos anima, o Maio Criativo e outros eventos de “marketing territorial” de Óbidos. Retornámos às “diferenças” concecionais PEEO-Fábrica, descrevemos exemplos de parcerias com entidades de conotação artística e formação didática, a articulação e comunicação da Fábrica com a planificação das atividades e eventos geridos pelo município tendo a criatividade como motor. Por fim, as expetativas do município quanto sucesso desta opção político-educacional.



Foto 7 - vista parcial de Óbidos em tempo de feira medieval (cerca do Castelo)



# Capítulo VI

## A perceção das representações sociais

### A introdução

Este último capítulo, a sexta parte de um trabalho de investigação e descrição, abordará a “prova real” ou a avaliação/aferição. Ouviremos e transcreveremos, fidedignamente, o que é conhecido e compreendido. Entendemos quão importante foi, até aqui, descrever o contexto geral, desde o enquadramento teórico, à forma muito incisiva nas características sociais, ao projeto da Fábrica e à sua implementação. Estas sequências ordenadas conduzem-nos a um supremo fim de percurso, cujo agente avaliador e destinatário é...a população. Definir representantes de uma população é algo difícil e nem sempre os seus eleitos são os conhecedores de matérias para as quais deveriam estar atentos. Assim, vamos conhecer as perceções periféricas dos quadrantes políticos, de exemplos de associativismo, de instituições e da representação empresarial. Numa visão endógena, focar-nos-emos na comunidade escolar porque também ela representa aquela maior ou matriarca donde é proveniente.

### 6.1. As representações políticas locais

«Depois de realizadas as infraestruturas em que pouco ou nada mais haverá a fazer...é a cultura que dará votos» (António Lamas, diretor do Instituto Português do Património Cultural, no ano de 1988, em visita oficial a Óbidos). A frase foi teoricamente profética mas a palavra cultura dilatou-se para educação. Não previu tal autor que as infraestruturas jamais estarão completamente realizadas. Todavia o alcance de tal afirmação iria para o alerta das autarquias no sentido de irem mais além do que as infraestruturas. Em entrevista de 30 de Outubro de 2009, o respetivo edil presidente referia:

«Nós também percebemos que havia áreas em que era preciso termos respostas imediatas. Por exemplo, ter crianças nas aldeias que nem sequer tinham o almoço assegurado era uma das questões que, do ponto de vista do crescimento, não poderíamos pensar que não era uma responsabilidade da comunidade. Isso refletia um nível de bem-estar muito fraco. Eu vi crianças a comer ao almoço uma sandes com manteiga e isso mostrava que era preciso agir».

### 6.1.1. Elenco camarário (na voz do Presidente)

«Tenho uma boa vereação: crítica, empenhada e participativa». Estas foram as palavras com que nos despedimos após entrevista com o Presidente.

«No verão de 2002, ao visitar a escola da minha aldeia, reparei que estava tudo na mesma. Isso despertou-me que teria de fazer algo mais. Apoiámos a abertura de 16 organizações locais (ATL) onde as crianças pudessem comer e permanecer com programas complementares para além da escola. Cedo nos apercebemos que por parte dos pais ocorriam excessos de deixarem os filhos mais tempo do que o recomendável e corrigimos».

Argumentámos que na imprensa local é conhecida a sua determinação num paradigma de uma educação municipal: como tal pode acontecer num estado centralizador? «Furando por dentro, corroendo. Tínhamos dois caminhos em 2006-07: ou um colégio ou este projeto. Por sugestão de docentes locais, optámos por este modelo». Demandámos se estudara um enquadramento jurídico sobre um ensino municipal equiparado ao privado. «No momento temos em estudo possibilidades com intervenção de figuras pedagógicas no sentido de aferir diversos caminhos». Sobre a avaliação da implementação ainda que de tenra idade...

«Muito inicial. Vivemos ainda um período de incubação. Partimos de um projeto de “negócio” com o empreendedorismo e as criativas. E quanto a dificuldades...entre vários atores a ideia é percebida. Serviu para verificar que a Fábrica da Criatividade veio para ficar. Os professores (do ensino formal) não aderiram às “tools”. Há divórcio não assumido. Não há consciência desse distanciamento por parte dos professores. Também vêm a escola mediante o paradigma dominante de um ensino transmissivo e vivem da relação com o manual e as fichas-tipo como base do que entendem do processo ensino-aprendizagem. A Fábrica ainda é vista como um projeto de fora, externo. O desafio será levá-los a compreender que a Fábrica pode ser o centro e não a periferia dos seus movimentos enquanto professores na escola. Nesse momento a Fábrica será deles e não de outros. É um processo em que sabemos que nem todos estão preparados, nem disponíveis para aderirem voluntariamente. Se tivermos a responsabilidade da sua tutela, eles

vão ouvir-nos com mais atenção e a adesão será automática pois nenhum professor negará desafios novos em que se sintam estimulados, mas esse caminho de formação e de estímulo tem que ser feito num quadro normativo diferente».

### 6.1.2. A visão das restantes forças políticas

Partido Socialista, na pessoa do vereador sem pelouro atribuído. Sobre educação...

«Deve ser uma prioridade e para isso se gastaram 10 milhões de euros nos três complexos escolares, três por cada e um de trabalhos a mais. A grande maioria do dinheiro veio de fundos da União Europeia. Há seis anos, a ideia era a requalificação de oito escolas. O assunto foi debatido em assembleia municipal, mas por influência da DREL e seguindo recomendações da OCDE concluiu-se pela opção dos três complexos escolares. Defendo este modelo, embora seja contra a desertificação das aldeias. De acordo com legislação publicada este ano, o transporte dos alunos para as escolas com cantina só é suportado totalmente pelo Estado e pelos municípios quando residem a partir da distância de 4 km. Para distâncias inferiores os pais suportam parcial ou totalmente os custos de transporte dos seus filhos».

Em contexto da Fábrica da Criatividade cita que «o Presidente da Câmara visitou vários países do norte da Europa onde existe uma interferência municipal. (...) Pretende implementar esse modelo no concelho de Óbidos. Não sendo seguidista do Presidente, acho que essa proposta merece ser estudada». Não conhece o projeto em detalhe, mas «conhece as ideias». Pensa que «percebeu o essencial». Perante uma insistência interrogativa sobre o que conhece de tais ideias, afirma que «em vez de ser nacional deve ser municipal com todas as consequências. Os professores passariam a ser escolhidos pelo município. Há aspetos positivos e riscos do «amiguismo» e o mérito dos profissionais pode ser maculado pelo «amiguismo partidário». Tem, no entanto, «posição de abertura». Inquirimos se esta visão era pessoal ou partidária:

«Minha! Já falei com o P.S. e verifico haver abertura para analisar a proposta. Em matéria de educação, as discordâncias com a maioria política da Câmara têm sido quanto aos trabalhos a mais nas empreitadas das novas escolas. Parte dos trabalhos a mais eram evitáveis, designadamente no desnecessário sobredimensionamento dos sistemas de climatização, de ventilação e de eletricidade. Na educação não tem havido oposição».

Demandámos se o grupo parlamentar conhece a Fábrica: «em pormenor...não. Insisto que não há seguidismo». O P.S. de Óbidos não tem estudo detalhado sobre a educação

no concelho. O que tem havido são «abordagens, sensibilidade, interesse e o desejo de ser parte na solução». Abordou-nos ainda o aspeto do vestuário escolar, referindo que tal «consta mesmo como aprovação de câmara...em convergência. Há um conjunto de boas ideias mas o problema é...na concretização os resultados estarem aquém do que seria desejável e possível. Vejam-se as posições de Óbidos nos resultados dos exames».

A análise do Centro Democrático Social não nos é dada pelo actual representante da concelhia, mas por um ex-dirigente no quadriénio 2005-2009 aqui reproduzida textualmente:

«A criatividade é um ato humano (...) para estimular aquilo que é absolutamente intrínseco ao homem, ou seja, a capacidade de pensar, entender e comunicar através de vários meios, nomeadamente a arte. Assim sendo, e do mesmo modo que uma escola não é uma fábrica de ensino, que um cinema não é uma fábrica de visão, que um livro não é uma fábrica de letras, pois os conceitos não são conformes, o mesmo sucede com Fábrica de Criatividades. É uma redução muito em voga num pensamento de esquerda que procura anular o indivíduo e as obras intelectuais, promovendo o plano meramente físico do mundo, impondo-o mesmo no vocabulário. A Criatividade não é algo que se fabrica (...). Se, por mera suposição académica, o mesmo conceito absurdo se pretende aplicar no campo da política, lastimo mas não o consigo conceber em que circunstância tal possa acontecer. Diria, muito pelo contrário, que é mais um modo obscuro de gastar o dinheiro dos contribuintes para constituir e alimentar uma entidade. E essa entidade vai produzir vacuidades operacionais para se justificar. E nessa prática vai poder alimentar mais uns tantos inúteis que não conseguem perceber que não produzem qualquer valor acrescentado à sociedade, à economia, ao concelho e ao mundo que o rodeia.»

A última força política concelhia, minoritária e apenas com assento na assembleia municipal, a Coligação Democrática Unitária, revela que «não conhece a Fábrica da Criatividade, mas tem uma vaga ideia: é mais uma forma (de noção e sentido...), para começar a privatizar tudo. Não faz sentido o município estar a aguentar aquilo». Proposto um recentrar no tema educação, porque dias antes em assembleia municipal, o plano municipal da criatividade abrangia um conjunto de património imobiliário para uma empresa municipal, o representante da força política argumentou que “as pessoas foram enganadas”. Foi contra fechar as escolas e criar os centros escolares:

«Deixou de existir a escola de proximidade com menos tempo das crianças com a casa e a família. Aumentaram os custos de transportes. “Tá aqui uma embrulhada muito grande”. Nas aldeias os professores eram mais

valorizados, mesmo com três ou quatro alunos. O Alvito está bem situado, mas o projeto dos Arcos está mal feito. As pessoas estão embriagadas com tanta propaganda e autoelogio e que as coisas iam melhorar. A alimentação piorou. No complexo do Furadouro, as crianças levam lanche para casa mas é comido no caminho. Por necessidades alimentares e com medo que em casa o comam».

### 6.1.3. A percepção das Juntas de Freguesia

Enquadremo-nos na Lei 5/A 2002 de 11 de janeiro, artigo 34, nº 6, alínea I (atribuições da Junta de Freguesia): “apoiar ou participar, pelos meios adequados, no apoio a atividades de interesse da freguesia de natureza social, cultural, **educativa**, desportiva, recreativa ou outra”. As Juntas de Freguesia são órgãos resultantes de sufrágio, os mais próximos das populações, que naturalmente, em teoria, deveriam perceber o pulsar dos seus fregueses. Conversámos com os 9 presidentes, questionando **qual o conhecimento sobre a Fábrica da Criatividade de Óbidos**: «conheço pouca coisa, já ouvi falar mas não tenho acesso, sei o que leio na imprensa, não sei muito mas sei que há um projeto de educação municipal». Quatro deles proferem algo mais: «é uma incubadora de ideias com vários tentáculos para as várias áreas sociais. A criatividade faz a diferença no eco e no social». Outra opinião, «que é um projeto da câmara para implementar, que tem a ver com o parque tecnológico, que sabe que é um sonho do presidente por uma autonomia do ensino» citando o Maio Criativo «mas não conhece o projeto. Sabe da experiência no jardim de infância do Arelho». Outro autarca associa a «um projeto debatido há cinco ou seis anos, que visava acabar com as escolas pequenas e reduzir a três, acabando como o modelo de um professor para quatro classes na mesma sala, passando a um por turma e foram buscar o modelo a Itália». E uma última opinião: «tem muito pouca aplicabilidade apesar de possuir uma componente pedagógica e educativa importante, que deve ser mais abrangente, incluindo matérias como o património, costumes, tradições etc.». Conduzimos as entrevistas perguntando se **conheciam o projeto**: «li mas não me debrucei, não o conheço profundamente, já estou mais afastado». Outros, estrategicamente invocaram que «havia uma linguagem muito técnica, porque se fecham, podiam divulgar mais pois aparecem estes casos e não se sabe como agir, que não faz ideia». Nalguns, sentimos a vontade “eloquente” de explanarem o que fizeram de bem num contexto de apoio educativo, pelo que colaborámos procurando saber o quesito das **relações institucionais** sendo normal e

comumente respondido que “correspondiam ao que as escolas solicitavam” ao nível de “apoios de materiais, transportes, pecuniários, patrocínio de viagens de estudo”. Todavia, um dos autarcas referiu que «não tem assento no órgão da escola e antes dos complexos (aquando) nas escolas das localidades estava mais próximo. As atividades escolares acontecem no complexo» e estabelece uma hierarquia: «primeiro a escola, depois a associação de pais e por fim a junta». Percebemos que era importante questionar, **se diferenciavam o ensino formal do da Fábrica da Criatividade:** «não sabe onde a Fábrica está contida, que aquilo lá nos complexos é organizados por eles, que não distingue diferenças». Em contextos de conversa, foi ainda **perguntado como se exercem as atribuições legais dos órgãos da freguesia na esfera da educação:** para além dos apoios atrás descritos, algumas autarquias promovem, por iniciativa própria, «dinamização de espetáculos recreativos, feiras do livro, palestras, atividades de canoagem, programas ocupacionais em tempo de férias com visitas a pontos locais com carpintaria, moinho, recursos de paisagem e jazidas (educação ambiental), ateliês de bordados e pintura». Alguns questionam porque a Fábrica da Criatividade não é parceira. Um dos autarcas responde, ante uma observação se tais dinamizações não extravasam “a incumbência” legal, que «uma junta tem de ir além da visão dos caminhos, das ruas (serviços braçais ou mecânicos) e ir ao encontro de outras prestabilidades». Considerando a importância das assembleias de freguesia, indagámos se alguma vez **este órgão superior tratou de assuntos relacionados com a educação e particularmente da Fábrica:** globalmente respondido «não» ou «não me recordo». Um deles opinou que ao nível da assembleia municipal «pode ter sido mas os papéis e assuntos são tantos...» Em conclusão desta temática, perguntámos por **sugestões nesse domínio da cooperação com a educação:**

«A escola tem que se ligar mais à comunidade, que se apresenta um projeto e depois nunca mais é chamado para nada, que se deveria pensar numa escola para pais porque estes são indiferentes à educação dos filhos, os projetos têm de vir para o terreno, artisticamente não se ligam à comunidade (ideia repetida mas alertamos para a introdução da componente arte), hoje a Fábrica diz muito blá...blá...blá e o projeto educativo está muito na cabeça do Presidente. Deve-se envolver a família, porque a partir do terceiro ano os filhos já quase sabem mais que os pais e faltam duas componentes: ganhar as pessoas e a comunidade».

Outros dois autarcas... “não têm muita ideia sobre isso”. Aditamos ainda algumas opiniões demonstrativas de uma vontade participativa, crítica e construtiva: um dos presidentes é adepto do “estímulo à imaginação”. Coloca-se no lugar da criança (ele avô e explicador acompanhante do aluno neto): «tendo estímulo até ganho gosto. Os pais cativam os filhos com mimos. Um aluno pode ser burro na secretária mas ótimo na bancada (carpintaria ou metalurgia)». Um lamento: «a conta de dividir é dada de uma forma e o avô não consegue ajudar a explicar o meio como se conseguiu o resultado». Não desvalorizando estas últimas opiniões, em suma, pouco conhecimento sobre a criatividade mas evidente a preocupação geral com o estado da educação. Difícil ainda de identificar onde mora “o ensino” da Fábrica.

## 6.2. As representações cívicas

### 6.2.1. Associações

Procurámos as de índole artística, nomeadamente de música coral e filarmónica, agremiações ensinantes infanto-juvenis, normalmente praticantes de uma metodologia de transmissão de saberes *ad libitum* e muito empírica. Sobre o **conhecimento da Fábrica** ouvimos da representante da música vocal:

«Indiretamente conheço! Sem saber do projeto assisti a uma iniciativa na escola do Furadouro (ateliê de luz), e não identifiquei que era a Fábrica da Criatividade. Desconheço o projeto ou o conceito. Em casa é falado muitas vezes o ateliê. O meu filho prefere o ateliê a jogar à bola e traz prendinhas. Imaginava que tal atividade fazia parte do programa extracurricular. Se era da responsabilidade do município, se se chamava Fábrica da Criatividade ou carica dourada, desconhecia».

Inquirimos se, **como dirigente artística tem notado via coro algo da Fábrica**: «não!...não noto ligação. Não imagino o que é lá trabalhado mas acredito no apelo à imaginação e à criatividade». **Faria sentido uma articulação entre a Fábrica e o coro?**

«Sim...por exemplo o nosso futuro centro de artes estar em estreita colaboração. Talvez fosse interessante uma articulação com as coletividades artísticas. A Fábrica tendo especialistas poderia ser útil ao nível dos conceitos e dos benefícios».

Concorda com o ensino alternativo...municipal, conhece a realidade no terreno mas pensa que faltam ferramentas para alcançar os objectivos. «A criatividade tem que chegar às coletividades».

Atentemo-nos numa sociedade filarmónica, com escola de música composta por 61 alunos. À habitual pergunta inicial sobre a Fábrica, um dos quatro elementos presentes da direção, diz-nos:

«Zero! Nunca foi apresentado. Estivemos envolvidos no ensino da música nas AEC, mas dispensámos o funcionário para evitar encargos. A CMO não dá conhecimento às coletividades desses projetos. Recebemos alunos não no zero mas no “um” ou no “dois”. Sabem o que vêm fazer. Está a acontecer que vêm do articulado (12/13) mas o inverso também acontece».

### **Há criatividade neste tipo de ensino?**

«Pode ser relativo...o método de ensino já é diferente do que era. Começa-se já com o instrumento. Há criatividade quando a música é feita no momento. O músico não se sente realizado se não tocar em grupo. Temos conseguido reduzir o número de resistências (que neste sentido também é sinónimo de desistências)<sup>18</sup>. Dando o instrumento tenta-se ir ao encontro da criança».

Reafirmam que o projeto da Fábrica não é conhecido e precisavam de o analisar para ver o enquadramento.

«Podia haver uma ligação mas já tentaram chegar à escola e não houve abertura. Obviamente se houvesse colaboração de professores seria ótimo. Por ora somos uma banda filarmónica. Seria interessante haver apoio pedagógico. Não abrimos mão da sede por razões de afetividade «é bom que conheçam o pai...».

Calculam que não há enquadramento do projeto com a realidade associativa. Ainda há muito a noção da “quintinha”. Por aqui temos uma norma: «primeiro a escola, depois a escola e só de pois a música».

---

<sup>18</sup> Nossa nota de esclarecimento

### 6.2.2. Institucionais

O “programa melhor idade” é a execução do projeto municipal de apoio à terceira idade. Notámos a intervenção dos séniores no Maio Criativo através do programa *Ódesign*, que integra a rede de galerias e museus. Junto da responsável cessante na direção daquele programa sénior, foi-nos confirmado que “não existe relacionamento com a Fábrica”. Todavia, ocorreu-nos que em janeiro de 2012 participáramos com um coro sénior de um centro social num evento das janeiras no Complexo dos Arcos. De uma outra vez aquando uma visita de investigação (para este estudo) ao referido complexo, lá encontráramos casualmente o mesmo centro. Gerações de avós e netos, tocavam-se para que estes desenhassem o rosto dos antigos. Os três complexos realizaram em simultâneo trabalhos de fotografia com os infantes e séniores. Um diretor administrativo do Centro confirmara-nos (certamente por falta de informação) que... não havia ligação institucional entre estes organismos. No entanto, pelo menos uma vez, três centros do programa melhor idade deslocaram-se ao ateliê criativo do Furadouro onde praticaram *light painting*. O atelierista também desconhecia qual o programa original de tão louvável iniciativa. Reservemo-nos para a conclusão.

Ainda neste contexto sénior e perante a escassez de instituições, arrolámos a Santa Casa da Misericórdia, tradicionalmente filantrópica e socialmente histórica. O seu provedor «tem verificado que na zona oeste o desenvolvimento da criatividade é um assunto importante, particularmente no concelho de Óbidos». Interpreta que «esta estratégia da CMO, visa dar atenção aos artistas, demonstrando imaginação e sensibilidade para as artes». Tem um filho obidense, músico e expressa o seu desapontamento por aposta em recursos exteriores não aproveitando os locais. «Fala-se muito de criatividade», mas não sabe o que está a ser apoiado, logo... «nada sei». Com as instituições, sobre tal tema, «não existe relacionamento». Afirma que no Minho já «existem concelhos que apostam na criatividade» (Guimarães integra a rede das economias criativas). A Misericórdia de Óbidos tem uma creche, (não um jardim de infância, logo, não enquadrável em regime pré escolar) «pelo que a esse nível também não tem que ter relações». Apresentado o organograma da Fábrica para um melhor esclarecimento, questiona quem define os currículos e quem compõe o gabinete de educação. Ouve dizer que o «serviço é polémico e interfere em demais nas salas de aula. Não aposto na comunidade a mandar

na escola. Há obidenses que não concordam com os complexos e põem os filhos nas Caldas». Em final de entrevista, dá nota que a sua instituição foi convidada a participar num programa, olvidável no momento, que integraria a presença de professores da universidade do Minho, não revelando outros pormenores.

### 6.3. As representações empresariais

Na página 55 deste estudo, na economia criativa são referidos organismos com as siglas Obitec, ABC, Óbidos.com, entre outras. Inserem-se na criatividade global do município, pelo que recomendamos, também, a visualização do organograma da mesma (anexos, p. IV). Registamos o pensamento contextual do quadro executivo superior responsável pelo Parque Tecnológico e do ABC (apoio de base à criatividade) relativamente ao posicionamento sobre a Fábrica da Criatividade: «sabe relativamente pouco», mas «conhece os antecedentes». Situa-se numa prévia análise salientando:

«Que é a sua interpretação pessoal. Primeiro: o concelho geográfico é grande (142 km<sup>2</sup>), logo tem espaço. Segundo: a sua demografia com baixa densidade populacional, escolaridade igualmente baixa. Por fim, o declínio do setor primário resultante da perda de importância das casas agrícolas».

Uma nota: lembramos que desenvolvemos todo o capítulo III com objetivos (vários mas também) para melhor se entender um contexto próprio e por vezes salientando um dualismo no aspeto rural/criatividade (ou porquê, como, por que modo se opta pela criatividade na ruralidade). Neste pensamento que acabamos de transcrever, denotamos uma convergência interessante com o anterior por nós descrito *ibidem*.

«Olhando para o futuro encontramos dois caminhos a tomar:

a) Acessibilidades: o concelho é servido pela confluência de duas autoestradas, região com empreendimentos turísticos, linha férrea (embora sem investimento), logo possibilidades de crescimento.

b) Tentar crescer em qualidade, atrair gente com elevado nível de qualificação, inovação e empreendedorismo. Para isto ter-se-ão de buscar instrumentos de política considerando os resquícios de uma realidade rural existente e uma vindoura comunidade (ainda que menor) de cariz mais urbanizante. Este segundo caminho implica uma reconversão de qualificações e a migração será acolhida pela incubadora/parque tecnológico. A escola está naquela. Nesta, o primeiro passo é a vontade. Nós apoiamos a pensar o negócio e a trazer empresas mesmo que ainda não estejam instaladas no concelho. Não estamos desresponsabilizados da

educação. Como se explica aos alunos o que é a incubadora e o parque tecnológico? A visão da saída das pessoas está muito enraizada. Ficar em Óbidos, faz parte da escolha. Como se consegue passar a imagem na comunidade escolar? Em 2009 descobrimos o *digital story tellers*. Em Óbidos organizámos a conferência internacional e nela inserimos um *workshop* no qual participaram professores e animadores. Com agradável surpresa, dois dos animadores conseguiram desenvolver ideias e partiram para o «Óbidos anima». Muda-se o paradigma: o aluno deixa de ser consumidor para passar a ser autor da sua história. Nós lançámos a semente. Já organizámos visitas de alunos, não os mais novos, ao parque tecnológico. Futuramente, imaginamos que os alunos numa interdisciplinaridade (língua portuguesa, história, educação visual e outras) tragam uma história, cheguem ao parque tecnológico, transformem a mesma e à tarde saiam com o filme. Já visitei os vários ateliês e há coisas que não sei onde vêm, quero dizer, têm liberdade de criar, são autónomos. Sei que trabalham com a iluminação (luz no complexo do Furadouro), material reciclado, *light painting*. Trouxemos parceiros exteriores, sendo disso exemplo a Samsung que acompanhámos em visita aos complexos para constatarem a experiência e poder adequá-la a programas que tal multinacional desenvolve em aldeias com fins de altruísmo».

Salientamos ainda, a perceção de uma outra representação empresarial que nos refere que “a Fábrica põe em prática várias ferramentas que o concelho dispõe”. Questionámos que “ferramentas” e de uma forma evasiva foi-nos esclarecido que se tratava de «levantamentos de famílias carenciadas, inserções sociais (pobreza encoberta)». Tentámos trazer os interlocutores para o centro do tema (da Fábrica) perguntando se conhecia o âmbito original do projeto. Foi-nos referida «a função dos complexos escolares, a força centralizadora de cada um dos polos, a extinção das antigas escolas ditas primárias e o assumir das tais ferramentas» (curiosamente este termo também muito utilizado pelo Presidente da Câmara). Que «a associação empresarial tem tentado criar prémios de mérito aos alunos que se destaquem». Alertámos se isso não seria mais para o ensino formal. Foi-nos confirmar que “sim”. Sobre a Fábrica propriamente dita...«não tem relações». Mas acrescenta de súbito...«mas também não nos deixam aproximar».

## 6. 4. Da Escola

### 6.4.1. A percepção da Associação de Pais

Dois encarregados de educação, sufragados, respondem amavelmente por três associações uma vez que um deles possui dois educandos em outros tantos estabelecimentos diferentes assumindo a representação de duas associações. Complementando o descrito no capítulo II, em entrevista aberta (em separado a 17 e 22 de outubro de 2012) proferiu-se como abertura a imperativa frase: “obviamente conhece a Fábrica da Criatividade”. Sob reserva, no masculino e não pela ordem de datas, respeitando *ipsis verbis* descrevemos: «conheço vagamente, esclarecido em três linhas pelo gabinete de animação». E os objetivos? «Pôr os meninos a ter ideias novas». Preocupa-se por «constatar que são os monitores que fazem os trabalhos. Noto isso pela perfeição!» Outra voz refere que «como dirigente não lhe foi apresentado o projeto. Como (...) interessado procurou na página da escola e do município». Colocada a segunda questão: como a define (a Fábrica)?

«Como uma mostra para mostrar Óbidos. Somos muito criativos e não vemos melhoras no ensino. Não vejo que a Fábrica da Criatividade venha trazer mais-valias aos alunos. Quanto mais atividades se colocam fora do currículo escolar esquece-se o espaço de aprender».

O homólogo:

«Interessante, aliciante. Bem implementado dá um produto interessante se for bem gerido. Toda a máquina em volta do município centra-se na organização e não em função da sociedade. Muito em função do poder, do eu, do protagonismo. Tal está errado e é por falta de informação».

Afirmámos que **houve um esclarecimento em fevereiro...(2012)** «não estive presente por razões laborais». Tece uma crítica ao facto de este tipo de ações decorrerem ao mesmo tempo que o horário de trabalho. Realça que «há um défice de informação» mas acredita «que não é de propósito». Indagámos, com base numa informação de outra entrevista, se não **havia uma reunião por mês com o gabinete de educação...** “não”. Estava prevista a pergunta se **nota(va) diferença entre o ensino formal e o da Fábrica**. Curiosamente a este ponto de ambas as entrevistas já era demasiado notória a “mistura” dos dois tipos. «Separo...porque não há fio condutor entre o professor do

ensino formal e o animador». Perguntámos se conhecia o projeto curricular de agrupamento... «conheço e não discordo mas não percebo a interferência do gabinete de educação na escola». **Interferência?** «No meu entender há. Por exemplo a natação (1º ciclo) interferia no rendimento dos alunos (...) chegavam cansados à retoma das aulas. Todas as atividades servem para sair da escola (Óbidos Vila natal)». O outro entrevistado, consegue “diferenciar pelo Maio Criativo”, porque “participou” lembrando-se do “ateliê da luz, a oficina do pão, que recebe a informação pelo educando e pelo espaço *net*». Como dirigente «através do apoio que a associação presta para aquisição de materiais». Relata um conjunto de ações por iniciativa da mesma para angariação de fundos. Cita o exemplo da atividade “a Horta”, transitada do pré-escolar e merecedora de apoios de entidades extra escolares e que da Fábrica não os sentiram. Questionámos ao mesmo interlocutor **que eficácia da Fábrica no educando...** “*é capaz de vir do Arelho (experiência piloto da Fábrica com um professor do ensino formal) com mais sucesso*”. E ao mesmo quesito, a outra voz, discordante, argumenta: «não faço ideia e não tenho interesse em saber. Tenho preocupação com a posição no *ranking* e como vão ter acesso à faculdade... como se passa do 1 para 4. Os meninos estão a ir à escola para comer e brincar!» Um esclarece que esteve presente na conferência internacional a 27 de junho. «Sente pena de não ser solicitado a colaborar mais. Informação e gestão muito teórica». Fala da “rivalidade entre complexos” mas no seu «os miúdos andam sempre em festa», existindo «intercâmbio de ideias entre a associação de pais e a coordenação local acabando os alunos por estarem envolvidos nisto». Outro, porque “não conhece o projeto” não pode ter opinião formada. Sobre a questão **se crê que os associados estão inteirados do papel da Fábrica**, é-nos dito que «se enquanto dirigente não tem informação como os outros podem ter?» A outra voz refere que «não conhecendo o projeto obviamente os outros também não conhecem». Alguns dias depois, em entrevista grupal com alguns alunos e presentes os respetivos pais, já nos foi dito (sobre a Fábrica) «que acho que é uma oficina e... conhece pelos *flip books* (histórias com desenhos) a partir do tema *bullying* (e que eram acabadas em casa)». Que «há dois anos havia dança e teatro, mas agora não». Os pais não viram as apresentações porque foram às 10 horas. «Ou são a meio da manhã ou meio da tarde». Reforçam que existem muitas atividades (a semana da Josefa) e para tal não se trabalha. «A câmara entra na escola». Notam-se intervenções de afrontamento como «a autarquia

não está preparada e está-se a impor um formato de ensino sem divulgação», com uma perentória e singular reação que «discorda completamente que num futuro a autarquia venha a assumir o ensino». Nesta perceção, sentimos uma tendência a olhar a escola como um todo, não destringendo o lugar da criatividade nem a importância da Fábrica neste contexto, caindo muitas vezes na generalização em que tudo faz parte do ensino formal. A escola é (ou parece ter de ser *ad aeternum*) o ensino tradicional.

Uma outra encarregada de educação, não-alinhada com a Associação de Pais, testemunha que «já ouvi falar qualquer coisa. É um projeto ao nível da Câmara de Óbidos. Tem algumas atividades...basicamente isso». Soube «por recados» que o educando «traz, relacionados com projetos». À pergunta que projetos, «isso é mais difícil. Ando à nora com isso. Não me é totalmente estranho. Há atividades nesse âmbito». Quanto ao fundamento, «desconhece». Não sabe o que lá se trabalha. Já ouviu falar de um diário gráfico pela necessidade do educando ter de adquirir um caderno. «Não fui chamada a conhecer alguma coisa. Dá-se uma ficha de inscrição e depois só o posso ir buscar aquela hora». O filho «nota quando não vou às festas da escola» (horários interditos a quem trabalha). Participou à noite no ateliê de luz no Furadouro e «acho que não era do ensino normal (este pensamento já depois de ter entendido o papel da Fábrica) pelo cariz das atividades. Não sabia que era da Fábrica». Encarregados de educação de outro complexo, noutra momento, afirmam «que não conhecem, que está mal divulgado e mal explicado». Pelos filhos, «não ouvem falar da Fábrica... não comentam nada».

#### **6.4.2. O aluno e a sua atitude/protagonismo nas relações com a Fábrica da Criatividade (o sujeito de Ronald Légendre)**

Tomemos o exemplo do S.O.P.R.O. O agente / animador Pedro Basílio, testemunha uma opinião com validade, de sucesso, fora dos cânones do ensino da música (tanto generalista como vocacional) criando aqui um “ovo de Colombo” muito abonatório à essência de um tipo de ensino de criatividade. A relação de aprendizagem (S-O...sujeito-aluno / objeto - «matéria») «é muito forte, livre mas orientada, construída no momento, praticada, constantemente a descobrir» e um pouco “jazzística” (neste caso). Na relação de ensino (S-A...sujeito-aluno / professor, no caso, animador) “é igualmente

muito forte” e, pelo que apurámos, no início do trabalho o Agente tem que estar preparado para momentos de alívio emocional (*catarsis*) sendo os instrumentos os alvos. Esta compreensão é fundamental bem como a convivência e parceria em trabalho coletivo.

Em entrevista aberta a três alunos, agora no 5º ano, ficámos conhecedores que os ateliês são obrigatórios no primeiro ciclo. No segundo, “vai-se quando se quer”. Um deles vai como observador e participará num filme, cujo “realizador” é o colega. Não ouve falar da Fábrica. Já “o realizador” também começa por dizer «que não sabe o que é a Fábrica». No entanto está a desenvolver um projeto de um filme (policial) não desvendando o mistério. Inicia a conversação proferindo que «não faço nada. Estou quieto a segurar a câmara». Apurámos que afinal até fizera o guião (e escreve-o na cama). Já idealizou cenas de interior (consultório de medicina dentária da escola) e exterior no pátio da biblioteca. São “artistas” nove colegas escolhidos por si. Um terceiro aluno acha que «sabe o que é a Fábrica. É onde se cria com matérias como forma de reciclagem. Construo coisas...invento com garrafas, caricas, cápsulas, cartões». Não tem fotos do trabalho. Gosta de inventar. No ano passado participou numa exposição, «o nome não sei porque não reparei e quem deu o nome foi quem estava lá a tomar conta». Há todos os dias a certas horas das 10,15 às 10,45. O trabalho é individual mas também pode ser em grupo. O testemunho de um quarto aluno, ora no sétimo ano: «não conhece a Fábrica da Criatividade». Questionado se ia ao ateliê, «sim! ia lá de vez em quando fazer uns desenhos, mas só mostravam os melhores».

#### **6.4.3. Os agentes (atelieristas, animadores, professores) e a sua perceção**

Atelieristas são os (três) responsáveis pelos ateliês criativos bem como pela implementação e acompanhamento dos projetos da autoria dos próprios animadores. Salientam «boa articulação com as turmas do pré-escolar mas não sabemos o efeito pedagógico das visitas ao ateliê» (ou seja, falta a aferição de uma suposta complementaridade). Quando uma turma visita em tempo de horário curricular o ateliê (depende da iniciativa do docente) no seu complexo, tal implica uma preparação conjunta do titular da turma com o animador. Decorrida a «aula», o animador não tem meio de saber os resultados da sua colaboração, para além da sua autoapreciação «se

correu bem ou correu mal». Num outro complexo foi-nos dito «que não solicitam o ateliê em tempo de aulas» (com regularidade).

Os animadores têm várias funções: acompanham os alunos do ensino formal nos intervalos maiores da manhã e da tarde, nas refeições e no transporte ao final do dia. São (eles) os autores/agentes/implementadores dos projetos que mereceram aprovação pelo Gabinete Local de Educação. Notamos o seu dinamismo, mostram confiança, falam-nos de forma entusiasmada e valorizam o que fazem. São parte integrante da estrutura e recursos humanos da Fábrica. Confirmam que existe uma cooperação e bom relacionamento com os professores do ensino formal, mostrando-se disponíveis e interativos com as propostas vindas. Registamos o testemunho/perceção de um animador que se manifesta francamente «receptivo a trocar de ideias e já me é pedida opinião».

### Professores do ensino formal:

Uma opinião curiosa: «o município já possui o encargo do pessoal auxiliar. Para uma futura privatização (leiamos municipalização) do ensino apenas falta a gestão pedagógica, a curricular e a dos professores». É-nos abordado:

«O modelo de *Reggio Emilia*, mas lá por turma existem dois educadores, um atelierista e um animador (2+1+1), numa localização arbórea excelente e uma arquitetura de luz. Só existe ao nível do jardim de infância. Ao final do dia, realiza-se a avaliação do mesmo e projeta-se o seguinte. Aqui temos um programa a cumprir».

### Quadro VII - Órgãos e atividades da Escola / oferta da Fábrica

Agrupamento de Escolas Josefa de Óbidos	Câmara Municipal de Óbidos	
• Projeto curricular de Agrupamento	Fábrica da Criatividade	
	Atividades de Enriquecimento Curricular	
• Projeto curricular de departamento	Ministério	Gabinete Local de Educação
	• Música	• Ateliês
• Projetos curriculares de turma	• Inglês	• Criativos
• Plano anual de atividades do agrupamento.	• Apoio ao estudo	• Working Progress

- |                     |            |             |
|---------------------|------------|-------------|
| • Segundo ciclo     | • Educação | (Ver 6.4.4) |
| • Primeiro Ciclo    | Moral e    |             |
| • Pré-escolar       | Religiosa  |             |
| • Avaliação externa | Católicas  |             |
| • Avaliação Interna |            |             |
| • Provas nacionais  |            |             |

E questiona: «qual o papel dos professores na idealização da Fábrica? Se conseguíssemos chegar a um entendimento a filosofia era ótima. Há disponibilidade dos professores».

Outro professor define a Fábrica como «um projeto bem concebido que pretende aplicar a criatividade no processo ensino-aprendizagem». Replicamos que no ensino formal não há criatividade (...). Responde:

«Vai trazer criatividade mas...e é neste modelo. Eu acredito nisto. Não está a ser posto muito em prática para isso acontecer na totalidade. Podia estar melhor. Acho bem mas ainda não está a envolver todas as partes. Para funcionar bem tem que envolver todos. Antes da implementação o ensino formal é chamado a colaborar, apenas a colaborar. Conhece complexos em que já existe ligação entre o ateliê criativo e a biblioteca escolar. Nas festas finais, as realizações da escola e da Fábrica misturam-se atraindo a vinda de centenas de pais».

Já a fase final da redação deste estudo, ao reler este parágrafo acrescenta: «não há objetivos<sup>19</sup>, não há avaliação, não há aferição, não há ligação, não há conhecimento».

Uma terceira opinião:

«Estamos a trabalhar de costas voltadas. Fazem-se coisas que os conselhos de turma não conhecem. Não bate a bota com a perdigota. De ano para ano as turmas estão menos criativas. É verdade que os animadores falam connosco e estão mais à vontade. Trabalha-se em reciclagem por razões de menos gastos. A criatividade não se ensina. Caminha-se. Não pode ser... «estás a criar o que eu quero». Está-se a formalizar a criatividade. É uma criatividade por encomenda. Veja-se o que se passa com as chávénas para a

<sup>19</sup> Os objetivos existem e estão descritos neste estudo, 4.7.1.

Vila Natal<sup>20</sup>. É muito bonito desenvolver a criatividade mas são importantes as competências básicas. O atual 5º ano é o primeiro que ingressou (em 2008 no complexo dos Arcos) e consta, pelas avaliações intercalares, que estão a piorar comparativamente com anos anteriores. Serão sentidas as influências das teorias das escolas modernas? Já possuíram ocupação de tempos livres, muita confiança, sem regras e não sabem sentar-se»<sup>21</sup>.

Não muito distante desta opinião, recolhemos uma outra (a quarta):

«É muito giro para os animadores. Eles fazem tudo. Há-os com mais e menos jeito. Há uma obsessão em mostrar coisas muito geniais, mas os alunos (a avaliar pelo interior da sala de aula), não conseguem o ritmo de produção de obras para apresentar com prejuízo de uma aprendizagem auxiliada pela criatividade. A preocupação com os fins limita os meios».

Quinta opinião, de uma educadora:

«Já ouvi falar (da Fábrica)! Não tenho grande conhecimento. No Arelho, no ano passado funcionou mais ou menos como *Reggio Emilia*. Os objetivos são de transição (assegurar a transição para o primeiro ciclo). Presentemente o professor de primeiro ciclo não está a trabalhar porque já transitou com a turma (para o quinto ano) e as educadoras voltaram à primeira fase. Na prática, não há articulação pré-escolar / primeiro ciclo (apesar do agrupamento de escolas Josefa de Óbidos ser vertical). Há sítios fora do concelho que sim. Os complexos também têm a sua influência (os jardins não estão inseridos nos mesmos e ainda estão dispersos pelo concelho). Não parece haver boa vontade na maneira de estar e trabalhar. É-nos imposto. Há muitas reuniões e temos sempre muito que fazer. Há dificuldades de transportes para visitar os complexos».

Estranha mesmo porque «não existe a relação inversa do primeiro ciclo (re)visitar o jardim de infância». Apesar do agrupamento ter encerrado a 28 de junho de 2012, segundo dia da conferência internacional Óbidos criativa, (vide anexos, p. VIII - IX) para reflexão sobre as novas pedagogias «na prática não se usufrui de nada». Conhece o divulgado na imprensa e no *site*. «Sabe o que é? Funciona no convento».

---

<sup>20</sup> Ver fotografia 4, p. 100 (“criatividade por encomenda” in p.128, terceira opinião).

<sup>21</sup> Uma questão contraditória se pode levantar: tais alunos também o são no ensino formal e a responsabilidade de os sentar também cabe aos respetivos docentes deste tipo de ensino».

#### 6.4.4. O objeto

Em 5.3.1 a 5.3.3, procurámos aprofundar as atividades próprias da Fábrica e temas em cada um dos complexos. Porém o princípio relativamente ao objeto (*curriculum*) da Fábrica é variado e livre. Nos ateliês, «começam sem nada. Eles escolhem o que devem fazer. Sentem que isto é deles. A interatividade é um permanente estímulo». Antes, tudo começou no projeto elaborado por cada animador que o submeteu à apreciação do Gabinete Local. Ao conjunto destas propostas na sua permanente e aberta implementação chama-se *working process*. Pode pensar-se que a subjetividade de cada autor quanto às suas valências profissionais ou vocacionais suscitem uma rede heterogénea quanto a temáticas. Tal acontecendo, terão que ser descobertas áreas comuns criando-se uma interligação e buscando uma convergência em domínios não distantes da educação pela arte, o que naturalmente é diferente da educação para a arte. Aqui chegados, damos nota que este substantivo arte (ou artes), ao longo deste estudo, tem andado muito arredado da evidência puritana (ou mais ortodoxa). O *modus faciendi* contém, implicitamente, a palavra, a ilustração, a cor, o som, a expressão, a animação, a plasticidade, corporalidade, voz. São os meios apelativos ao desenvolvimento do que tratámos concetualmente no capítulo I, mais tarde descritos em 4.7.3 aquando a abordagem do projeto e reconfigurados amiúde no capítulo V. Não há *curriculum* mas *curricula* de espontaneidade, de ludismo com pretensa objetividade. Encontramos algo afim com Rodrigues (1960, citada por Sousa, 2003:80): “a educação pela arte não tende a formar profissionais, a pôr as crianças ao serviço da arte, mas sim a arte ao serviço das crianças”. No registo de “aula” (diário gráfico), ao aluno é recomendado o apontamento do título, material a utilizar (ou utilizado), cores e esboço. Sugerimos uma consulta ao organograma da Fábrica, em anexo, para a apreensão global das “artes”.

#### Resumo do capítulo

Começámos por referir uma conceção política premonitória (no final da década de 80) sobre a importância da cultura cujos tempos de modernidade a “transformou” para educação. Conhecemos a assunção e argumentação desta temática pelo atual edil presidente, a sua visão, defesa e “eleição”. Auscultámos as três forças políticas na oposição, uma com assento camarário e duas na assembleia municipal. Procurámos

individualmente os presidentes das nove juntas de freguesias (uma desta participou em pleno) e recolhemos desconhecimento global sobre o objeto em causa. Seguiram-se associações de cariz artístico, detentoras do seu ensino empírico faces aos recursos que detêm, viajámos por duas instituições, demandámos informação junto de representantes do meio empresarial e encontramos convergências sobre um fraco ou difuso conhecimento. Deixada a comunidade, centrámo-nos na escola, nas suas associações de pais, nos pais não-alinhados nestas, nos atelieristas, nos (dois) representantes dos animadores e investigámos o *curriculum* livre da Fábrica pela boca dos alunos, procurando encontrar matérias de interseção ou cruzamento. Concluímos o desencanto dos professores do ensino formal, alguma falta de conhecimento dos alunos, o mesmo relativo aos pais e a incapacidade de identificar e distinguir o ensino formal do da Fábrica. Uma exterior perceção social globalmente negativa contrastante apenas com os pouquíssimos pais (assalariados do município, logo... uma visão interior) que como funcionários mal a conhecem e como educadores... mal a percebem ou não a entendem.

## Notas conclusivas

### Introdução

«A Fábrica da Criatividade é um programa de autonomia...» (Ana Sofia Godinho, coordenadora do Gabinete Local de Educação).

Em 18 de dezembro de 2012, na imprensa *on line* do matutino Diário de Notícias lemos:

“O Governo está a equacionar a transferência de muitas das suas competências na área da Educação para as autarquias, incluindo no secundário. O modelo será testado no concelho de Cascais em 2013 e implica atribuir à câmara a gestão de todas as escolas do ensino obrigatório - até ao 12.º ano - mas também do pessoal docente e não docente. Se funcionar, o Governo poderá propor este modelo para todo o país”.

Da reunião de câmara de 9 de Janeiro, recebemos a seguinte nota, de um vereador, intitulada **possível escola Municipal de Óbidos:**

«O Presidente da Câmara informou que vai participar numa reunião no Ministério da Educação, com vista à experiência de autonomia escolar anunciada para Cascais ser estendida também a Óbidos. Contudo, o presidente da Câmara reconhece que será difícil Óbidos vir a ter Escola Municipal, cujo objectivo seria a selecção dos professores passar a ser competência municipal (algo que os sindicatos querem evitar o mais possível)».

Estaremos no advento de uma alteração profundo no ensino em Portugal, no momento em que redigimos esta conclusão?

Já escrito na página 128 deste trabalho, um apontamento recolhido em 8 de novembro, qual presságio desta notícia. Escolheríamos a palavra “coerência” para resumir todo o trajeto *ab initio* (2003) até ao momento, no sentido de demonstrar toda a determinação em defesa do projeto municipal de educação. Foram editados apenas 20 exemplares em segunda edição de abril de 2011, com o título “Escola Municipal de Óbidos. Um ensaio para o futuro”. O município é o promotor e a coordenação geral do próprio Presidente da Câmara. Nele encontramos uma súmula do que descrevemos ao longo deste trabalho. Como objectivo mor... “criar uma escola municipal de qualidade, autónoma, criativa e inovadora”. E foi por aqui que começámos o nosso trabalho quanto ao seu enquadramento teórico-concetual. Perguntámos veladamente ao longo deste estudo: como criar uma escola municipal num estado centralizador?

“O projeto educativo é o grande desafio da escola municipal” (p.13, do referido livro...e já o notáramos), com a “criatividade e educação, a educação centrada no aluno”. Este princípio elementar está contido na descrição do capítulo IV e anteriores. Salienta-se ainda, *ibidem* “a intervenção partilhada/especializada” e por fim “a escola comunitária/integração social”. Escrevemos que a Fábrica da Criatividade se desenvolveria na escola e na comunidade. Por conseguinte concluíamos:

### **Na escola (primeira conclusão)**

A conceção teórica do paradigma municipal é bem estruturada, observa correntes pedagógicas inovadoras e de rotura com o modelo convencional do ensino formal. Procura referências e influencia-se no estrangeiro, advoga como lemas a criatividade e a inovação, estende-se pelas artes de uma forma muito própria, introduz-se nos complexos escolares procurando uma coabitação. Proporciona uma complementaridade de propostas de desenvolvimento a vários níveis focalizada no espaço físico dos ateliês, assume a plena noção do que pretende gerir. Não é visionária, é parcialmente exequível, pode mas não é convenientemente usufruída pelo ensino formal. Podê-lo-ia ser?

Estamos em crer que sim.

- a) Se considerarmos o (PCA) plano curricular de agrupamento de escolas Josefa de Óbidos (2011-12), já podê-lo-ia ter sido. O âmbito deste plano abrange também

os pequenos munícipes. Poderia ser concebido (ou revisto) em articulação, combinação, interligação, previsão, contemplação e aproveitamento dos recursos humanos locais e municipais dado que também o agrupamento tem responsabilidades e deveres juntos da comunidade. É verdade que a página 5 do aludido PCA, no seu 1.3 contempla como “oferta educativa” a referência ao «município de Óbidos como promotor do apoio à família via atividades de enriquecimento curricular e interrupções letivas». Ora, se a comunidade escolar é maioritariamente composta pelos tais pequenos munícipes, muito se deveria aproveitar e planificar em função da rentabilidade dos recursos existentes, perdendo o medo que o município seja o “papão” ou intruso na fortaleza do ensino formal. O próprio cariz do referido PCA contém um estudo social, histórico e económico que à partida não conviria ser tratado separadamente como se fossem dois mundos. A partir destas variantes poder-se-iam entronizar as pedagogias e as didáticas no pretendido binómio ensino formal-Fábrica da Criatividade. Acompanhemos (o possível) percurso descente (do vértice para a base da pirâmide dos órgãos escolares) que “dirimia” e “oficializaria” estes dois modelos, compatibilizando-os: apreciação/aprovação pelo conselho geral de escola, seguindo-se o (consultivo) conselho pedagógico, departamentos curriculares, coordenadores de ciclo, diretores de turma (quadros intermédios da escola), conselhos de turma, seguindo-se a redação dos projetos curriculares de turma. Deste modo assegurava-se a envolvência dos representantes com assento no conselho geral e igualmente os professores (agentes ativos), quebrando barreiras e criando empatia com os mesmos. Recomendamos a visualização das páginas 128 e 129 para revisão deste raciocínio. Poderíamos encontrar, por esta via, uma adoção do projeto da Fábrica. Mais: obter-se-ia uma outra rentabilidade com a convergência de recursos e planificação de atividades de enriquecimento curricular, alargando-se o plano anual de atividades (PAA) do agrupamento.

- b) Tal como desenvolvemos em 1.3.5 e 1.3.6 nas apreciações ao despacho 13-A/2012 de 5 de junho e portaria 256/12 de 30 de agosto, a recente abertura governamental neste verão de 2012, sobre autonomia, certamente permite uma reflexão positiva quanto ao

reforço do que escrevemos na alínea anterior. Repetimos o que descrevemos em 1.3.6: «por contrato de autonomia entende-se o acordo celebrado entre a escola, os serviços competentes do Ministério da Educação e Ciência e, sempre que conveniente, outros parceiros da comunidade» (artigo 5º). Este parceiro...poderia ser o município representado pela Fábrica.

Teria o PEEO (plano estratégico para a educação de Óbidos) esta visão? Estamos em crer que foi uma proposta municipal para furar a barreira do agrupamento de escolas. Porém, o mesmo foi assinado pelo Diretor do agrupamento e o Presidente da edilidade, conferindo-lhe uma liderança que classificámos de bicéfala. Temos conhecimento que jamais chegou aos conselhos de turma. Perguntamos: como pode ser exequível um documento em que os agentes não são chamados a debater, a propor, a sugerir, a serem considerados na sua função? A conclusão é óbvia. Basta pensar na direção bicéfala. Quem manda em quem? Os professores veladamente (e não só) rejeitam a influência do Presidente da Câmara e estamos em crer que a Fábrica da Criatividade também não vê com bons olhos a interferência do Diretor do agrupamento. E por aqui concluimos o quase total desconhecimento do simbolismo e função da Fábrica da Criatividade que nos é testemunhado no capítulo VI, por grande parte dos professores do ensino formal. Ou seja: a perceção social dos agentes e demais elementos da comunidade escolar é globalmente negativa. Porquê?

Consideremos por exemplo, o evento no Complexo do Furadouro, de grande impacto visual merecedor que foi de enorme adesão das famílias, dinamizado tanto pelo atelierista como animadores. A população “leu-o” como uma atividade da escola (ensino formal) não se apercebendo da função da Fábrica, no caso, autora e dinamizadora. Ora, tal significa que a Fábrica da Criatividade deveria, porque está na sua fase inicial de se afirmar, expor a sua “marca”, defender, afirmar e salientar a identidade descrita em 4.7.4 vincando a sua parceria com a escola, mesmo propondo pedagogias diferentes. Dever-se-ia resguardar mas jamais ocultar-se. Este desconhecimento para a comunidade escolar, quanto a nós não se revela nem justo, nem salutar, tornando-se nefasto à pretendida credibilidade do paradigma municipal contrariando os esforços e “percurso histórico”, mesmo investimento financeiro que tem pugnado. As famílias não conhecem o Ateliê/Fábrica, os alunos frequentam-no mas não

o identificam, as duas associações de pais e encarregados de educação (que deveriam ser parceiros) pouco sabem, os restantes pais não o entendem na sua essência. Traduzimos o sentimento da maioria. Relembrando uma frase de um Presidente de Junta “tem que se ganhar as pessoas”. A Fábrica tem que estudar estratégias comunicacionais e interatividade com tenacidade, firmeza, calculismo, abrangência, convicção, “ensaiar outras formas de corrosão”, conseguir um cavalo de Tróia, adequar-se às adversidades, persistir moldando o atual contexto. Caso contrário, figurativamente, continuamos a assistir ao desfile do ensino formal na larga avenida e a Fábrica, paralelamente no passeio da mesma, jamais se encontrando, qual definição das retas paralelas.

### **Na comunidade (segunda conclusão)**

A larga maioria dos presidentes de junta denuncia desconhecimento. Nalguns casos desenvolvem iniciativas próprias passíveis de enquadramento e cooperação com a Escola e mesmo a Fábrica. Mereceriam uma envolvimento de caráter supra logístico, serem entendidos como parceiros, esclarecidos, levados a crer que também fazem parte do todo. Deverão ser estudadas estratégias e metodologias que ultrapassem o simples convite formulado a sua excelência o presidente para a comparecer no evento tal...no dia tal (quando acontece). Deste modo, provavelmente os órgãos superiores das assembleias de freguesia, teriam notícia, os eventos oficialmente badalados, quiçá propostas de cooperação, possíveis interações com as coletividades de recreio e cultura, planificações com as mesmas e seus órgãos sociais. Alternativamente criar-se-ia uma dinâmica com as forças vivas das freguesias e seus lugares menos povoados. As referidas associações poderiam protocolar intenções e estudar meios de cooperação com a Fábrica, eventualmente o agrupamento, ou mesmo propor e participar no estudo do projeto curricular de agrupamento. Seria a saída da criatividade fora dos muros (tal como em *Reggio Emilia*, cuja escola não tinha muros) e expandir-se para o associativismo, para o localismo, criando uma *net* municipal o mais ampla possível e de malha curta.

### **A terceira conclusão (a dominante)**

Reputamo-la de dominante porque ao longo deste estudo fomos surpreendidos pela inteira disponibilidade dos participantes em manifestarem as suas opiniões de formas

fundamentadas, razoáveis, pertinentes, “considerantes”. Independentemente da qualificação acadêmica, maior ou menor literacia, estatuto social, posicionamento político ou profissional, a garantia de sigilo das suas expressões permitiu-lhes livremente contribuir, convictos da sua dimensão de cidadania, para uma visão própria da educação. Tal com se regista neste estudo mediante a transcrição muito literal do que nos era afirmado, facilmente se constata este potencial observador e observante, traduzindo um capital de maturidade, racionalista, pensante e muito aproveitável para o enriquecimento do projeto da Fábrica. Pessoas simples, quando bem esclarecidas, muito podem ajudar a “ganhar a Fábrica”. Estão ansiosos por serem chamados a intervir.

#### **A quarta conclusão (a tónica ou ...fundamental)**

No atual quadro de competências (isto é, enquanto a notícia da municipalização do ensino não vigorar por lei), e considerando...

As dificuldades do modelo municipal se cruzar com o ensino formal (final da primeira conclusão) ...

A opção, determinação e argumento pelos conceitos de criatividade e inovação...pouco apreciados pelo ensino formal...

O capital de experiência que o município adquiriu em matéria de educação, graças ao arrojo, conceção, implementação, pioneirismo, estudo, investigação, estrutura, conhecimento e pretensão de transformação social...

A coerência do seu projeto municipal, cuja desobstrução de condicionalismos peculiares do ensino público, permitiria a realização de uma inovadora experiência autonómica (salvaguardadas as garantias que descrevemos no capítulo I), induz-nos a abrir um “capítulo” das...

#### **“Recomendações” (sugestões ou...propostas)**

1. Entendemos muito útil que se proceda a um estudo de enquadramento jurídico capaz de pugnar por um ensino similar ao existente e extensível ao setor privado (contrato de associação), independentemente das possibilidades e potencialidades do atual contexto.

De resto, esta proposta, inicialmente, foi admitida como possível, como viável, tendo sido então abandonada a favor do presente modelo da Fábrica da Criatividade.

2. Considerando as particularidades próprias do contexto social de Óbidos, seria imprescindível um estudo sociológico do concelho (aos mais diversos níveis) a fim de merecer opções criteriosas e eficazes que conduzissem à ponderação, adequação de estratégias e metodologias para a consecução do melhor sucesso educacional. Poder-se-iam, ainda, definir ulteriores medidas aos diversos níveis, nomeadamente, conhecer o concelho de forma mais profunda. Doutro modo, compreender também as causas das baixas classificações das escolas de Óbidos no *ranking* nacional.

3. Na presente realidade educacional de Óbidos, não basta assinarem-se planos como o PEEO. É importante: o diálogo, a interação, a eliminação dos medos e estabelecerem-se laços de confiança, se possível com planificações conjuntas, movendo as montanhas de obstrução, debater, refletir e procurarem-se novas estratégias de parcerias, incluindo os agentes e demais participantes da comunidade escolar, tal como descrevemos na primeira conclusão.

4. Seria de manter e privilegiar os conceitos interventivos da educação pela arte e a arte na educação. Embora o edil presidente entenda que a criatividade não acontece só nas artes, o que nos parece também verdadeiro, consideramos estes conceitos como educadores e libertadores indiciantes e caminhantes para outras áreas exploratórias da criatividade.

5. A Constituição República Portuguesa, tal como Sousa (2003:44-45) lembra, estabelece a diferença entre educação e ensino. Sumariamente a educação é atribuída à família, artigo 36º, nº 5: «os pais têm o dever de educação e manutenção dos filhos». Claro que no artigo 73, nº 1 refere que «todos têm direito à educação e cultura», isto é, subentende-se que o estado promove a democratização destas valências, na escola. O ensino é mencionado no artigo 74º referindo no seu nº 2, «que incumbe ao estado a realização da política de ensino»<sup>22</sup>. Já lemos, porque Portugal possui um ensino

---

<sup>22</sup> Temos dúvidas quanto à mais apropriada designação do Ministério: da educação ou do...ensino?

centralizado. Porém, se as autarquias também têm deveres junto da família (e a Fábrica já tem em organograma tais contemplações) o exercício de uma política municipal dirige-se aos seus munícipes, na organização individual ou coletiva. Não tem que ser assustador que as autarquias – supostamente conhecedoras das suas populações – cooperem de forma mais interventiva e determinante, propondo o seu modelo de ensino e que ao longo deste trabalho sempre foi transmitido como “educação”. Portanto, caminhando ou não para uma futura municipalização do ensino, é dever da autarquia cuidar a sua estratégia de comunicação, não virtual mas preferencialmente presencial no sentido dos seus munícipes usufruírem de um permanente direito a serem informados, esclarecidos e convidados aos deveres de participação. Um convite ao aumento da dimensão individual para a “cidadania”...municipal, ou mesmo é escrever, a sua municipalidade. Se isto acontecer, a percepções sociais melhorarão muito significativamente.

6. Eis-nos chegados à prova real que o título desta dissertação sugere. A maioria dos agentes sociais não conhece, ou mal conhece o que é a Fábrica da Criatividade. É verdade que está no seu segundo ano de implementação mas...

Os ateliês deveriam ter identificação própria, de forma bem visível e algo mais informativo/descritivo.

Os alunos deveriam perceber a identidade, sentido, pertinência, objetivos adequados da Fábrica, compreendendo a sua funcionalidade de forma adequada ao nível etário, entenda-se.

Os pais, presencial e continuamente, deveriam usufruir meios de empatia com a mesma através da realização de várias atividades, que não as finais, com a “marca” (oculta) da Fábrica.

As associações de pais deveriam ser muito mais envolvidas e “responsabilizadas” como cooperantes.

As associações culturais e recreativas deveriam ser convidadas a conhecer o modelo e...por exemplo as possuidoras de valências artísticas poderiam ser atraídas para parcerias e apresentação de espetáculos de “intercâmbio” (agitação da comunidade).

Os professores...os professores deverão ser “conquistados”, reconhecidos, perguntados, esclarecidos e tomados como colaboradores, solicitando-lhes – com modéstia – o que pensam e propõem.

Os autarcas...esses homens simples, que gostam de ser ouvidos e conhecem as suas freguesias. Por exemplo, no dia 11 de janeiro, após a sessão solene estava prevista a inauguração da exposição da Fábrica da Criatividade, no complexo do Alvito. Finda aquela cerimónia, alguns deles partiram. Os que o fizeram revelaram falta de interesse em conhecer a mostra da Fábrica da Criatividade, não lhe prestando a atenção necessária. Tudo isto tem de ser repensado e reconstruído.

Insistimos que sejam revistas as formas de divulgação que não apenas nas páginas da *net*. É imprescindível o relacionamento presencial e a visualização dos rostos. O rosto, no complexo dos Arcos foi o tema do ateliê no passado ano letivo. Neste, é o corpo. Que saia o rosto e o corpo fora do burgo, pelos seus próprios...pés. Que se encontrem os pais, os filhos, os professores, os animadores, os atelieristas, os políticos, os lugares, as freguesias, as coletividades, os empresários e o parque tecnológico. Que se parta com mão estendida (não para pedir mas para saudar e unir) porque a Fábrica necessita de ser conhecida. Crie-se, “criative-se”, imagine-se, fantasie-se, inove-se e invista-se na relação mais humana e menos virtual. Abram-se os portões da Escola e da Fábrica. Abracem-se e conheçam-se.

## Referências bibliográficas

- AMIGUINHO, A. (2008). *A escola e o futuro do mundo rural*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação Ciência e Tecnologia.
- ANTUNES, A. e ALMEIDA, I. (2002). *Educação musical, da teoria à prática nos concelhos de Bombarral e Óbidos*. Licenciatura em Educação de Infância. Leiria: Instituto Politécnico.
- [http://anae.com.sapo.pt/rae/Microsoft%20Word%20-%20artigo\\_musica.pdf](http://anae.com.sapo.pt/rae/Microsoft%20Word%20-%20artigo_musica.pdf)  
Acedido em 9 de novembro de 2011.
- AUGUSTO, T. (2009). *A descentralização da educação em Portugal, do mito à realidade, 1993 a 2008*, dissertação de mestrado. Faculdade de Educação e Psicologia. Lisboa: Universidade Católica.
- <http://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/903> acedido em 14 de abril de 2012
- BERTRAND, Y. (1991). *Teorias contemporâneas da educação* (edição de 2001). Lisboa: Horizontes Pedagógicos, Instituto Piaget.
- BOTELHO, J. (sem data), *Óbidos vila museu*. Óbidos: Câmara Municipal.
- Carta educativa do concelho de Óbidos* (2005). Óbidos: Câmara Municipal.
- CHATEAU, J. (1975). *A criança e o jogo*. Coimbra: Atlântida editora.
- Constituição da República Portuguesa* (2004). Porto: Porto Editora.
- COELHO, A. (2004/2005), *Avaliação do projeto "crescer melhor"*. Coimbra: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade de Coimbra.  
Acedido em 27 de janeiro de 2012.
- CURY, A. (2003). *Pais brilhantes, professores fascinantes*. Cascais, Portugal: Editora Pergaminho.
- CURY, A. (2006). *Filhos brilhantes, alunos fascinantes*, Cascais, Portugal: Editora Pergaminho.
- DE BONO, E. (1995). *Ensine os seus filhos a pensar*. Lisboa: Circulo de Leitores.
- Despacho normativo 13-A/2012, de 5 de junho*. Dispõe a concretização dos princípios consagrados no regime de autonomia dos estabelecimentos de ensino.

<http://dre.pt/pdfgratis2s/2012/06/2S109A0000S02.pdf> acessido em 10 de setembro de 2012.

*Diário de Notícias, on line*, de 18 de dezembro de 2012.

<http://www.dn.pt/pesquisa/default.aspx?data=18-12-2012>

Enciclopédia Polis-Verbo (1997). *Antropologia cultural, direito, economia, ciência política* (2ª edição). Lisboa: Editorial Verbo.

FIDALGO, S. (2009). *Marketing territorial e desenvolvimento das populações: a paisagem cultural de Óbidos*. Coimbra: dissertação de mestrado na área da geografia, Faculdade de letras da Universidade de Coimbra.

<https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/13475> acessido em 26 janeiro de 2012.

GARCIA, L.M. (2001). *Óbidos, 20 anos de intervenção autárquica, 1980 – 2000*. Óbidos: Câmara Municipal.

*Gazeta das Caldas*, nº 4922, 20 de julho de 2012.

*Gazeta das Caldas*, nº 4929, 7 de setembro de 2012.

GIL, C. (2010). *A autarquia de Óbidos e a escola: que relação no âmbito das atividades de enriquecimento curricular?* Relatório de estágio, ciclo de estudos conducente ao grau de mestre em ciências da educação, Instituto da Educação. Lisboa: Universidade de Lisboa.

<http://repositorio.ul.pt/handle/10451/2634> acessido em 07 de novembro de 2011.

GODINHO, A., PALMA, C., MILHÕES, M., MONTEIRO, M., OLIVEIRA, M. (2011). *Escola municipal de Óbidos. Um ensaio para o futuro*. Óbidos: Câmara Municipal, Várzea da Rainha impressões.

*Lei-quadro 5/97, de 10 de Fevereiro*. Dispõe o ordenamento jurídico da educação pré-escolar (<http://dre.pt/pdf1sdip/1997/02/034a00/06700673.PDF>), acessido em 20 de outubro de 2012.

*Lei 5A/2002 de 11 de Janeiro*. Dispõe alteração à Lei 169/99 sobre o quadro de competências e regime jurídico de funcionamento dos órgãos do município e das freguesias. <http://pt.scribd.com/doc/20693611/Lei-5A-2002-de-11-Janeiro-2002> acessido em 22 de novembro de 2012.

LIMA, J., & PACHECO, J. (2006). *Fazer investigação*. Porto: Porto editora.

LOPES, D. (1991). *História e lendas do Vau*. Óbidos, Câmara Municipal.

MARTINS, A. (2002). *Didáctica das expressões*. Lisboa: Universidade Aberta.

MARUJO, H., & NETO, L. (2004). *Otimismo e esperança na educação, fontes inspiradoras de uma escola criativa*. Lisboa: Editorial Presença.

MUNARI, B. (1997). *Fantasia*. Lisboa: Edições 70.

OLIVEIRA, R., D'ABREU, A., SANTOS, J. (2007). *Que multifuncionalidade? Uma abordagem aplicada ao ordenamento e gestão da paisagem de Óbidos*. Atas do III congresso de Estudos Rurais 1 a 3 Novembro. Faro: Universidade do Algarve.

[http://www.sper.pt/IIICER/Comunicacoes/ROLIVEIRA%20et%20al\\_com%20final.pdf](http://www.sper.pt/IIICER/Comunicacoes/ROLIVEIRA%20et%20al_com%20final.pdf) . Acedido em 27 de janeiro de 2012.

*Plano Anual de Atividades* (2011-2012). Óbidos: Agrupamento de Escolas Josefa de Óbidos, <http://escolasobidos.net/index.php?limitstart=64> acedido em 27 de novembro de 2012.

*Portaria 265/2012 de 30 de Agosto*. Dispõe a definição das regras e procedimentos a observar quanto à celebração, acompanhamento e avaliação dos contratos de autonomia a celebrar entre os agrupamentos de escolas ou escolas não agrupadas e o Ministério da Educação e Ciência.

<http://www.homepagejuridica.net/destaques-do-diario-da-republica/2212-portaria-n-265-2012-de-30-de-agosto.html>, acedido em 27 de Outubro de 2012.

*Projeto curricular*. (2011-2012). Óbidos: Agrupamento de Escolas Josefa de Óbidos, <http://escolasobidos.net/index.php?limitstart=64> acedido em 27 de novembro de 2012.

ROBINSON, K. & ARONICA L. (2009). *O elemento*. Porto: Porto Editora.

RODRIGUES, C. (2004). *A semana santa em Óbidos, colecção de recortes de jornal de Albino de Castro e Sousa*. Óbidos: Associação de defesa do património do concelho de Óbidos / Câmara Municipal.

Silvestre, M. (2011). *Local plan, creative clusters in low density*. Óbidos: Câmara Municipal (documento interno, não publicitado).

SOUSA, A. (2003). *Educação pela arte e artes na educação* (1º volume). Lisboa: Horizontes Pedagógicos, Instituto Piaget.

**Sítios da World Wide Web, consultados:**

[http://www.escolasdobidos.com/index.php?option=com\\_content&view=article&id=199:telmo-faria-quer-projecto-educativo-municipal-&catid=73:complexos](http://www.escolasdobidos.com/index.php?option=com_content&view=article&id=199:telmo-faria-quer-projecto-educativo-municipal-&catid=73:complexos) acessado em 20 de junho de 2012 e 11 de março de 2013.

[http://www.escolasdobidos.com/index.php?option=com\\_content&view=article&id=229:ministerio-aprova-colocacao-de-professor-no-projeto-escola-municipal&catid=73:complexos](http://www.escolasdobidos.com/index.php?option=com_content&view=article&id=229:ministerio-aprova-colocacao-de-professor-no-projeto-escola-municipal&catid=73:complexos) acessado em 20 de junho de 2012 e 11 de março de 2013.

<http://www.gazetacaldas.com/17337/governo-mostra-abertura-a-projecto-educativo-municipal-de-obidos/> acessado em 20 de junho de 2012 e 11 de março de 2013.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Criatividade>, acessado em 23 de maio de 2012.

<http://www.cm-obidos.pt/News/newsdetail.aspx?m=b326&news=80721d35-f4f7-45e0-a712-a9b2d0e6ded3> acessado em 21 de junho de 2012 e 11 de março de 2013.

<http://anae.biz/rae/?p=291>) acessado em 24 de julho de 2012; 13 de fevereiro de 2013 e 11 de março de 2013.

<http://www.cm-obidos.pt/News/newsdetail.aspx?m=b326&news=90061ff0-e11e-437b-aeaa-904797461428> acessado em 21 de junho de 2012 e 11 de março de 2013.

<http://www.cmobidos.pt/News/newsdetail.aspx?m=b326&news=287e30e0-18f0-44c3-be2c-d8e2b6950413> acessado em 21 de junho de 2012 e 11 de março de 2012.

<http://www.destakes.com/redir/74b8caeb2d3ef16288560443a155829d> acessado em 21 de março de 2012 e 11 de março de 2013.

<http://www.cm-obidos.pt/News/newsdetail.aspx?m=b326&news=c2d48f25-a53e-4a6f-90f3-0cf6233ab46a> acessado em 21 de junho de 2012 e 11 de março de 2013.

[http://www.escolasdobidos.com/index.php?option=com\\_content&view=article&id=228:%3Afabrica-da-criatividade-apresentada-com-sucesso&catid=46%3Acomplexos&Itemid=211](http://www.escolasdobidos.com/index.php?option=com_content&view=article&id=228:%3Afabrica-da-criatividade-apresentada-com-sucesso&catid=46%3Acomplexos&Itemid=211) acessado em 29 de setembro de 2012 e 11 de março de 2013.

[http://www.obidosdiario.com/index.php?option=com\\_content&view=article&id=386:fabrica-da-criatividade-nas-escolas-dobidos&catid=77:noticias&Itemid=120](http://www.obidosdiario.com/index.php?option=com_content&view=article&id=386:fabrica-da-criatividade-nas-escolas-dobidos&catid=77:noticias&Itemid=120) acessado em 25 de setembro, 16 de outubro de 2012, e 11 de março de 2013.

<http://escolanahorta.com/index.php/a-escola-na-horta/projeto>, acessido em 08 de Agosto de 2013.

**Entidades Coletivas Cooperantes:**

Associação de pais e encarregados de educação do complexo escolar de Alvito

Associação de pais e encarregados de educação do complexo dos Arcos

Associação de pais e encarregados de educação do Agrupamento de escolas Josefa de Óbidos

Câmara Municipal de Óbidos

Centro de Apoio Social e Cultural da Usseira

Coral Nascente de Olho Marinho

Freguesia de A dos Negros

Freguesia de Amoreira

Freguesia de Gaeiras

Freguesia de Olho Marinho

Freguesia de S. Pedro

Freguesia de Santa Maria

Freguesia de Usseira

Freguesia de Vau

Gabinete Local de Educação da Câmara Municipal de Óbidos

Óbidos.com - Associação Empresarial do Concelho de Óbidos

Parque Tecnológico de Óbidos

Santa Casa da Misericórdia de Óbidos

Secção Concelhia de Óbidos da Coligação Democrática Unitária

Secção Concelhia de Óbidos do Partido Socialista

Sociedade Musical e Recreativa Obidense

# **ANEXOS**

Recorte de Imprensa: Gazeta das Caldas, nº 4922, de 20 de julho de 2012, página 5

## Óbidos quer desburocratizar a educação



■ Fernando Jorge (à direita) elogiou a Câmara Municipal pela construção de complexos escolares no concelho

A autarquia e o Agrupamento de Escolas Josefa de Óbidos pretendem começar a implementar no próximo ano lectivo um conjunto de estratégias para a construção de um modelo educativo ligado ao desenvolvimento daquele território. O Plano Estratégico para a Educação de Óbidos (PEEO), foi assinado no passado dia 27 de Junho, entre as duas entidades e assenta num modelo de educação criativa envolvendo as crianças no seu próprio processo de aprendizagem e privilegiando a formação contínua do professor.

O modelo defende também um papel activo e participativo da comunidade educativa.

José Manuel Nascimento, professor do Agrupamento de Escolas Josefa de Óbidos disse que era urgente criar uma "cultura de escola mais desburocrática", deixando os professores de despender tanto tempo em práticas administrativas. Esse tempo, disse, devia ser investido no enriquecimento e nas aprendizagens das cri-

anças e na formação dos professores. "Deve ser entregue à escola a autonomia para criar equipas de docentes, numa lógica de estabilidade profissional que permita um acompanhamento pedagógico totalmente diferente do que acontece actualmente", referiu.

Este responsável defendeu ainda para Óbidos uma mudança no paradigma da educação, que passa pela aposta numa "cidadania mais activa, participada e equilibrada de fruição cultural".

Para Fernando Jorge, presidente do Agrupamento de Escolas Josefa de Óbidos, este plano é uma "rampa de lançamento" para o futuro da educação no concelho, "virada para a inovação, criatividade e um trabalho muito direccionado para os nossos alunos".

O responsável, destacou ainda o investimento feito pela Câmara nos últimos 10 anos, sobretudo na construção dos complexos escolares, e que vai "mudar a face da educação neste concelho".

O presidente da Câmara, Telmo Faria, apelou à participação de todos na concretização desta estratégia, destacando que "nenhum plano ou projecto de educação vive sem estar a ser oxigenado pelo pensamento, cooperação internacional, boas práticas e a participação dos professores".

O autarca lembrou que actualmente já possuem uma parceria com Reggio Emilia (Itália) e efectuaram uma candidatura internacional de cooperação e boas práticas criativas, que envolve a Fundação Calouste Gulbenkian, o município de Óbidos, uma escola dinamarquesa e a Microsoft.

O plano estratégico foi celebrado durante a conferência internacional sobre educação, que decorreu em Óbidos nos dias 27 e 28 de Junho e reuniu cerca de 100 pessoas, entre eles elementos associados à pedagogia de Reggio Emilia (Itália).

Fátima Ferreira  
fferreira@gazetacaldas.com

Gazeta das Caldas, nº 4929, 7 de Setembro de 2012, excertos páginas 26 e 27, entrevista ao Presidente da Câmara Municipal de Óbidos

*Da gestão de Óbidos*

*fica-lhe a vontade de continuar ligado à estratégia de alargamento nas áreas económicas e atracção da classe criativa e de introdução de uma nova pedagogia em escola pública.*

**TF** - Há algumas dimensões do trabalho que acredito que fazem muita falta a Óbidos e acredito que vão ter continuidade. Estaria tentado a dar o meu contributo na estratégia de alargamento nas áreas económicas no nosso concelho e atracção da classe criativa, e a nível social na introdução de uma nova pedagogia em escola pública.

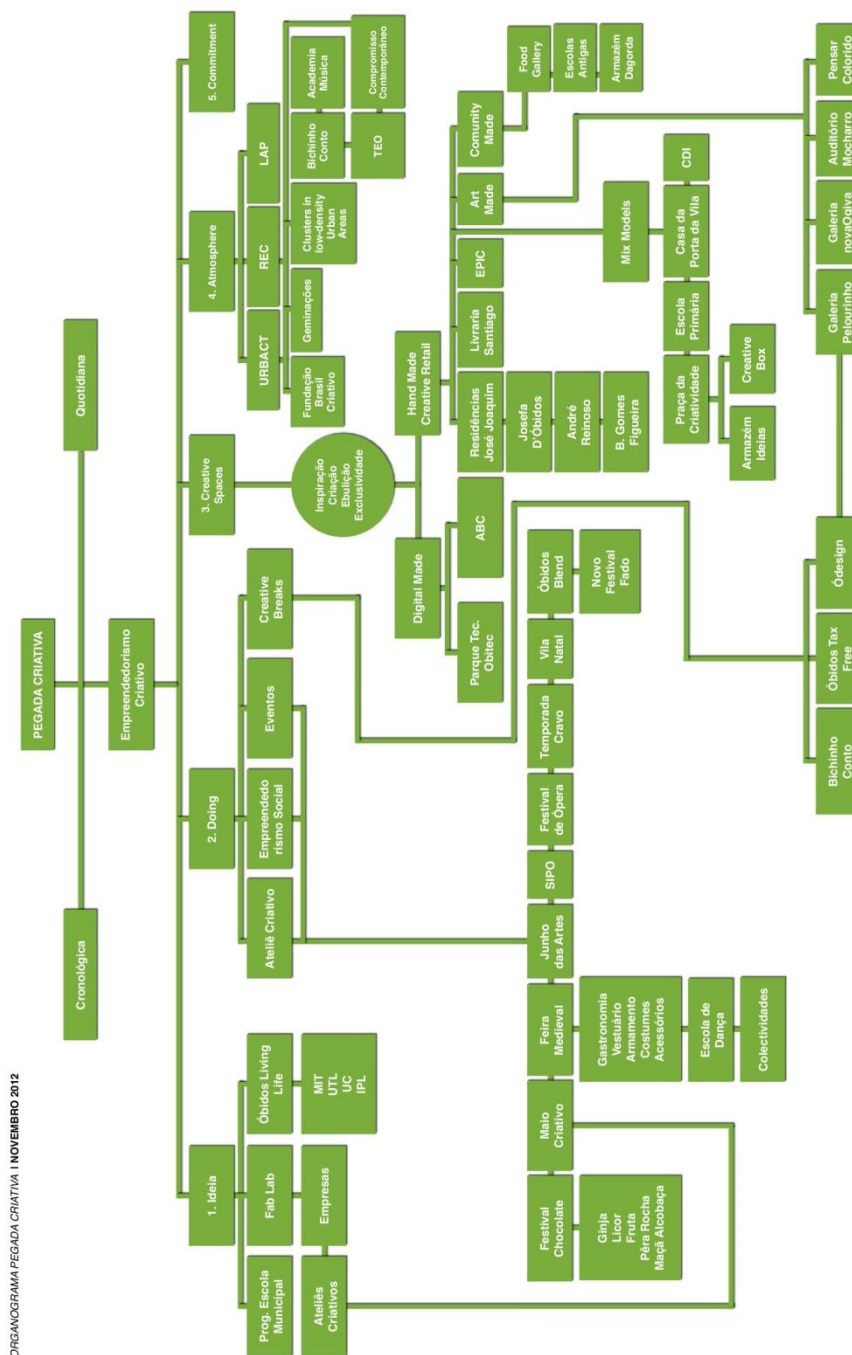
**GC** - A Educação foi a sua paixão e, inclusive, desenhou um parque municipal contra a vontade do ministério como diz. Está a valer a pena esta aposta para o concelho?

**TF** - Considero que sim, primeiro porque os resultados escolares subiram em todos os níveis. Passámos a ter secundário, duplicámos o número de estudantes no concelho de Óbidos, passámos a ser até um local que recebe alunos de outros concelhos, quando antes acontecia o inverso.

As famílias, que só iam às escolas quando havia um problema, passaram a estar muito mais próximas e vão, com orgulho, ver o trabalho dos filhos e acreditam que temos uma visão, em termos peda-

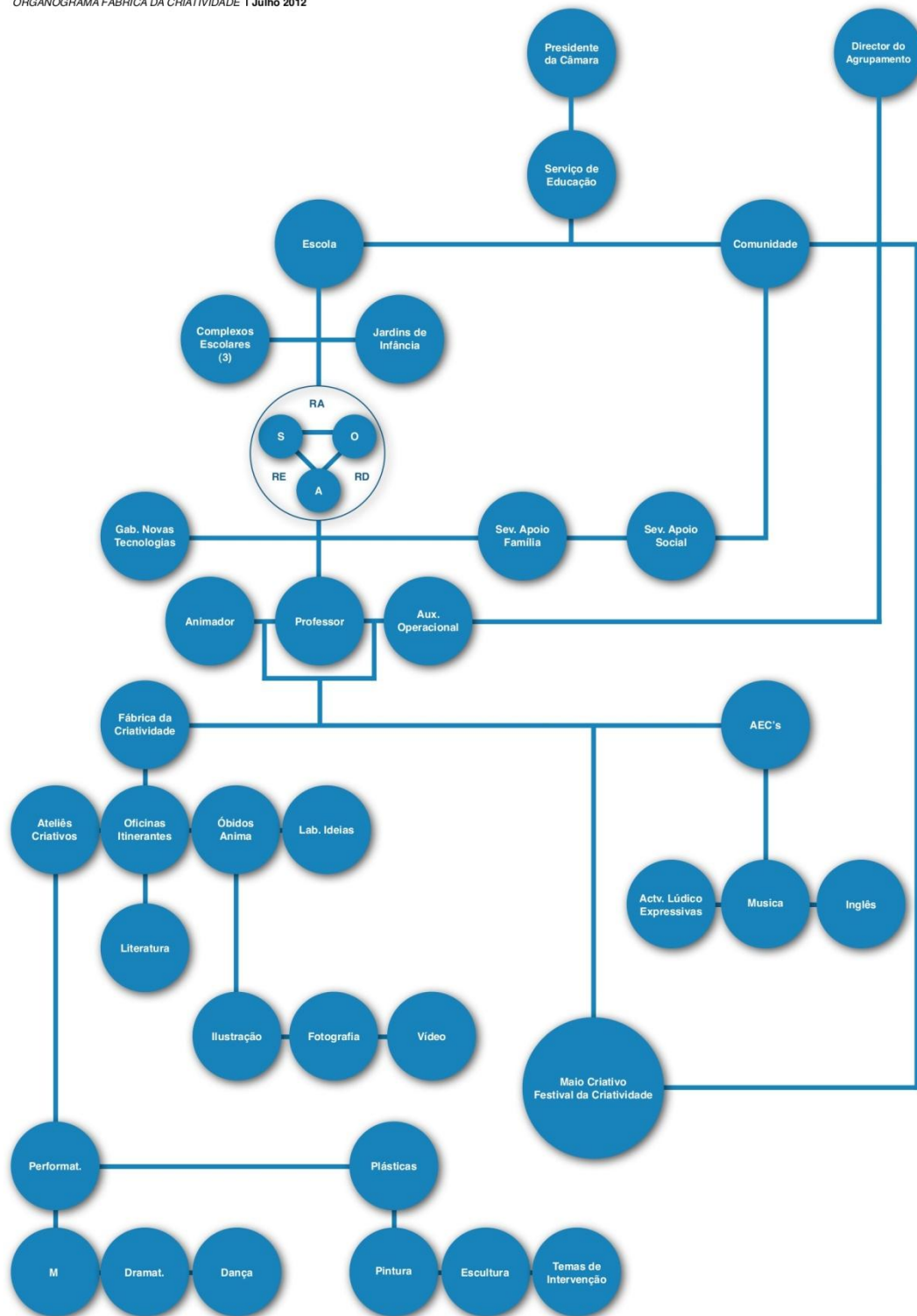
gógicos, que queremos implementar nas escolas. Tentar recriar a escola pública é uma façanha difícil e complexa mas que acho que vale muito a pena fazer num país como o nosso, habituado a modelos centralizadores na educação.

Organograma municipal da criatividade, elaborado em Setembro de 2012 (PDF)



Organograma da Fábrica da Criatividade, elaborado em Setembro de 2012

ORGANOGRAMA FÁBRICA DA CRIATIVIDADE | Julho 2012



Folheto Maio Criativo, p. 1

# MAIO CRIATIVO

O MAIO CRIATIVO É UM EVENTO DIFERENTE DAS OUTRAS REALIZAÇÕES PELAS QUAIS ÓBIDOS É UMA REFERÊNCIA. EM GRANDE MEDIDA PORQUE SE BASEAR NO TRABALHO PRODUZIDO PELAS NOSSAS ESCOLAS, PELO PARQUE TECNOLÓGICO SEM ESQUECER A PARTICIPAÇÃO DE ASSOCIAÇÕES E CIDADÃOS QUE SE ENVOLVEM EM CAUSAS E PROJETOS.

QUEREMOS QUE O MAIO CRIATIVO SEJA MAIS UMA ETAPA DO PROCESSO DE DISSEMINAÇÃO DA CRIATIVIDADE ENQUANTO VALOR FUNDAMENTAL DO NOSSO POSICIONAMENTO. É UM EVENTO QUE PROCURA ENSEJAR A LER O MUNDO, NAS LINHAS E NAS ENTRELINHAS, PROCURANDO ANTECIPAR MUDANÇAS QUE SE AFIGURAM E QUEM SABE, CRIAR ALGUMAS.

O PROGRAMA É AMBICIOSO, VASTO, EXPERIMENTAL E NÃO PROCURA ESPETADORES... QUEREMOS QUE AQUELES QUE AQUI CHEGAM SAIAM INSPIRADOS, PELO MENOS... A SE TORNAREM CRIADORES, EXPERIMENTADORES, REALIZADORES DE ALGUM SONHO OU PROJETO.

O MAIO CRIATIVO É TAMBÉM O INÍCIO DE UM NOVO CICLO DA CRIATIVIDADE EM ÓBIDOS COM A ABERTURA DO EPIC - ESPAÇO PROMOÇÃO DA INOVAÇÃO E CRIATIVIDADE, BEM À ENTRADA DA VILA. SERÁ UM ESPAÇO PARA EMPRESAS E COMÉRCIO QUE FAÇAM DA CRIATIVIDADE O FATOR DIFERENCIADOR E O MOTOR DO SEU NEGÓCIO.

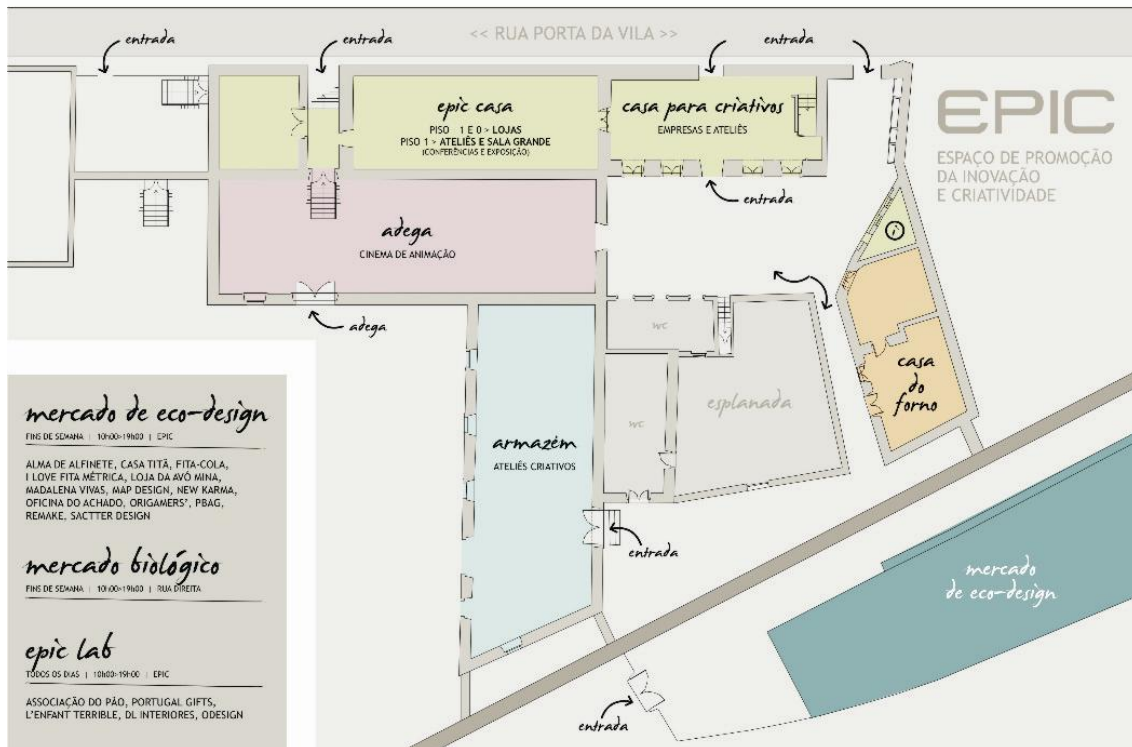
DA IDEIA AO PRODUTO, DO PROJETO AO MERCADO, DOS SONHOS ÀS CONQUISTAS, ESTE É UM EVENTO QUE NOS POSICIONA ENQUANTO COMUNIDADE SUSTENTÁVEL, CRIATIVA E EMPREENDEDORA.



31 dias de maio em óbidos



WWW.CM-OBIDOS.PT



**mercado de eco-design**  
 FINE DE SEMANA | 10:00-19:00 | EPIC  
 ALMA DE ALFINETE, CASA TITÁ, FITA-COLA, I LOVE FITA MÉTRICA, LOJA DA AVÓ MINA, MADALENA VIVAS, MAP DESIGN, NEW KARMA, OFICINA DO ACHADO, ORIGAMIERS, PBAG, REMAKE, SACTTER DESIGN

**mercado biológico**  
 FINE DE SEMANA | 10:00-19:00 | RUA DIREITA

**epic lab**  
 TODOS OS DIAS | 10:00-19:00 | EPIC  
 ASSOCIAÇÃO DO PÃO, PORTUGAL GIFTS, L'ENFANT TERRIBLE, DL INTERIORES, ODESIGN



Conferência Internacional Óbidos Criativa, p. 1

ÓBIDOS

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM CONTEXTOS DE PARTICIPAÇÃO E CRIATIVIDADE

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL ÓBIDOS CRIATIVA

27 e 28 junho 2012 epic

Próximo ao promotor da inovação e criatividade

INSCRIÇÕES EM:  
<http://www.cm-obidos.pt/ciiccp>

MUNICÍPIO DE ÓBIDOS

GE

## Conferência Internacional Óbidos Criativa, p2

<b>27 DE JUNHO</b>	 <p><b>09h00</b> <b>RECEÇÃO DOS PARTICIPANTES</b></p> <p><b>09h30</b> <b>SESSÃO DE ABERTURA</b> Ministro da Educação (presença a confirmar) Presidente da Câmara Municipal de Óbidos Director do Agrupamento de Escolas Josefa de Óbidos</p> <p><b>10h15</b> <b>APRESENTAÇÃO E ASSINATURA DO PLANO ESTRATÉGICO PARA A EDUCAÇÃO DE ÓBIDOS</b> Telmo Faria, Presidente da Câmara Municipal de Óbidos Fernando Jorge, Director do Agrupamento de Escolas Josefa de Óbidos</p> <p><b>10h30</b> <b>CONFERÊNCIA DE ABERTURA</b> Natércio Afonso, Instituto de Educação - Universidade de Lisboa</p> <p><b>10h45</b> <b>PAUSA PARA CAFÉ</b></p> <p><b>11h00</b> <b>APRESENTAÇÃO DA ABORDAGEM ÓBIDOS CRIATIVA</b> Ana Sofia Godinho, Município de Óbidos Miguel Oliveira, Escola Superior de Educação de Leiria Helena Cardoso e Fátima Santos, Educadoras do Jardim de Infância do Arelho (Óbidos)</p> <p><b>REFLEXÕES EM TORNO DA ABORDAGEM REGGIO EMILIA</b> Simona Bonilauri, Pedagoga e Marina Mori, Formadora de professores - Instituto de Creches e Jardins de Infância do Município de Reggio Emilia</p> <p><b>MODERADOR:</b> José Brites Ferreira</p> <p><b>13h00</b> <b>PAUSA PARA ALMOÇO</b></p> <p><b>14h30</b> <b>APRESENTAÇÃO DA PEDAGOGIA-EM-PARTICIPAÇÃO</b> Júlia Formosinho, Associação Criança</p> <p><b>MODERADORA:</b> Clarinda Barata</p>
<b>28 DE JUNHO</b>	<p><b>15h15</b> <b>PROJECTO PROCUR: UM PERCURSO DE INVESTIGAÇÃO E INOVAÇÃO CURRICULAR NA EDUCAÇÃO BÁSICA</b> Luísa Alonso, Professora Associada do Instituto de Educação da Univ. do Minho</p> <p><b>ABORDAGEM DE PROJETO NA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR</b> Maria Elisa Leandro, Professora aposentada da Escola Superior de Educação de Lisboa</p> <p><b>MODERADORA:</b> Rita Alves</p> <p><b>16h30</b> <b>PAUSA PARA CAFÉ</b></p> <p><b>16h45</b> <b>CONFERÊNCIA DE ENCERRAMENTO</b> Joaquim Formosinho, Universidade do Minho</p> <p><b>17h30</b> <b>MOMENTO CULTURAL</b></p> <p><b>EXCLUSIVO PARA DOCENTES DO AGRUPAMENTO DE ESCOLAS JOSEFA DE ÓBIDOS /</b></p> <p><b>09h30</b> <b>REUNIÃO DA COMISSÃO CIENTÍFICA DA ABORDAGEM ÓBIDOS CRIATIVA</b></p> <p><b>09h30</b> <b>APRESENTAÇÃO DE PROJECTOS DESENVOLVIDOS NA ABORDAGEM REGGIO EMILIA</b> Simona Bonilauri, Pedagoga e Marina Mori, Formadora de professores - Instituto de Creches e Jardins de Infância do Município de Reggio Emilia</p> <p><b>14h00</b> <b>SESSOES PARALELAS:</b></p> <p><b>&gt;&gt; Educadores de Infância</b> <b>AVALIAÇÃO EM CONTEXTOS SOCIO-CONSTRUTIVISTAS</b> Graça Cardoso, Subdirectora do Agrupamento de Escolas de Oliveirinha e Presidente da Direcção do Centro Social de Azurva</p> <p><b>&gt;&gt; Professores de 1º Ciclo do Ensino Básico</b> <b>PRÁTICAS CONSTRUTIVISTAS NO 1.º CEB:</b> <b>PROJECTO "A DESCOBERTA DE DEGAL"</b> Joana Simões, Professora do 1º CEB na Escola Básica da Quinta do Alçada - Agrupamento de Escolas dos Marrazes - Leiria</p>